

**Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ**  
**Programa de Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde**

**JOSIANE SILVA DE ALCÂNTARA**

**VITRINE DAS CIÊNCIAS:**  
**A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NAS REVISTAS CARIOCAS**  
***KÓSMOS, SÉCULO XX E RENASCENÇA (1904-1909)***

**Rio de Janeiro**  
**2016**

**JOSIANE SILVA DE ALCÂNTARA**

**VITRINE DAS CIÊNCIAS: A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA  
NAS REVISTAS CARIOCAS *KÓSMOS*, *SÉCULO XX* E  
*RENASCENÇA* (1904-1909)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Kaori Kodama

Rio de Janeiro  
2016

# **JOSIANE SILVA DE ALCÂNTARA**

## **VITRINE DAS CIÊNCIAS: A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NAS REVISTAS CARIOCAS *KÓSMOS*, *SÉCULO XX* E *RENASCENÇA* (1904-1909)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Kaori Kodama – Orientador (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Moema de Rezende Vergara (Museu de Astronomia e Ciências Afins)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Dominichi Miranda de Sá (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz)

### **Suplentes**

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Rachel de Gomensoro Fróes da Fonseca (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mônica Pimenta Velloso (Fundação Casa de Rui Barbosa)

Rio de Janeiro  
30 de maio de 2016

A347v Alcântara, Josiane Silva de.

Vitrine das ciências: a divulgação científica nas revistas cariocas *Kósmos*, *Século XX* e *Renascença* (1904-1909) / Josiane Silva de Alcântara. – Rio de Janeiro: s.n., 2016.

148 f.

Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2016.

1. Comunicação e Divulgação Científica – História. 2. Publicações Periódicas como Assunto – História. 3. Intelectuais. 4. Brasil.

CDD 507

*À Iodicéia Silva de Souza (in memoriam),  
minha querida avó, com todo amor, gratidão e  
saúde.*

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à minha orientadora, Kaori Kodama, por todo o profissionalismo, pela atenção, por ter confiado no meu trabalho, por todo o aprendizado que compartilhou comigo e ter me apoiado nos momentos em que eu precisei. Lembrarei sempre com carinho destes vinte e quatro meses de trabalho conjunto. Foi maravilhoso tê-la como orientadora.

Aos professores que me ajudaram ao longo da confecção deste trabalho. Desde aqueles que estavam comigo no cotidiano das aulas, passando pelos que compuseram a banca de qualificação, e os que, muito gentilmente, me receberam em suas salas para me indicar os melhores caminhos para construir a minha dissertação.

Às instituições às quais eu recorri: agradeço aos funcionários da secretaria da COC/FIOCRUZ, e aos funcionários da Biblioteca Nacional e da Biblioteca e Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

Aos queridos colegas que o mestrado me legou (que muito me ensinaram sobre companheirismo no meio acadêmico): Mariana, Maria Cecília, Gisele, Fernanda, Larissa, Leandro, Luiz, Otto, Anderson, Pedro, Rodrigo, Daniel, Lissandra, Aline e Igor.

À equipe BEG, meus amados colegas de trabalho (Jane, Margarete, Cida, Cris, Beto Crespo, Roberto Mauro, Bruno, Bruna, Marcos, Bia), pelo apoio frequente – vocês foram um sustentáculo, muitas vezes essencial, para eu seguir em frente neste projeto...

À minha mais querida amiga, Joice Soltosky, por entender as minhas ausências e estar sempre comigo, me apoiando e me fazendo rir – até nos momentos mais caóticos (rs).

À minha família pelo apoio e compreensão, principalmente nos momentos de ausência, visível estresse e diante da nossa maior perda. Jacira, Adalberto, Andrew, Weverton e Dayse, nossos laços são indissociáveis, construídos com amor e respeito. Obrigada por serem delicados com a minha situação.

E por fim, certamente o mais importante dos agradecimentos, ao meu companheiro e grande amor, Eduardo Alves, pelo afeto incondicional, pelo apoio ao longo destes doze anos juntos, por confiar na minha capacidade (mesmo quando nem eu confio...), por estar sempre ao meu lado (me animando, me acarinhando, me escutando, ou, simplesmente, me dando um silencioso e significativo abraço – onde leio “tudo ficará bem”). Amo-te e sou muito grata e feliz de tê-lo sempre ao meu lado.

*“A atividade humana aumenta, n’uma progressão pasmosa. Já os homens de hoje são forçados a pensar e a executar, em um minuto, o que seus avós pensavam e executavam em uma hora. A vida moderna é feita de relâmpagos nos cérebros, e de rufos de febre no sangue. O livro está morrendo, justamente porque já pouca gente pode consagrar um dia todo, ou ainda uma hora toda, a leitura de cem páginas impressas sobre o mesmo assunto. Talvez o jornal futuro, -- para atender à pressa, à ansiedade, à exigência furiosa de informações completas, instantâneas e multiplicadas, -- seja um jornal falado, e ilustrado com projeções animatográficas, dando, a um só tempo, a impressão auditiva e visual dos acontecimentos, dos desastres, das catástrofes, das festas, de todas as cenas alegres e tristes, serias ou fúteis, d’esta interminável e complicada comédia, que vivemos a representar no imenso tablado do planeta...”*

*(Olavo Bilac. Chronica. **Kósmos**. Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 7-9, jan. 1904).*

## RESUMO

O presente trabalho busca analisar a divulgação científica veiculada pelas revistas de cultura geral, com enfoque científico-literário, *Kósmos*, *Renascença* e *Século XX*. Estas revistas circularam no Rio de Janeiro entre 1904 e 1909, e tinham como objetivo cobrir o projeto de modernização urbana da Capital Federal. Com a colaboração de reconhecidos intelectuais dos principais institutos culturais do país – em especial a Academia Brasileira de Letras, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a Academia Nacional de Belas Artes – estas revistas buscaram produzir sensibilidades em seus leitores que referenciam uma ideologia de progresso, que passava especialmente pelo campo científico, como forma de pensar a produção da modernidade e da nação. *Kósmos*, *Renascença* e *Século XX* procuraram representar a ciência em posição central, expondo, desta forma, o processo de profissionalização e institucionalização da ciência brasileira entre o final do século XIX e início do século XX. Assim, estas revistas investiram em uma divulgação da ciência que utilizou uma linguagem muito próxima daquela usada por seus praticantes, concebendo que os seus interlocutores dispunham de uma formação culta com interesses em ciências como forma de distinção. Os colaboradores em ciências foram, principalmente, cientistas e boa parte dos seus textos versaram sobre o próprio meio científico, construindo para si identidades que vão significar a ciência e seus atores como missionários, especializados e necessários para eliminar certos entraves que impediam a inserção do país no concerto das grandes nações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Divulgação científica. Intelectuais. Revistas - Rio de Janeiro.



## ABSTRACT

This study aims to analyze the scientific popularization transmitted by the magazines of general culture, with scientific and literary approach, *Kósmos*, *Renascença* and *Século XX*. These periodicals circulated in Rio de Janeiro between 1904 and 1909, and aimed to cover the urban modernization project of the Federal Capital. With the collaboration of intellectuals of the major cultural institutions of the country - especially the Brazilian Academy of Letters, the Brazilian Historical and Geographical Institute and the National Academy of Fine Arts - these magazines have sought to produce meanings in your readers that referenced an ideology of progress, which passed by the scientific field, as a way of thinking about production of modernity and the nation. *Kósmos*, *Renascença* and *Século XX* sought to represent science in central position, exposing the process of professionalization and institutionalization of Brazilian science in the late nineteenth and early twentieth century. Thus, these magazines have invested in a popularization of science that used a very similar scientific practitioners' language, allowing that their interlocutors had an interest in science as a means of distinction. The intellectuals who talked about science were mainly scientists and most of the texts were about this field itself, building identities that will mean science and its actors as missionaries, specialized and relevant to eliminate some obstacles to including the country in the concert of great nations.

KEY-WORDS: Science Popularization. Intellectuals. Magazines – Rio de Janeiro (Brasil).

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### QUADROS

Quadro 1	<b>Panorama do custo de compra de periódicos publicadas no Rio de Janeiro (1900-1910)</b>	p. 58
Quadro 2	<b>Custo de vida na cidade do Rio de Janeiro</b>	p. 59
Quadro 3	<b>Panorama temático das revistas (informações quantitativas)</b>	p. 61
Quadro 4	<b>Conteúdos científicos – Panorama Geral</b>	p. 90

### FIGURAS

Imagem 1	<b>Anúncio, Kósmos, ano 2, n. 12, dez. 1905</b>	p. 63
Imagem 2	<b>Ilustração Brasileira, Rio de Janeiro, n. 35, 1 nov. 1910</b>	p. 82
Imagem 3	<b>Kósmos, ano 2, n. 7, p. 22, jul. 1904</b>	p. 105
Imagem 4	<b>Kósmos, ano 5, n. 2, p. 20, fev. 1908</b>	p. 114
Imagem 5	<b>Kósmos, ano 5, n. 5, p. 31, maio 1908</b>	p. 116
Imagem 6	<b>Kósmos, ano 1, n. 6, p. 41, jul. 1904</b>	p. 117
Imagem 7	<b>Kósmos, ano 1, n. 7, p. 42, jul. 1907</b>	p. 119
Imagem 8	<b>Kósmos, ano 5, n. 4, p. 27, abr. 1908</b>	p. 120

## **LISTA DE SIGLAS**

ABL	Academia Brasileira de Letras
ANBA	Academia Nacional de Bellas-Artes
FMRJ	Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
MN	Museu Nacional do Rio de Janeiro

# SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>12</b>
<b>Capítulo 1. A imprensa carioca na Primeira República: as revistas e seus atores.....</b>	<b>18</b>
1.1. <i>A cidade, as revistas e seu ideal de modernidade.....</i>	22
1.2. <i>Kósmos, Renascença, Século XX: revistas de letras, ciências e artes .....</i>	46
1.3. <i>Seguindo pela Rua do Ouvidor...: editores, diretores e colaboradores .....</i>	64
<b>Capítulo 2. Algumas reflexões acerca da divulgação científica .....</b>	<b>72</b>
2.1. <i>Algumas experiências de mediação científica no raiar do século XX .....</i>	78
2.2. <i>Particularidades da divulgação científica nas páginas de Kósmos, Renascença e Século XX .....</i>	85
2.2.1. <i>Uma forma de escrever sobre ciências .....</i>	87
2.2.2. <i>Os assuntos científicos e seus divulgadores .....</i>	89
2.2.3. <i>Em busca dos leitores .....</i>	93
<b>Capítulo 3. A ciência e as representações sobre a nação .....</b>	<b>99</b>
3.1. <i>Os grandes espetáculos da ciência .....</i>	100
3.2. <i>Imagens de um grupo seleta: os homens de ciência e suas instituições .....</i>	104
3.3. <i>Produções de uma nação .....</i>	111
3.3.1. <i>Representações de um território .....</i>	111
3.3.2. <i>A formação de um povo .....</i>	122
<b>Considerações finais .....</b>	<b>127</b>
<b>Referências .....</b>	<b>130</b>
<b>Anexo 1 .....</b>	<b>139</b>

## Introdução

Imagine um cidadão do Rio de Janeiro de 112 anos atrás, que resolveu fazer um *footing* despretenso à tarde na região central da cidade. Bem trajado, acabou de descer do bonde no largo de São Francisco, olhou para frente e avistou a Rua do Ouvidor – movimentada, estreita, cheia dos tipos mais nobres e refinados competindo espaço com aqueles mais populares, conforme as crônicas de Lima Barreto, João do Rio e caricaturistas das revistas de variedade.

Enquanto adentrava o “beco de luxo”, como Luiz Edmundo<sup>1</sup> bem nomeou, olhou para um lado e para o outro, por cima dos chapéus galantes das senhoras, e pousou a sua atenção em cada galeria, em cada item que chegou dos *bateaux* da Europa. Tudo aquilo o seduzia, o instigava a consumir e dava a sensação de distinção.

Durante o percurso, entre um cruzamento e outro, percebeu que naquela quadra onde tinha alguns prédios – a pensão onde hospedou-se quando chegou à cidade, e aquele aonde ficava o seu café favorito, que o fazia sentir-se mais intelectual – só havia escombros. “É a modernidade chegando...”, pensa, um pouco taciturno.

Continuou andando. Olhava as vitrines, naquela enxurrada de referências, e lembrava do cinematógrafo, dos belos prédios que estavam edificando, da ampla avenida que ganhava contorno – ficou desorientado quando se deparou com a Sete de Setembro e enfrentou uma grande artéria construída a todo vapor -- dos engenheiros confabulando sobre o progresso entre as marretas dos operários. Este “maravilhoso cenário de civilização” lhe fez lembrar das visitas aos museus, às academias, às faculdades, aos fotoclubes e aos pavilhões das monumentais exposições que se tornavam mais modernos, emblemas dos *novos tempos*...

Continuou seguindo em frente e, entre uma fachada e outra, parou diante de uma livraria, que lhe chamou atenção pela vitrine suntuosa. Diversos livros estavam expostos, e notou que, entre eles, havia uma rodinha de homens notáveis, conversando entre a fumaça dos charutos, tratando de uma gama de assuntos: literatura, ciências naturais, arquitetura, fotografia, história, sociologia, os novos territórios, a memória daquelas mentes pensantes de outrora... *Eufórico* com a cena, decide puxar uma cadeira, sentar-se e acompanhar os debates.

O *footing* na rua do Ouvidor descrito acima, na verdade, até onde sabemos, nunca aconteceu realmente, mas sim por vias da leitura. Esta pequena cena foi inspirada nas referências legadas por três revistas de cultura geral, com enfoque científico-literário, que

---

<sup>1</sup> EDMUNDO, Luiz. **O Rio de Janeiro do meu tempo**. Brasília: Senado Federal, 2003.

apareceram no Rio de Janeiro na primeira década de 1900. São elas *Kósmos* (1904-1909), *Renascença* (1904-1908) e *Século XX* (1905-1906), revistas que buscaram se portar como uma vitrine das belezas do Brasil, arrolando os mais diversos assuntos e circulando na cidade do Rio de Janeiro tal qual um curioso pedestre extasiado – e, por vezes assustado – com a modernidade, o progresso e a civilização que se procurava operar no espaço e nas sensibilidades urbanas.

Como magazines de *letras – sciências – artes*, assumidamente voltados para as classes abastadas do país, buscavam projetar um futuro do país em pé de igualdade com as potências europeias, e produzir representações de uma nação ansiada e projetos para conformá-la. Integrantes dos *tempos eufóricos*, estes periódicos apresentam um período de intensa atuação do meio intelectual e se inserem em contexto de uma imprensa carioca de caráter mais mundano e diversificado.

Aliando um misto de distinção e cultura geral, estas revistas abordaram uma gama de assuntos para falar da *Belle-Époque* carioca e aproximar o seu leitor – pré-concebido como homem, urbano e versado em *letras e sciências* – do inexorável e ansiado movimento de modernização e civilização do país, apresentando-o a conteúdos científicos, literários e artísticos das mais prestigiadas e competentes penas do momento.

No presente trabalho, nossa atenção repousa na divulgação científica que ocorre nestas revistas, tendo em vista sua crença em uma ideologia do progresso e nos ‘missionários’ da ciência, o encantamento com as inovações técnicas que tomam as ruas e adentram as casas e a vida cotidiana, e o entusiasmo com os ‘melhoramentos’ no cenário urbano. Tais aspectos, presentes na imprensa carioca da primeira década do século XX, revelam o olhar e as apreensões dos intelectuais em captar o ritmo acelerado e o impacto das ações de determinados atores, especialmente aqueles de âmbito técnico-científico, na dinâmica cultural do momento.

*Kósmos*, *Renascença* e *Século XX* tinham o propósito de acompanhar as mudanças no espaço urbano e social da cidade em suas páginas. E, ao divulgar as ciências, as artes e a literatura, procuram outorgarem-se como arautos oficiais desses *novos tempos*. Representantes do seu momento histórico, marcado pela necessidade de produzir uma imagem de país moderno e civilizado, estas revistas expõem suas complexidades, ao procurar debater as principais questões nacionais e, ao mesmo tempo, exibir uma nação apta a participar do cenário internacional, ao lado das grandes potências que são seus modelos. Neste papel de

*vitrine*<sup>2</sup>, estes magazines articularam um design gráfico esmerado, sendo consideradas pelos pesquisadores da área como exemplos de uma forma mais sofisticada de fazer imprensa, seguindo um modelo já reconhecido no cenário jornalístico brasileiro, no intuito de conquistar um determinado público consumidor: aquele alfabetizado, culto, do cenário urbano brasileiro.

O interesse em representar a modernidade é tamanho, que as próprias revistas se reconheceram como materialização de um ideal, mais visual, de modernidade e progresso. *Kósmos*, *Século XX* e *Renascença* foram impressos em cores, em papel couché, preferiram a fotografia em detrimento das populares caricatura e litogravura, seguiram o estilo *art-nouveau*, e circularam nos principais centros urbanos do país. Tal investimento em uma visualidade gráfica esmerada foi vista como uma forma de prestar serviço de propaganda do país, seguindo um modelo de representação do Brasil no exterior próximo àquele presente nas publicações que acompanham os programas oficiais de propaganda e expansão econômica.

Eram magazines produzidos pelos mais prestigiados *homens de letras e ciências*, contando com colaboradores vinculados, principalmente, à Academia Brasileira de Letras (ABL), à Academia Nacional de Belas-artes (ANBA) e ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Nestas páginas, nosso interesse recai, especificamente, nas formas como os colaboradores dos magazines *Kósmos*, *Século XX* e *Renascença* apresentaram a ciência aos leitores, buscando analisar como estas representações estiveram atreladas aos discursos de modernidade e civilização da nação, tendo em vista que tais representações podem expor anseios e perspectivas historicamente situadas.

No caso destas revistas, fica evidente que seus projetos gráficos e a seleção de determinados conteúdos de ciência, artes e literatura são elementos que integram o conjunto de sensibilidades, ditas modernas, que os intelectuais ansiavam produzir para o seu público leitor. Analisa-las é tentar recuperar parte desses anseios, e nos permite entender como esses intelectuais viam o próprio grupo, se colocavam na dinâmica cultural, e, principalmente, como ideias e projetos de nação foram produzidas por este grupo.

---

<sup>2</sup> Inspirado na expressão “vitrines do progresso”, apresentada pela historiadora Margarida de Souza Neves, ao tratar das exposições universais e a presença da ideologia de progresso que marca o contexto brasileiro do final do século XIX e até a década de 1920. Esta ideologia, construída sobre a relação civilização e progresso, era calcada em pressupostos teórico-filosóficos formulados por Herbert Spencer, Charles Darwin, a escola alemã pós-kantiana, Saint-Simon, Augusto Comte, entre outros. NEVES, Margarida de Souza **As vitrines do progresso**: o conceito de trabalho na sociedade brasileira na passagem do século XIX para o XX, a formação do mercado de trabalho na cidade do Rio de Janeiro. Relatório de pesquisa PUC-Rio/FINEP. Rio de Janeiro: FINEP, 1986.

Como nos lembra Chartier<sup>3</sup>, as representações são forjadas pelos grupos de acordo com os seus interesses, daí a necessidade de entender as relações entre os discursos e as posições dos sujeitos que os constroem, atentando para determinadas estratégias e práticas que os envolvem, e, principalmente, às ‘lutas de representação’ engendradas por um determinado grupo que impõe, ou tenta impor, seus valores e suas concepções sobre o mundo social.

Ao escolher a divulgação da ciência em revistas como objeto de estudo, tem-se em vista que esta atividade, longe de ser isenta, é produtora de sentidos sobre a vida social, e suas narrativas interpelam os indivíduos. Desta forma, o interesse em investigar estas produções na imprensa, entre 1900 e 1910, está, principalmente, na possibilidade de examinar a mediação da ciência e o engendramento de representações dos *missionários do progresso*.<sup>4</sup> E, especialmente, como problematizaram as principais questões do país, selecionando conteúdos de ciência que não interferissem nas suas representações ideais de nação.

Olhar para este período é oportuno, justamente pela necessidade de reexaminar este projeto de modernização construído para o país, revisitando os seus paradigmas, seus componentes básicos, seus desdobramentos, à luz da participação dos intelectuais na construção deste ‘Brasil que se pretendia moderno’. Ao lidar com a Primeira República e seu ideal de modernidade, é necessário analisar a presença dos saberes técnicos-científicos na conformação deste ideário, percebendo a participação dos cientistas na elaboração de projetos que objetivavam normatizar os corpos e as mentes, e organizar o espaço urbano.

Este é o contexto de aparecimento de novos papéis para os intelectuais, e, principalmente, de novas identidades para este grupo, acompanhado da profissionalização da atividade intelectual. Há a crítica ao bacharelismo e ao estilo retórico e enciclopédico cultuado, até então, como características dos homens de letras. E, sobretudo, há o fortalecimento da participação do intelectual especializado, o cientista, na dinâmica cultural,

---

<sup>3</sup> CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 11, n. 5, p. 173-191, 1991.

<sup>4</sup> HERSCHMANN, Micael M.; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. O imaginário moderno no Brasil. In: \_\_\_\_\_. **A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. P. 09-42. NEVES, Margarida de Souza. Ciência, civilização e República. In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antônio Augusto Passos (Org.). **Ciência, civilização e república nos trópicos**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. P. 31-44. Em ambos os trabalhos os autores apontam a participação dos cientistas, que ocupando diferentes posições políticas e ideológicas no discurso do Estado, de forma que engenheiros, médicos-sanitaristas, cientistas naturais, educadores, etnógrafos e outros intelectuais especialistas foram identificados como ‘agentes da modernização’, ‘artífices do progresso’.



que vai, gradativamente, substituir o literário junto ao Estado, assumindo papéis de decisão e legitimação de ações políticas e sociais<sup>5</sup>.

A relevância em problematizar tais representações ampara-se na possibilidade de identificar preocupações que não necessariamente estariam alinhadas a um desejo de formar ou divulgar a ciência para o povo, principalmente às classes populares. Sendo estas revistas produzidas por uma elite letrada e direcionada para esta mesma elite, elas podem revelar práticas de mediação científica, que buscavam produzir tradição e prestígio para a ciência, e com isto inscrever o processo de institucionalização e profissionalização em curso no meio científico.

Como objetivo geral da pesquisa, pretendeu-se analisar as representações da ciência, construídas nas páginas das revistas *Kósmos*, *Século XX* e *Renascença*, tendo em vista a produção de ideais de modernidade e progresso da nação. Buscou-se, especificamente: identificar os intelectuais que participaram dos projetos editoriais de interesse, atentando para as suas redes de sociabilidade; mapear quais assuntos científicos foram selecionados e veiculados pelos periódicos estudados, e, quando possível, averiguar quais foram excluídos das revistas; e entender como foi operada a divulgação científica nestes magazines, perante ambiente diversificado da imprensa carioca na Primeira República.

Inferimos que estas revistas operaram uma divulgação científica que referencia os anseios do meio intelectual, articulando um tipo de escrita sobre ciência que evidenciou a atuação do cientista na dinâmica cultural, especialmente como propositor de projetos para a nação. E que esta divulgação, que ocorreu em momento de diversificação da mediação da ciência na imprensa carioca, não se orientou por um interesse de popularizar a ciência e levá-la a diferentes públicos. Mas sim cumprir a missão “auto atribuída” pelos intelectuais de expor os conhecimentos produzidos em espaços especializados e por intelectuais-especialistas, como uma forma de projetar uma nação moderna e buscar um apoio social para as suas ações junto a uma audiência específica: leitores cultos e integrantes das classes mais abastadas.

A presente dissertação está organizada em três capítulos, onde se buscou examinar as relações entre *intelectuais*, *imprensa* e a *divulgação científica* para melhor entender estas revistas como *vitrines das ciências*: um espaço simbólico para expor a ciência nacional -- suas práticas e seus conhecimentos -- como emblemas de modernidade, progresso e nacionalidade,

---

<sup>5</sup> SÁ, Dominichi Miranda de. **A ciência como profissão**: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935). Rio de Janeiro: Ed. da Fiocruz, 2006. SUSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo das letras**: literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 1987. NEVES. *op. cit.* HERSCHMANN; PEREIRA. *op. cit.*

com fortes conexões com uma cultura de valorização da ciência, onde o seu consumo era um elemento de distinção.

No primeiro capítulo, é apresentado o panorama sociocultural carioca da primeira década do século XX, a partir do prisma dos cronistas das três revistas analisadas, buscando entender quais os projetos destes periódicos e como eles se colocam perante as ações do governo em prol da modernização do Rio de Janeiro. Dentro deste quadro, procurou-se analisar as relações entre o contexto e as características da imprensa carioca em 1900, buscando entender os sentidos culturais dos projetos de revistas de cultura geral à luz dos seus momentos de circulação, evidenciando o forte caráter elitizado das suas folhas no que diz respeito à produção e ao consumo. E também apresentamos o perfil intelectual das revistas, e as especificidades deste grupo em torno destas revistas, especialmente, enquanto mediadores culturais.

A divulgação científica como uma ação comunicativa, à luz da história das ciências, em especial aquela que discute as relações entre empreendimentos de mediação da ciência para público não-especializado, foi o assunto do segundo capítulo. Nesta seção buscou-se problematizar a atividade divulgadora, atentando para a sua presença no contexto brasileiro e na conformação de um espaço público para ciência, tratando, especialmente, as características da divulgação realizada por *Kósmos*, *Renascença* e *Século XX*, passando pela forma de comunicar, os mediadores, os assuntos e seu público.

No terceiro capítulo foram analisadas as representações da ciência e de seus atores, buscando identificar as inter-relações entre este campo, o ideário de modernidade e as produções de nação. Foram enfocadas aquelas imagens que discutiam o próprio meio científico e as noções de ‘Brasil’, em particular aquelas que compreendiam uma unidade territorial, uma língua e uma história nacional e, sobretudo, a valorização e fortalecimento da ciência local.

Cabe dizer que o interesse geral foi apresentar a divulgação como uma ação de produção de sentidos e que, longe de ser neutra, a mediação empreendida por *Século XX*, *Kósmos* e *Renascença* buscou inserir o seu leitor em uma complexa rede de sensibilidades e imaginações sobre a modernidade.

## Capítulo 1 - A imprensa carioca na Primeira República: as revistas e seus atores

Ao nos debruçarmos sobre a imprensa da primeira década do século XX, a primeira característica que nos chama a atenção é a grande segmentação do mercado de periódicos.

Jornais diários, com média de quatro folhas, letras pequenas, inúmeros anúncios e espaço para a fala do povo. Revistas semanais de variedade, de caráter mundano, com caricaturas, linguagem divertida, texto mais rápido, leitura amena, *flânerie* da cidade. Revistas mensais de cultura geral, páginas impressas em papel de alta-qualidade em cores, com fotografia, escrita e apresentação sofisticada. Almanques com as informações que se supunha que o leitor precisaria, sem perder de vista os debates literários e científicos do momento. Jornais, revistas, almanques, de diferentes tipografias, diferentes projetos editoriais, feitos para diferentes públicos.

No cenário carioca, as revistas inundam o panorama cultural da cidade. São revistas literárias, revistas artísticas, revistas científicas, revistas de clubes e associações; revistas para crianças, mulheres, homens, e para toda a família; magazines para a elite letrada, para os suburbanos, para operários; revistas para os ilustres frequentadores da rua do Ouvidor ou da Avenida, ou para aqueles que pegam o bonde, ou vão à Exposição Nacional, ou gostam de teatro e de assistir ao cinematógrafo. Enfim, são revistas para a leitura de diferentes grupos e tipos sociais, feitas por “uma ilha de letrados em um mar de analfabetos”, usando frase clássica de José Murilo de Carvalho<sup>6</sup>.

A primeira década de 1900 expõe um panorama social complexo, conforme a historiografia do período apresenta. Aqui podemos citar o aperfeiçoamento do mercado de impressos, os impactos das descobertas técnico-científicas na vida cotidiana, a especialização e profissionalização do intelectual, a emergência de novos públicos e com ele novas demandas, as reivindicações por cidadania, as sensibilidades em torno de novos hábitos e sociabilidades...

O momento histórico o qual se pretende estudar é marcado por tensões no tecido social brasileiro. E, olhar para a imprensa – que se pretendia mais industrial e competitiva –, os intelectuais – que se profissionalizavam e demandavam mudanças das estruturas socioculturais do país –, e, especialmente, analisar a participação da ciência – dentro de um

---

<sup>6</sup> CARVALHO, José Murilo. **Os bestializados**: o Rio de Janeiro e a república que não foi. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 2010. P. 65.

projeto civilizatório e modernizador –, põe em destaque um quadro conformado por múltiplos discursos, que delineiam uma sociedade engendrada por contradições.

Pelo olhar da imprensa, dentro de um contexto que Martins e Luca<sup>7</sup> classificam como *tempos eufóricos da imprensa republicana*, podemos circular pela Capital Federal, que ostentava o lema Ordem e Progresso, e alardeava as conquistas técnicas do novo século, não perdendo de vista a marcha rumo à ‘civilização’ do país, expressa, principalmente, na ‘regeneração’ do seu espaço urbano. No entanto, nessas mesmas páginas, através do discurso direto ou indireto, o país, que pretendia figurar no rol das grandes nações, permanecia oligarca, monocultor, analfabeto e excludente.

Tanto o entusiasmo quanto a descrença nesse projeto modernizador figuram nas páginas dos periódicos publicados no Rio de Janeiro na primeira década do século XX. A cidade é a principal protagonista, que nas revistas semanais é delineada a partir dos seus tipos populares e na vida acelerada da modernidade, e nos magazines de cultura geral através dos *boulevards* em construção e nas sociabilidades da elite.

Cada projeto editorial das revistas procurará acompanhar e inserir o seu leitor nos *novos modos*, que servem de pano de fundo para as suas produções. Literatura, artes, ciências, conteúdos mundanos ou conhecimentos classificados como úteis, caráter mais acadêmico ou popular, tom irônico ou mais formal. Enfim, uma gama de formas de escrita e assuntos foram veiculados pelas revistas, incorporando discursos e produzindo sensibilidades sobre o moderno.

Caminhar pelos programas das principais revistas cariocas do momento nos ajuda a visualizar a diversidade de projetos, concepções e anseios acerca da cidade. Conforme os intelectuais boêmios, *flanar* pelas publicações, nos permite contatar brevemente o quadro sociocultural e intelectual em que se insere nosso objeto de estudo.

Como a historiografia aponta, na primeira década do século XX surgem diversas revistas, evidenciando o fortalecimento do mercado editorial de publicações periódicas à luz da complexificação do tecido social<sup>8</sup>. Concomitante à circulação de revistas de luxo que seguiam um padrão internacional, houve o estabelecimento de revistas de variedades como

<sup>7</sup> MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. Introdução: pelos caminhos da imprensa no Brasil. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. P. 11.

<sup>8</sup> BARBOSA, Marialva. Imprensa e encenações de modernidade no início da República. **A Vivência**: Revista de Antropologia, Natal, n. 38, p. 129-142, 2011. BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil – 1900**. Rio de Janeiro: Liv. José Olympio, 1975. (Coleção Documentos Brasileiros; v. 108). LINS, Vera. Em revistas, o simbolismo e a virada de século. In: OLIVEIRA, Cláudia; VELLOSO, Mônica Pimenta; LINS, Vera. **O moderno em revistas**: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. P. 15-41. MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revistas**: imprensa e práticas culturais em tempos de república, São Paulo (1890-1922). São Paulo: EdUSP, 2008.

‘outdoors’ da modernidade, além de experiências editoriais com caráter mais pedagógico, buscando um segmento mais popular. Então, caminharemos por algumas delas, todas publicadas entre 1900 e 1910, nesta parte introdutória.

A revista *Ilustração Brasileira*, publicada em Paris a partir de 1901, se propõe estreitar os laços entre o novo e o velho mundo, em contexto em que “toda a humanidade confraterniza no esforço da mesma civilização”. E complementa:

*Afastando paixões de toda espécie, polêmicas estereis e irritantes, só procuraremos acompanhar, como cronistas cuidadosos e conscienciosos, o desenvolvimento da nossa pátria, historiando os seus progressos, registrando as suas glórias, arquivando a memória dos seus homens ilustres de todos os tempos, documentando enfim, de uma maneira clara e interessante, o importantíssimo período de transformação que o Brasil atravessa<sup>9</sup>.*

Em sua segunda fase, publicada no Rio de Janeiro em 1909, a revista procura enquadrar uma vida moderna, tendo como referência a elite carioca, e orientou-se pelos padrões europeus e norte-americano, justificando-se que as trocas de ideias, sugestões e exemplos seriam essenciais para em um cenário civilizado. Desta forma, seu programa diz pretender divulgar modelos europeus, que são dignos de cópia, da mesma forma que se propõe a disseminar o país nos principais centros do mundo<sup>10</sup>.

As revistas semanais e humorísticas são icônicas nesse momento. A *Fon-fon* oferece uma pequena corrida, com poucos custos e sem excesso de velocidade, com os melhores e mais queridos *chauffeurs* boêmios, que acompanham o leitor pela conhecida avenida, tocando os problemas graves -- e mais graves -- da vida com humor, pilhéria e glosa inofensiva<sup>11</sup>. A *Careta* procurar falar ao público grande – público com P maiúsculo – que garantirá a sua sobrevivência<sup>12</sup>. O *Malho* alega ter como programa fazer rir a todos, sem mais<sup>13</sup>. Nota-se, dentro desta tipologia de magazine, o desejo de falar e conquistar o público em geral, aliando linguagens, custo de venda e projetos editoriais para fixarem-se no mercado nacional de forma duradoura.

As revistas que se propõem mais informativas, buscam cativar o público com os conhecimentos úteis e saberes aplicados. É caso da revista *A Eschola*, que tenciona discutir a escola e o desenvolvimento da instrução pública em momento de regeneração mental e

<sup>9</sup> Redação. *Ilustração Brasileira*, ano 1, n. 1, p. 4, 1901. Segundo Brito Broca (1975), esta revista foi publicada em Paris com o apoio do Barão do Rio Branco, quando cônsul-geral na Europa.

<sup>10</sup> ALBUQUERQUE, Medeiros e. Para começar... *Ilustração Brasileira*, ano 1, n. 1, p. 2-3, 1 jun. 1909.

<sup>11</sup> Freguesia. *Fon-fon*, ano 1, n. 1, p. 4-5, 13 abr. 1907.

<sup>12</sup> Artigo de fundo. *Careta*, ano 1, n. 1, 6 jun. 1908.

<sup>13</sup> *O Malho*, ano 1, n. 1, p. 2, 20 set. 1902.

moral<sup>14</sup>. A *Revista da Semana* pretendia ser um órgão em função da ilustração e informação para o povo, aliando fotografia e texto:

*Feita para o povo – desde as ínfimas às mais altas camadas sociais – a REVISTA DA SEMANA empenhar-se-á somente em fornecer a todos ilustrações e artigos interessantes. De tudo quanto se passar durante a semana e que mereça atenção procurará dar, em excelentes gravuras, copiadas fotografias, o que deva excitar a curiosidade pública<sup>15</sup>.*

Nesta publicação, uma das primeiras a investir na impressão de fotografias por meios fotoquímicos, a imagem ocupa posição central na ação informativa, colocando, em alguns momentos, o texto como secundário na comunicação, conforme aponta o seu texto inaugural: “Quando o caso assim exigir, juntar-se-á a isso o texto necessário para a boa compreensão em multiplicar de tal modo as estampas, escolhendo-as tal em que dispensem comentários”<sup>16</sup>.

*Leitura para Todos* também segue o mesmo caminho: informar, ilustrar e deleitar a todo mundo. Como o próprio programa aponta:

*Já não há necessidade de explicar o que seja uma revista de informação, nem de demonstrar a sua importância. Tudo está dito, quando se relembra que essa imprensa de informação multiplica a força das inteligências: a ideia que, agora, nasceu neste cérebro, a invenção, a descoberta que agora mesmo acaba de realizar-se, está amanhã no domínio de centenas de milhares de espíritos, o facto que um sábio, ou geração de sábios estiveram a estudar, dezenas de anos, e cuja explicação lhes custou infinitos esforços intelectuais, é explicado com cinco ou seis gravuras, comentadas num texto claro e fácil, e a generalidade do público fica imediatamente conhecendo aquilo mesmo que só pôde ser desvendado mediante tão aturado labor<sup>17</sup>.*

Neste pequeno panorama é possível identificar os diferentes projetos editoriais que circularam na cidade do Rio de Janeiro, no período selecionado. Um rápido olhar no catálogo da Biblioteca Nacional também nos mostra a gama de títulos sugestivos de periódicos cariocas, que buscaram chamar a atenção do público leitor da Capital Federal: *A Época*, *A Lanterna*, *O facho de civilização*, *A rua*, *A Avenida*, *A propaganda*, *A vida elegante*, *Almanaque do Teatro*, *As boas novas*, *Brazil-Theatro*, *Floreal*, *Folhinha do Povo*, *Jornal da Exposição*, *O Brasil Elegante*, *O Brasil Médico*, *O Condor*, *O Combatente*, *O Echo da Capital*, *O Echo Suburbano*, *O Popular*, *O Progresso*, *O Rio-Nú*, *O Século*, *O Sexo*, *Progresso Suburbano*, *Recreio Literário*, *Reformador*, *Rio Sportivo*, *Rua do Ouvidor*, *Tagarela...*

<sup>14</sup> *A Eschola*, ano 1, n. 1, p. 2, jul. 1900.

<sup>15</sup> Simples apresentação. *Revista da Semana*, Ano 1, n. 1, p. 2, 20 maio 1901.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 2.

<sup>17</sup> *Leitura para todos*, ano 1, n. 1, p. 5-8, nov. 1905.

Civilização, progresso, regeneração, transformação, informação, instrução, diversão, são ideias recorrentes nos programas das revistas cariocas, e neste cenário com inúmeras páginas revisteiras é possível identificar que esta diversidade indica a emergência de diferentes audiências para a imprensa, em especial, para as revistas. Neste panorama, identificamos um conjunto de revistas que Brito Broca<sup>18</sup> aponta serem típicas de 1900: revistas de cultura geral, intituladas de ciência, letras e artes.

Esta tipologia de magazine, nossa fonte, buscava reforçar o ideário moderno em voga a partir de um design gráfico esmerado e colaboração de intelectuais reconhecidos socialmente, no intuito de corroborar valores como progresso, civilização e urbanidade junto à sua comunidade leitora. Colocavam-se a serviço da nação, conforme aponta editorial da revista *Renascença*, criando um nexo entre os ditos novos tempos e um renascimento estético em curso, permeando o discurso com um ar enaltecendo ao governo e entusiasmo com as ações empreendidas. Assim, esta revista se prontifica a registrar, mas também integrar o 'movimento regenerador', além de auxiliar à literatura nacional a tornar conhecida as produções dos seus beneméritos<sup>19</sup>.

A revista *Século XX* segue os mesmos passos. E ambas se inspiram no projeto editorial e gráfico da revista *Kósmos*, que se propunha “[...] cooperar para o desenvolvimento e progresso de nossa terra”<sup>20</sup>.

Cabe aqui refletir sobre estas revistas dentro do seu quadro histórico e cultural. Assim, neste capítulo apresentaremos o panorama da cidade do Rio de Janeiro na primeira década do século à luz das revistas estudadas, tendo em vista como estes magazines se constituem enquanto publicações de cultura geral, e quais os grupos intelectuais que as integraram.

### 1.1. *A cidade, as revistas e seu ideal de modernidade*

Para reconstruir o momento de circulação das revistas estudadas, tomaremos como acompanhantes os próprios cronistas dos magazines, que legaram, nas páginas revisteiras, suas críticas e alinhamentos aos projetos em curso.

Estas revistas emergem em momento de apogeu da *belle époque*, com os costumes extravagantes e hábitos mundanos em voga, mas sobretudo, em momento de certa

---

<sup>18</sup> BROCA. *A vida literária...* *op. cit.*

<sup>19</sup> Apresentação. *Renascença*, ano 1, n. 1, p. 1-2, mar. 1904.

<sup>20</sup> Apresentação. *Kósmos*, ano 1, n. 1, p. 1-2, jan. 1904.

estabilidade política e econômica, após uma década de intensos embates e conflitos na consolidação do regime republicano.

Jeffrey Needell<sup>21</sup> aponta que a primeira década da República foi marcada por tensões no campo político, por oposição aos primeiros governos republicanos, expressas em revoltas violentas, e por grande instabilidade econômica do país. Nos últimos anos do século XIX, o Brasil passava por uma profunda crise financeira e os anos iniciais da República foram marcados por levantes militares, lutas políticas, guerras civis e conspirações que afetaram, sobremaneira, o Tesouro Nacional.

Com o empréstimo obtido na gestão de Campos Salles junto ao Banco Rothschild, um plano econômico entrou em curso, no intuito de executar um programa de valorização da moeda, a partir da diminuição dos gastos públicos e aumento dos impostos. Buscou-se ordenar e deflacionar a economia nacional, com o acúmulo de excedentes para pagamento de dívidas, apoio dos estados em troca de benefícios para as elites locais. Tal austeridade econômica foi a custo da falência de comerciantes, industriais, agricultores e banqueiros, além de ter gerado grande insatisfação popular devido à estagnação econômica, o aumento do desemprego e de impostos. Neste cenário deve-se ressaltar a reaproximação do governo com a elite agroexportadora e a emergência dos novos ricos com fortunas oriundas da especulação financeira no mercado de capitais.<sup>22</sup>

Ao olharmos o quadro específico do Rio de Janeiro nos anos iniciais da República, segundo a historiografia, tal panorama político e econômico foi acompanhado de significativo crescimento demográfico, além de novas reconfigurações sociais. Na década de 1890, a população carioca passa de 266 mil habitantes para 522 mil, composta, apenas, por 46% de indivíduos nascidos na cidade e maior parte da população integrante da ‘classe deserdada de fortuna’.<sup>23</sup>

Em um quadro local bastante tensionado, onde podemos citar mudanças de ordem econômica, social e tecnológica, além do fortalecimento do regime de trabalho livre, os

---

<sup>21</sup> NEEDELL, Jeffrey. **Belle époque tropical**: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Cia. Das letras, 1993.

<sup>22</sup> NEEDELL, *ibidem*. CARVALHO. **Os bestializados**. *op. cit.* COSTA, Angela Marques da; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **1890-1914**: no tempo das certezas. São Paulo: Cia. das Letras, [2007]. 176 p. (Virando Séculos).

<sup>23</sup> CARVALHO. **Os bestializados**. *op. cit.* Sylvia Damázio, a partir de estudo do médico Azevedo Pimentel, no início de 1900, apresenta três classes para representar a população do Rio de Janeiro: *As classes abastadas*, compostas por moradores dos bairros mais ricos, normalmente banqueiros, capitalistas, grandes comerciantes; *As classes simuladamente abastadas*, que buscavam manter uma imagem ‘afidalgada’; formada pelas camadas médias da população, desejosas por elevar-se socialmente; *As classes deserdadas de fortuna*: formadas pelos grupos assalariados, semi-assalariados ou não-assalariados, onde seu consumo era próximo ou na linha da subsistência, alternando-se entre situação de pobreza, aqueles que trabalham para as despesas essenciais, e miséria, aqueles que não dispunham do suficiente para as necessidades vitais diárias. DAMAZIO, Sylvia F. **Retrato social do Rio de Janeiro na virada do século**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.



primeiros surtos industriais e a complexificação da sociedade brasileira, a única lembrança que as revistas fazem aos primeiros anos da República que antecede o seu momento de circulação é um pequeno parágrafo, muito *en passant*, para ressaltar o antes e o depois do país:

*O Brasil se vigoriza, na sua política interna, pela disciplina social, proveniente da compreensão inteligente dos melhoramentos realizados, em execução, ou em projeto. A sua política interna se estabiliza, pela decisiva vitória da lei sobre periódicas, esparsas e insignificantes insurreições*<sup>24</sup>.

Tal falta de referências nestas revistas muito se deve à valorização do seu tempo presente e alinhamento com as gestões de Campos Salles e, principalmente, Rodrigues Alves. Neste momento da *Belle Époque*, com a circulação de um ideário de modernidade e imaginações acerca da vida urbana, pode-se dizer que estas revistas criavam inúmeras expectativas sobre o futuro e só retornavam ao passado quando era conveniente produzir tradições, conforme veremos no caso da ciência, ou tecer comparações com o presente, onde este último era sempre representado de forma favorável.

O alinhamento das revistas com o governo Rodrigues Alves, presidente do Brasil entre 1902 e 1906, é evidente ao analisarmos as personagens recorrentes em seus discursos sobre o progresso nacional, como os integrantes da equipe do programa político em curso e algumas instituições responsáveis por produzir tradições nacionais ou sensibilidades modernas.

No caso dos integrantes dos projetos nacionais, os mais centrais seriam os engenheiros e médicos-sanitaristas que participaram do bota-baixo, reformas urbanas e expedições territoriais. Mas também aparecem os diplomatas, aqueles escolhidos a dedo pelo Barão do Rio de Branco para representar o país à luz da diplomacia moderna.

No que diz respeito ao primeiro grupo, Costa e Schwarcz<sup>25</sup> apontam que esta equipe, que contava com poderes ilimitados, tinha como projeto construir uma cidade nos moldes europeus, atuando em três frentes, cada qual com um responsável: a modernização do porto era de responsabilidade do engenheiro Lauro Müller, o saneamento público de responsabilidade do médico-sanitarista Oswaldo Cruz, e a reforma urbana a cargo do engenheiro Pereira Passos, prefeito do Distrito Federal, que bem conhecia a grande obra do barão de Haussmann em Paris.

Principalmente Lauro Müller e Pereira Passos figuraram de forma constante nas páginas analisadas, como uma espécie de cavaleiros da modernização, responsáveis por tocar

<sup>24</sup> VIANNA, Joaquim. Conferência pan-americana. *Século XX*, ano 1, n. 10, p. 25-28, jul. 1906.

<sup>25</sup> COSTA; SCHWARCZ. **1890-1914** ... *Op.cit.*

a transformação "radical" e "maravilhosa" da "velha, feia e suja" cidade do Rio de Janeiro<sup>26</sup> -- diga-se que estes predicativos também foram frequentes nas representações da 'nova' cidade em construção.

Apesar do forte caráter intelectual das revistas, as transformações e reformas foram os principais assuntos em suas páginas ao longo dos dois primeiros anos de publicação, colocando em evidência o projeto político de Rodrigues Alves e seus ministros. Ao subir ao poder, Rodrigues Alves encontrou as finanças em dia, focando suas atenções na higienização e embelezamento do Rio de Janeiro<sup>27</sup>.

Carvalho<sup>28</sup> aponta que com a estabilidade econômica e a política deflacionista de Campos Salles, ficaram disponíveis recursos para a planejada obra na Capital. Assim, neste processo de estabelecimento da política republicana, houve o interesse em definir os rumos para o país e para a Capital, determinando não só o papel desta cidade no novo panorama, mas também as regras para representar a nação.

Podemos notar que estas regras de representação da nação foram tratadas seriamente por *Kósmos*, *Renascença* e *Século XX*. A gestão Rodrigues Alves e Pereira Passos foi defendida firmemente, de forma que quaisquer tensões que tocam o projeto político agasalhado pelas redações foram, em muitos momentos, excluídas das suas páginas, de forma a não macular a imagem que se propunha produzir.

Podemos citar, por exemplo, uma crônica, dentre tantas, em que o autor Y. discorda do ceticismo que rondou o programa regenerador do então presidente. A Avenida Central, a principal obra da reforma urbana do Rio de Janeiro, é caracterizada como útil providência administrativa para o benefício do povo e da reputação da cidade, sem, no entanto, ressaltar a conturbada retirada da população pobre da região central. O argumento fulcral embasa-se em uma imagem que se pretendia – moralizada, urbanizada, modernizada, regenerada – em oposição àquela que se repudiava -- colonial --, que muito envergonhava o país no cenário internacional. Assim, a feição ultrapassada e deslustrada da cidade estaria com os dias contados, tendo em vista a ação enérgica de engenheiros e políticos, em construir um novo espaço urbano salutar, iluminado e moderno, acima de toda crítica, conforme aponta o cronista:

*Tudo mudará; e quando houvermos que atravessar o perímetro ainda entregue ao velho tipo, compreenderemos então a grandeza do empreendimento e só*

<sup>26</sup> BILAC, Olavo. Crônica. *Kósmos*, ano 1, n. 1, p. 7-9, jan. 1904.

<sup>27</sup> COSTA; SCHWARCZ. *Op.cit.*

<sup>28</sup> CARVALHO. *Os bestializados. op.cit.*

*lastimaremos que a administração, no completo domínio do vocabulário, não constituísse o único, o exclusivo escopo de quantos galgaram o poder*<sup>29</sup>.

Esse tom de exaltação põe em evidência representações sociais sobre a cidade, dentro de um discurso que nos aponta uma adesão à ideologia de progresso.<sup>30</sup> As ideias de 'novo', 'luz', 'higiene', 'beleza' foram argumentos presentes no discurso a favor do projeto político, como forma de positivar suas ações, mas também se auto proclamar moderno, tendo em vista teorias e práticas científicas. Assim, podemos inferir que o interesse em publicar artigos e fotografias sobre o andamento das obras concentra-se em dois pontos: primeiro, colaborar para a formação de uma opinião pública favorável ao empreendimento, investindo os magazines, desta forma, de uma função estratégica na conformação de um apoio das elites ao projeto; segundo, portar-se como veículo propagador das novas tendências, de uma ideia de modernidade<sup>31</sup>.

Pode-se perceber que a veiculação da ideia de modernidade e progresso, nas páginas analisadas, abarcou tanto a dimensão prática, ao retratar as ações e seus atores, como a dimensão simbólica, como por exemplo correntes de pensamento e sensibilidades compartilhados pela elite e os grupos médios da sociedade brasileira. Isto fica evidente ao nos depararmos com edições em que um determinado acontecimento do cotidiano é o nexos para ensaios científicos com pretensão pedagógica e doutrinária, como por exemplo a edição de novembro de 1904 da revista *Kósmos*, onde a Revolta da Vacina serviu de espaço para debates médicos sobre concepções de contágio e vacinação compulsória.

É importante ressaltar que, dentro deste quadro ideal de cidade moderna que se pretendia construir, muitas referências nacionais eram postas à margem, sendo substituídas por elementos que podemos considerar como interpretações daqueles existentes no ambiente

---

<sup>29</sup> Y. Crônica. *Século XX*, ano 1, n. 2, p. 8-9, nov. 1905.

<sup>30</sup> Este conceito de "ideologia do progresso" é apresentado por Margarida de Souza Neves (1986), onde a autora o classifica como um ideário em voga no Brasil final do século XIX e início do século XX, onde se considerava a relação 'progresso - civilização' como essencial para transformação do país em uma grande nação aos moldes dos principais centros socioeconômicos mundiais. Segundo a autora, esta ideologia, com base em pressupostos filosóficos e científicos do período, como evolucionismo e positivismo, permeou o pensamento de muitos intelectuais e instituições sociais da época.

<sup>31</sup> Conforme a historiografia aponta, esse ideário de modernidade, civilização e progresso não foi isolado ao caso brasileiro. Estava presente nos principais centros mundiais, veiculados pelos principais meios de comunicação e expressos de diferentes formas (BARBOSA, 2011). É pertinente lembrar como este ideário circulava a nível mundial, tendo em vista a sua manifestação nas exposições internacionais, universais e nacionais (NEVES, 1987). Conforme aponta Bernadette Bensaude-Vincent (1995), nesse efêmero microcosmo das exposições havia a afirmação de um desenvolvimento da civilização, a celebração do progresso e da tecnologia, alçados a um patamar de grande relevância, expressos nas grandiosas galerias, nos seus maquinários e shows memoráveis. Os discursos das exposições colocavam em posição estratégica o progresso científico e tecnológico na vida cotidiana.

sociocultural europeu. Como nos lembra Needell<sup>32</sup>, a concepção de civilização no contexto do Rio de Janeiro da *Belle Époque* esteve relacionada a um modelo inspirado em Paris, às fachadas em estilo *Beaux-arts*, ao consumo de artigos importados, a um conjunto de referências da cultura geral eurófila que encorpava a fantasia carioca de progresso.

Desta forma, a reforma urbana, principal assunto dos primeiros números das revistas analisadas, foi significada pelos cronistas como a eliminação de parte dos obstáculos para a civilização do país. Assim, civilização ecoou, principalmente, como a eliminação do passado colonial, através da substituição das "velhas ruas" e "velhos prédios", e tudo o que esta ideia de espaço urbano "ultrapassado" abarcava, e se manifestou pelas ruas "largas e arejadas" e "belos e modernos" prédios. Insalubridade, falta de um projeto arquitetônico e paisagem urbana destoante com o interesse dos grupos que escrevem a revista e para quem se destina não foram apenas os elementos presentes nas críticas publicadas nas crônicas analisadas. Nas entrelinhas podemos notar uma condenação a uma imagem de 'popular', que por vezes se revestirá de sátira nos contos João Luso<sup>33</sup>, que ia de encontro à imagem elegante que era veiculada.

Não era apenas o combate à insalubridade, às ruas estreitas, ao cheiro de sujeira, à falta de estrutura moderna. Era também eliminar as fachadas fora do conceito eclético, os 'bárbaros' entrudos e cordões, os indivíduos em 'mangas de camisa' e pés descalços, as cuspidas no chão, o Brasil africano...<sup>34</sup> As obras no Centro do Rio de Janeiro – abertura de avenidas, criação de jardins, construção do porto – provocou a migração, na maior parte das vezes, tensa da população mais pobre para regiões adjacentes, e abriu espaço para um mundo elegante, que outrora se limitava ao bairro de Botafogo e à rua do Ouvidor, mas que agora podia ocupar as novas avenidas Central e Beira-Mar, para o tradicional *footing* da elite carioca.

No Rio reformado circulava o mundo *belle-époque* fascinado com a Europa, envergonhado do Brasil, em particular do Brasil pobre e do Brasil negro. Era o mundo do barão do Rio Branco, ministro das Relações Exteriores do presidente que promoveu as reformas. O mesmo barão que na juventude tinha sido capoeira e que agora se esforçava em oferecer à visão do estrangeiro um Brasil branco, europeizado, civilizado<sup>35</sup>.

Este cenário político e cultural foi momento em que a elite carioca conciliou mudanças conjuntamente com a manutenção de uma hierarquia social, o que indica seu caráter

<sup>32</sup> **Belle Epoque tropical ...** *Op.cit.*

<sup>33</sup> Ao longo de 1905, João Luso publicou uma série de contos intitulado "Typos e Symbolos". Nestes contos, o autor trata de forma cômica e caricata os tipos populares do cotidiano carioca.

<sup>34</sup> NEEDELL. *Op.cit.*

<sup>35</sup> CARVALHO. **Os bestializados...** *Op.cit.* P. 40-41.

adaptativo. A realidade econômica e social brasileira ao mesmo tempo que foi vista como impedimento para a implementação de um projeto de elite, serviu como base para um discurso de mudança desta conjuntura, sem, para isso, tocar nos poderes das classes abastadas, dando continuidade a uma dinâmica aristocrática, com espaços exclusivos e reforço dos valores da alta sociedade.<sup>36</sup> Assim, a *Belle Époque* carioca foi conformada por descontinuidade -- imposição de um conceito de modernidade, transformação da cidade em símbolo, instauração de uma ideia de unidade nacional e ordem -- e continuidades, ao permanecer, igual ou até mais, excludente no que diz respeito à cidadania e participação política dos grupos menos abastados.<sup>37</sup>

É visível o emprego de uma forma 'positiva' de representar a cidade nas crônicas analisadas. Em maio de 1904, João de Barros rende elogios à reforma e aponta como esta auxiliaria na mudança do imaginário acerca da Capital e, principalmente, facilitaria a estabilização da economia nacional, por apresentar-se como polo atraente para investimentos e mão-de-obra estrangeira. A obra alçaria a cidade ao patamar de um centro civilizado, classificado como um lugar "agradável" e "hospitaleiro", ideal para residir e não apenas para o recreio. O mais curioso nesta crônica é o autor afirmar que "o Rio de Janeiro é o Brasil", preconizando o status que a capital teria de símbolo, mas também vitrine do país para aqueles que aqui desembarcam, entendidos como responsáveis por propagar uma imagem favorável ou desfavorável da cidade quando retornam ao seu país de origem.

A relação entre imagem moderna da cidade e imigração é posta em termos claros nesta crônica, no momento em que o literato aponta a necessidade de uma boa impressão para a conquista daquilo que o país necessitava: "*essa é uma questão vital para nós, país que antes de tudo precisa do auxílio dos estrangeiros, do sangue, do braço e do capital estrangeiro*"<sup>38</sup>. Apresentando aquilo que o autor julga ser o mais importante para o país, João de Barros conclui que:

*Procurar tornar o Rio de Janeiro, pois uma cidade moderna, confortável e civilizada, é a necessidade indeclinável e inadiável do nosso problema econômico. O que se despende para alcançar esse desideratum não pode comprometer as nossas finanças, porque será despesa altamente remuneradora. A transformação da cidade do Rio de Janeiro não pode deixar de ser o início de nossa reabilitação econômica. Quando isto aqui for uma bela e saudável cidade, aparelhada para a vida mundana com todos os elementos de comodidade e*

<sup>36</sup> NEEDELL. *Op.cit.*

<sup>37</sup> CARVALHO, *op.cit.* NEVES. As vitrines do progresso. *Op.cit.* RODRIGUES, Antônio Edmilson Martins. **A modernidade carioca: o Rio de Janeiro no início do século XX (sociedade, vida literária e mentalidades)**. 1986. 390 f. Tese (Livres Docência) - Departamento de História, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1987.

<sup>38</sup> BARROS, João de. Crônica. *Renascença*, ano 1, n.4, p. 83-86, maio 1904.

*conforto, a população há de crescer, o comércio se desenvolverá e a população e o comércio são condições de prosperidade.*<sup>39</sup>

Como se pode ver, um discurso de valorização do elemento estrangeiro (mão-de-obra e financiamento) e de reabilitação econômica está presente neste apoio à reforma urbana, sendo esta vista de forma positiva, uma vez que o que ela abarca, na perspectiva do cronista, está evidentemente relacionada a expectativas de progresso material.

Além da dimensão simbólica, nota-se nas três revistas estudadas, que as especificidades técnico-científicas da reforma foram frequentemente arroladas como elemento de sua defesa à regeneração da cidade. Baseado em princípios racionais, de cunho científico e artístico, as intervenções na estrutura e na fisionomia da cidade afetaram as condições e as relações dos cidadãos com o espaço urbano do Rio de Janeiro. Contudo, a implementação de códigos de posturas e leis foi igualmente instrumentalizada em seus textos na produção de uma imagem de cidade moderna. Este conjunto de normas, existente no cenário carioca desde o século XIX, buscava normatizar não apenas a forma como o indivíduo se portava no espaço reformado, mas sobretudo, como este sujeito agia perante o projeto de cidade, onde se esperava um cidadão disciplinado – mente e corpo – especialmente por vias de uma nova ética do trabalho, livre em substituição do escravista.<sup>40</sup>

No que diz respeito, especificamente, aos aspectos técnico-científicos da reforma, podemos notar que os agentes da reforma passam a figurar como ícones da modernização. Engenheiros, *à la* Haussmann, foram incansavelmente acompanhados, como os casos específicos de Pereira Passos, Lauro Müller, Paulo de Frontin e Francisco Bicalho<sup>41</sup>, personagens cultuadas nas três revistas estudadas. Cada realização destes engenheiros foi veiculada pelas crônicas, evidenciando a centralidade e relevância, que se queria imprimir, representando a reforma urbana como ação de grande impacto na vida cotidiana do Rio de Janeiro. Os inícios assim como os términos das obras foram celebrados, por fotografias e textos que louvam o progresso e condenam o atraso.

*Há poucos dias, as picaretas, entoando um hino jubiloso, iniciaram os trabalhos da construção da Avenida Central, pondo abaixo as primeiras casas condenadas. Bem andou o governo, dando um caráter solene e festivo à inauguração desses trabalhos. Nem se compreendia que não fosse um dia de regozijo o dia em que começamos a caminhar para a reabilitação.*

---

<sup>39</sup> *Ibidem.*

<sup>40</sup> CARVALHO. **Os bestializados.** *op.cit.* BENCHIMOL, Jaime Larry. Reforma urbana e revolta da vacina na cidade do Rio de Janeiro. In: FERREIRA, J.; NEVES, L. A. (Org.). Brasil republicano. Economia e sociedade, poder e política, cultura e representações. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

<sup>41</sup> Como Needell *op.cit.* aponta, que entre o final do século XIX e início do século XX, muitos engenheiros brasileiros buscaram formação, principalmente estágios como no caso de Pereira Passos, na França ou fizeram parte de instituições brasileira que partilhavam interesse na tradição arquitetônica francesa.

*No aluir das paredes, no ruir das pedras, no esfarelar do barro, havia um longo gemido. Era o gemido do soturno e lamentoso do Passado, do Atraso, do Opróbio. A cidade colonial, imunda, retrógada emperrada nas suas velhas tradições, estava soluçando no soluçar daqueles apodrecidos materiais que desabavam. Mas o hino claro das picaretas abafava esse protesto impotente.*

*Com que alegria cantavam elas, -- as picaretas regeneradoras! E como as almas dos que ali estavam compreendiam bem o que elas diziam, no seu clamor incessante e rítmico, celebrando a vitória da higiene, do bom gosto e da arte!<sup>42</sup>*

As obras da Avenida Central, do Canal do Mangue e do Porto foram momentos solenes para as revistas, onde as fotos das obras, do lançamento da pedra fundamental observado por centena de pessoas bem trajadas, e a entrega da obra – normalmente em fotos onde se privilegia mais o elemento edificado, como uma alegoria, sem a presença de pessoas - - dão a impressão de um tempo que passa rápido, de modernidade inevitável e célere, sem possibilidade de retorno.

Para satisfazer a curiosidade do leitor, ou mais precisamente, para criar um interesse do público sobre os acontecimentos, jornalistas foram os fiscais benevolentes do processo civilizatório em curso, defendendo a causa e divulgando desde informações técnicas a impressões que tal empreendimento deveria conotar. Era um exercício de treinar o olhar do interlocutor para as sensibilidades modernas que se apregoava, onde "luz", "salubridade", "beleza", "limpeza" passam a ser estampas do período, percebidos na materialidade das ruas arborizadas com flores, enfeitadas com novos palacetes, cidades reformadas que se tornavam símbolos da civilização. As ruas "feias", "sombrias", "defeituosas", conforme ilustra texto de Gonzaga Duque acerca das demolições de parte da rua Sete de Setembro, não só deveriam desaparecer por via das picaretas do Prefeito, mas também retiradas completamente da memória cultural da cidade, apesar das relações afetivas de determinados espaços com a paisagem intelectual do próprio cronista:

*Assim te rejubilas pelo desaparecimento dessa feíssima Sete de Setembro que, por ser defeituosa, encurralada, sombria e triste, muito se parece com o fato histórico cuja data comemora. Ela não cairá toda desta vez. Infelizmente ainda lhe fica o trecho entre a Uruguaiana e praça Tiradentes, e se lhe conserva todo o lado ímpar, a que o progresso irá dando melhor forma. A parte destinada a picareta nada ou quase nada deixará para a tradição, salvo emenda respeitada e oportuna do infatigável Dr. Vieira Fazenda ou anotação do seu laborioso discípulo, o Sr. Agenor Noronha dos Santos.*

*Do lado par, condenado à demolição, desaparece o prédio n. 70 onde a Gazeta de Notícias tem, há trinta e um anos, as suas oficinas tipográficas, nas quais também se dá impressão à vespertina Notícia. No sobrado desse prédio residiu, durante alguns anos, o ilustre Ferreira de Araújo, após a sua formatura em medicina e o seu casamento.<sup>43</sup>*

<sup>42</sup> BILAC, Olavo. Crônica. *Kósmos*, ano 1, n. 3, p. 3-4, mar. 1904.

<sup>43</sup> DUQUE, Gonzaga. À queda dos muros: a rua Sete de Setembro. *Kósmos*, ano 2, n. 2, p.44-45, fev. 1905.

Apesar dos cronistas circularem pela cidade, este *footing* foi seletivo nas páginas das revistas analisada. Seguiram por entre escombros e canteiros de obra para anunciar a chegada do progresso. Apresentavam, não os tipos populares, mas os artífices da modernidade, cobrindo suas trajetórias e seus empreendimentos. Pereira Passos foi representado como o principal responsável pela transformação da cidade feia em bela, em apresentar aos cidadãos as marcas do Progresso, marcas estas que são tratadas como legados para o futuro<sup>44</sup>.

À luz da reforma do Rio de Janeiro, é sugestivo o próprio início destas publicações, para pensar o seu alinhamento. *Kósmos* e *Renascença* iniciam suas atividades junto com o começo das obras da Avenida Central e inauguração da sua pedra fundamental. *Século XX* surge com o término do projeto, o que não a impede de cobri-lo e refletir sobre os seus impactos. Vale ressaltar que ao longo da existência das revistas, seus projetos editoriais vão se oxigenando ora com o acompanhamento de projetos oficiais de modernização das cidades brasileiras, ora com as expectativas com grandes eventos que colocavam a Capital da República em evidência, como foi o caso do Terceiro Congresso Científico Latino-americano (1905), a Conferência Pan-Americana (1906), e a preparação e execução da Exposição Nacional de 1908.

Assim, ao longo de 1904 e 1905, a construção do bulevar em estilo eclético francês<sup>45</sup>, a edificação de um porto saneado e uma paisagem urbana atraente aos olhos locais e estrangeiros foram símbolos do progresso para estas revistas, especialmente quando estas se revestiram do papel de divulgadoras do país. E, entre 1906 e 1909, de posse de uma nova paisagem urbana, os colaboradores dos magazines vão identificar os eventos supracitados, e outros elementos do cenário cultural, como marcas do ingresso do país no rol das grandes civilizações, quando ações empreendidas pelos *missionários do progresso* seriam percebidas pelas outras nações. Fica evidente que, sob o prisma das revistas, estes eventos seriam a

---

<sup>44</sup> ROSA, Ferreira. Dr. Francisco Pereira Passos. *Kósmos*, ano 2, n.2, p. 31-31, fev. 1905.

<sup>45</sup> Segundo Jeffrey Needell (*Belle Époque tropical. op.cit.*), este estilo, o ecletismo tardio (1860-1920), foi amplamente difundida pela École de Beaux-Arts, tinha forte influência do romantismo (elementos históricos e exóticos), do classicismo, barroco, uso do vidro e do ferro fundido, onde se privilegiava a circulação e como o indivíduo vivenciaria a edificação. Esta tradição arquitetônica francesa esteve presente na formação dos engenheiros brasileiros, a partir de estágios na França nas décadas de 1860 e 1870, e por via das tradições intelectuais que circularam nas Escolas Militares e Politécnica. Assim, engenheiros e arquitetos brasileiros reproduziram este estilo não só na Capital, mas em outras cidades brasileiras que tiveram os seus espaços urbanos reformados nas primeiras décadas da República, como foi o caso de Belo Horizonte, em fins do século XIX, e São Paulo, sob gestão de Rodrigues Alves enquanto governador do Estado de São Paulo. Como aponta Benchimol *op.cit.*, esta tradição arquitetônica foi tão forte e emblemática, que Oswaldo Cruz optou por usa-la na construção do Instituto Soroterápico Federal, tanto para aproximá-lo da imagem do Instituto Pasteur de Paris, quanto para respalda-lo junto à população carioca.



vitória da modernidade sobre a atraso.<sup>46</sup> Tal era esta percepção que se queria divulgar, que durante o Terceiro Congresso Pan-Americano, o cronista da revista *Renascença*, comenta com receio sobre a presença de índios na Avenida Central, durante o passeio das comitivas internacionais, e questiona qual seria a reação de Elihu Root, secretário dos Estados Unidos, em deparar-se, em um cenário tão moderno que era a "Grande Artéria", com selvagens.<sup>47</sup>

Estes eventos, além de servirem de espaço de exibição da cidade, também foram o momento para pôr em evidência instituições e intelectuais, principalmente científicos, na produção desta modernidade nacional. Apesar de durante os eventos citados, as revistas importarem-se mais com as cerimônias sociais, não passa despercebido o interesse em divulgar os centros nacionais de ciência, equiparando-os com as principais instituições de pesquisa científica ocidental.

Esta valorização da ciência, especialmente do cientista, por vezes, não foi recebida sem questionamentos. É o caso da cobertura do Concurso de Fachadas, ocorrida em 1904, em que o jornalista da revista *Renascença* descreve os pormenores do programa da competição e os detalhes dos projetos concorrentes. Ao descrever os integrantes do júri responsável pela avaliação, a maioria com formação científica, integrantes do governo ou de instituições de ensino e ciência<sup>48</sup> -- quando não ocupavam cargos nas duas esferas -- o autor cita a percepção daqueles que acompanhavam o concurso sobre a ausência de representantes do Conselho Superior de Bellas-Artes e a Sociedade Propagadora das Bellas Artes<sup>49</sup>.

É sintomático ver como a presença do cientista se sobrepõe à do artista. Evidentemente que, para além da avaliação da beleza e da estética, o intuito era reforçar o engajamento a uma tradição arquitetônica do ecletismo francês, a ornamentação e imponência do estilo *Beaux-arts* além de uma concepção de saúde pública, com fortes relações com as formas de ocupação do espaço urbano. Conforme aponta Simões Junior<sup>50</sup>, engenheiros e médicos, no contexto brasileiro, foram responsáveis por divulgarem uma noção de gestão

---

<sup>46</sup> Como cita, por exemplo, Olavo Bilac em crônica da *Kósmos*, de agosto de 1906, que o poeta comenta que os eventos sociais caíam no esquecimento para os integrantes das comitivas do Congresso Pan-Americano, mas que "o espetáculo do renascimento moral, material e cívico" da nação não seria esquecido e contribuiria para acabar com a fama de terra "mal-sã" (BILAC, O. Crônica. *Kósmos*, ano 3, n.8, p. 3-4, ago. 1906).

<sup>47</sup> *Renascença*, ano 3, n. esp., 1906.

<sup>48</sup> Segundo a revista *Renascença*, em abril de 1905, Lauro Muller (engenheiro e Ministro de Obras e Viação) e Paulo de Frontin (engenheiro, chefe das obras da Avenida Central) foram os presidentes do júri. E este foi composto por Pereira Passos (engenheiro, Prefeito do Rio de Janeiro), Saldanha Gama (engenheiro, diretor da Escola Politécnica), Aarão Reis (engenheiro, Club de Engenharia), Jorge Lossio (engenheiro, Instituto Politécnico), Feijó Junior (médico, diretor da Faculdade de Medicina), Oswaldo Cruz (médico, diretor de Saúde Pública), Ismael da Rocha (médico, Academia Nacional de Medicina) e Rodolpho Bernardelli (escultor, diretor da Escola Nacional de Bellas-Artes).

<sup>49</sup> Concurso de fachadas para a Avenida Central. *Renascença*, ano 1, n. 2, p. 66-67, abr. 1904.

<sup>50</sup> SIMÕES JUNIOR, José Geraldo. O ideário dos engenheiros e os planos realizados para as capitais brasileiras ao longo da Primeira República. *Arquitextos*, ano. 8, nov. 2007.

urbana mais organizada, enfatizando práticas científicas consideradas essenciais para a resolução dos problemas urbanos. Desta forma, especialmente o sanitarismo e as novas técnicas aplicadas à engenharia, sobretudo no que diz respeito à infraestrutura, permearam a gestão das cidades e seus planos arquitetônicos, normalmente voltadas para o embelezamento urbano, mas também o enfrentamento de epidemias, o estabelecimento de serviços sanitários modernizados e adequação da malha viária tendo em vista aspectos comerciais.

Assim, nas revistas analisadas, o concurso de fachadas não será apenas momento para reforçar uma tradição artístico-científica, mas, sobretudo, reforçar o papel do especialista, em um cenário que se pretendia moderno, em detrimento da figura do mestre de obras, apontado como responsável pela degradação estilística da cidade e pelo mal gosto<sup>51</sup>. E outro cronista ainda complementa:

*O meu medo, o meu grande medo, quando vi que se ia rasgar a Avenida, foi que a nova e imensa área desapropriada fosse entregue ao mau-gosto e à incompetência dos mestres-de-obras. O receio não era infundado... Todos estão vendo quem, em geral, as casas mais novas do Rio de Janeiro são ainda mais feias do que as antigas... Uma boa avenida – dizia eu de mim para mim – não é somente uma rua muito comprida, muito larga e muito reta: a avenida do Mangue tem todos esses predicados, e, entretanto, é um horror! Uma avenida precisa de prédios bem construídos, elegantes ou suntuosos. Casas tortas e feias, em ruas largas, são como vilões na Corte: todos os defeitos se lhes exageram. E, se vamos encher a avenida de prédios de caracará, melhor será que nos deixemos de sonhos, e que nos contentemos com o beco das Cancelas e com a travessa do Ouvidor. O que me aplacou o susto, foi o ato louvabilíssimo do governo, estabelecendo leis rigorosas para as novas construções, -- e abrindo esse belo “concurso de fachadas”, cujo resultado excedeu as mais otimistas previsões.*

*Toda a gente, que, no salão da Escola Nacional de Belas Artes, admirou os projetos apresentados ao júri – só tinha uma pergunta à flor dos lábios: “Onde estavam metidos, que faziam, em que se ocupavam todos estes arquitetos que aparecem agora, com tanto talento, com tanta imaginação, com tanto preparo, com tanta capacidade? E como é que, havendo aqui tantos e tão bons arquitetos, não há na cidade demonstrações visíveis e palpáveis da sua existência, em edifícios dignos de um povo civilizado!?!”*

*A resposta é fácil. O gosto público estava depravado e corrompido.*<sup>52</sup>

O curioso é notar, no contexto destas revistas, a associação das ideias de higiene e beleza ao fazer do engenheiro, conceitos que *a priori* associaríamos à prática de outros agentes. Entretanto, cabe aqui ressaltar que há a veiculação de um discurso de trabalho conjunto, onde a percepção estética e a produção de um ambiente salutar e moderno foram concebidas como competências do poder público, e delegado a engenheiros, arquitetos e médicos, o que oferece uma possibilidade de entendimento das razões para optar por um júri mais científico do que artístico.

<sup>51</sup> BARROS, João de. Crônica. *Renascença*, ano 1, n. 2, p. 41-44, abr. 1904

<sup>52</sup> BILAC, Olavo. Crônica. *Kósmos*, ano 1, n. 4, p. 3-4, abr. 1904.

É também interessante notar a convergência, na maior parte das vezes, da elite intelectual com um discurso de valorização de conhecimentos técnico-científicos, em lugar das práticas populares, tidas como perniciosas para o desenvolvimento do país. Assim, foi frequente o combate ao mestre de obras, curandeiros e saberes populares, dentro de um quadro de institucionalização da ciência nacional, construção do prestígio social do *homem de ciências* e, sobretudo, dentro de um regime que prezava a cultura científica, especialmente aquela de cunho positivista, que buscava tratar os dilemas nacionais a partir da lente da ciência.

Evidentemente que essa mudança de personagens, daquele não especializado para o especializado, não foi feita de forma pacífica e isenta de tensões. Conforme Herschmann e Pereira apontam, engenharia e medicina da *belle époque* ao mesmo tempo que podem ser vistos como bom exemplo de intervenção de um Estado ‘modernizador’ na sociedade, evidenciam que tal ação confrontou-se com hábitos e condutas tradicionais, herdadas desde o Império. Sendo assim, a reforma do espaço urbano serviu como estratégia para respaldar um discurso técnico-científico e a posição dos especialistas, dentro de um quadro onde diferentes personagens, com diferentes níveis de especialização, atuaram na sociedade e espaço urbano que se queriam modernos:

A cidade, com sua organização físico-espacial, seus rituais de ‘progresso’ – como no caso das exposições nacionais e internacionais – passa a ter um caráter pedagógico. Torna-se símbolo por excelência de um tempo de aprendizagem, de internalização de modelos. Assim, quando estes especialistas-cientistas se propunham a reformar, a organizar, mesmo que em nível superficial, a esperança que tinham era de que essa projeção externa, pública, cidadina, pudesse atingir e orientar os indivíduos.<sup>53</sup>

Como podemos notar nas revistas, seja atuando como jornalistas das revistas ou como assunto das crônicas e ensaios, o especialista foi também responsável pela reprodução das novas referências e padrões sociais, particularmente aquelas de cunho comportamental à luz dos novos espaços urbanizados, buscando eliminar o que era qualificado como colonial. Desta forma, sociabilidades, códigos sociais e elementos culturais de origem europeia foram apreendidos e disseminados como elementos fundamentais para seguir um paradigma moderno, mesmo que adaptações e reinterpretções desse paradigma dessem um caráter menos moderno do que se pretendia.

Esta marca da modernidade carioca não é particular, apenas, aos produtores destes magazines. Esta característica referencia o que Rodrigues<sup>54</sup> aponta como um caráter mais conservador da modernidade carioca, tocado pelas elites intelectual e política, que procuraram

<sup>53</sup> HERSCHMANN; PEREIRA. *Op.cit.* P. 27.

<sup>54</sup> **A modernidade carioca.** *Op.cit.*

adaptar os valores da modernidade a uma faceta mais burocrática e administrativa, evitando realizar alterações radicais na estrutura social brasileira.

Assim, a modernidade era concebida como um ideário que deveria ser operado principalmente em sua dinâmica visual, onde se buscava extasiar através da apresentação de um cenário enunciado como moderno no qual os avanços técnico-científicos eram arrolados com o intuito de produzir sentidos relacionados a ‘novo’, utilidade, funcionalidade, êxtase e sonho. Dentro desta concepção, objetos e símbolos foram vistos como uma referência, ainda que mecânica, da novidade que se apregoava, evidenciando uma relação entre cultura e técnica, que foi importante para a disseminação de uma ideia de urbanidade.<sup>55</sup>

O projeto das revistas aqui analisadas serve de exemplo para esta afirmação. Mesmo se colocando como representantes da modernidade, *Kósmos*, *Renascença* e *Século XX* realizam um estilo de periodismo presente na imprensa ocidental desde o início do século XIX, não sendo inovadoras no que diz respeito ao projeto editorial. A forma como apreendem esta vida moderna realçou a forma mais artificial da expressão desta ideologia no cenário editorial, em comparação a outros empreendimentos editoriais do momento, importando mais a imagem que se projetava do que a experiência artística e literária moderna propriamente dita.

Diferente de outras publicações que procuraram articular uma linguagem artística com as novas expressões e tecnologias disponíveis, -- como por exemplo a caricatura, o cinema e a publicidade<sup>56</sup> --, *Kósmos*, *Renascença* e *Século XX* consideraram que esta sensibilidade passava pela visualidade de suas páginas e pelo cabedal técnico empregado em sua confecção, atrelando a sua concepção de modernidade a uma manifestação mais mecânica, e menos dinâmica deste ‘novo’. Desta maneira, o interesse em veicular um visual “moderno” e a apresentação dos seus projetos gráficos como emblemas deste ‘novo tempo’ evidenciam que seus produtores entendiam a modernidade pela operacionalização de sua dimensão material e técnica, e menos pela experiência subjetiva e simbólica que esta ideologia poderia abarcar.

Se levarmos em consideração que a ideia de modernidade nos induz pensar que esta seria o espaço e o tempo da expressão do ‘novo’, esta ‘novidade’, para as revistas aqui trabalhadas, concentra-se nas técnicas de impressão, na veiculação de fotografias, na produção de um periodismo de luxo. E, como em muitos momentos se faz perceber, veicular a imagem da cidade urbanizada e das instituições científicas e culturais foi uma forma de

---

<sup>55</sup> RODRIGUES, *op.cit.*

<sup>56</sup> SUSSEKIND. *O cinematógrafo... op.cit.* VELLOSO, Mônica Pimenta. **Modernismo no Rio de Janeiro:** turunas e quixotes. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996

expressar essa apregoada modernidade, por compreender tais elementos como referências materiais do nível de progresso e civilização nacional.

Dentro desta imagem veiculada sobre a cidade, podemos apontar a questão urbana e a questão sanitária como fundamentais na produção de um espaço urbano dentro do prisma do progresso e modernidade, de forma que ao longo da publicação das revistas, a cobertura de reformas urbanas em cidades brasileiras, integração de novos territórios e parte significativa dos textos de divulgação científica versaram sobre estes dois tópicos.

Pode-se exemplificar este ponto, com a crônica de Olavo Bilac, em 1908, ao cobrir a visita de um navio norte-americano ao Rio de Janeiro. Seu principal comentário concentrou-se na atuação da Polícia na manutenção da ordem e na ausência de casos de febre amarela na cidade durante o referido evento. Tal fato é motivo de comemoração do autor, por considerar que um problema sanitário histórico havia sido sanado e seria divulgado ao mundo como evidências de um projeto modernizador e civilizatório em curso. A ausência da febre amarela era classificada como "orgulho nacional", ufanía esta atribuída à ação de um agente específico, Oswaldo Cruz:

*Oswaldo Cruz está a chegar. É a ele que devemos este benefício, que nunca lhe poderá ser pago na justa medida. Preparemo-nos para recebe-lo como ele deve ser recebido: da excelência dos seus serviços, acabávamos de tirar agora a prova real, -- e é preciso que lhe mostremos, aplaudindo-o e amando-o, toda a nossa gratidão<sup>57</sup>.*

A centralidade da questão sanitária, ao lado da questão urbana, no programa editorial das revistas, evidencia a posição fulcral da saúde pública no cenário sociocultural da Primeira República. O interesse nos problemas médicos do país impeliu as revistas a navegar por esses assuntos, ora em crônicas ora em ensaios de caráter mais didático, especialmente para representar uma cidade saneada ou para inserir o seu leitor nos principais debates médicos em curso, como se pode notar nos textos divulgação de determinados saberes e práticas médicas nas fontes estudadas.

No entanto, apesar de um ambiente assolado por moléstias e um contexto marcado por uma mudança de paradigma sobre ações sanitárias, concepções de doença e formas de contágio -- devido ao fortalecimento da teoria microbiológica --, estes magazines não trataram amplamente da realidade dos problemas sanitários nacionais de forma crítica, como por exemplo, apontando condições de saúde da população. Mesmo que nos recenseamentos de 1890 e 1906, febre amarela, tuberculose, febre tifoide e varíola tenham representado a causa

---

<sup>57</sup> BILAC, Olavo. Crônica. *Kósmos*, ano 5, n. 1, p. 3-4, jan. 1908.

da maioria das mortes na cidade<sup>58</sup> – e principal frente de trabalho do então Diretor Geral de Saúde Pública, Oswaldo Cruz – as revistas optaram por um caminho mais genérico, comemorando os resultados nesta área, lembrando, amargamente, a fama de insalubre que a cidade tinha. Assim, enquanto a saúde pública foi tema central, a doença ou o doente esteve presente sem ser enunciado diretamente nos textos publicados, optando-se por abordagens mais amplas ou perpassantes – como falar dos tipos de mosquito, ou da tipologia de casas populares, ou de teorias científicas no campo médico, em detrimento do uso índices de mortalidade e contágio ou tipologias de moléstias – e tratando a realidade sanitária em breves e cuidadosos comentários no meio do texto.

Como aponta Damázio<sup>59</sup>, excluindo a tuberculose, as demais doenças foram aquelas em que o governo concentrou os seus esforços, devido às epidemias constantes e pela forma que estes surtos epidêmicos afetavam a imagem do país no exterior. O interesse em controlar apenas estas doenças se deu por considerarem que uma política sanitária seria o suficiente, graças às novas bases científicas de combate aos vetores etiológicos, sem a necessidade de mudança das condições gerais da população.

Essas novas bases científicas estavam de acordo com uma concepção de contágio das doenças que entendia a sua ocorrência a partir de questões orgânicas e ambientais, como por exemplo temperatura e geografia. Os gases mefíticos provindos do subsolo poroso (principalmente aqueles de origem pantanosa), contaminados pelo sistema inadequado de esgoto e distribuição de água, a higiene individual e certos tipos habitações populares eram atribuída a razão pela presença de doenças na cidade, da mesma forma que.<sup>60</sup>

Com a emergência da clínica de novas disciplinas experimentais, especialmente aquelas do campo físico-químico, o interesse no estudo da ação das doenças e os vetores bacteriológicos destas, os eventos epidemiológicos passaram a ser examinados à luz de múltiplas bases científicas.<sup>61</sup> Assim, as condições de vida da população e o meio-ambiente, especialmente o urbano, eram apresentadas pelos higienistas como os principais focos para atuação do poder público como forma de controle de epidemias. Uma política sanitária fez-se importante para construir uma imagem de capital moderna, e mudou os hábitos e costumes da população, que deveria seguir códigos sanitários e determinadas proibições com base no

---

<sup>58</sup> Conforme recenseamento de 1890, estas doenças foram responsáveis pela morte de aproximadamente 21.000 pessoas (BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. **Sexo, raça e estado civil, nacionalidade, filiação, culto e analfabetismo da população recenseada em 31 de dezembro de 1890**. Rio de Janeiro: Officina Estatística, 1898).

<sup>59</sup> **Retrato social...** *Op.cit.*

<sup>60</sup> BENCHIMOL. Reforma urbana e revolta da vacina... *op.cit.*

<sup>61</sup> *Idem.*

controle dos vetores, conforme pretendia Oswaldo Cruz, com uma campanha fundamentada no nexo “micróbio-mosquito-indivíduo receptível”.<sup>62</sup>

É possível que o fato das epidemias afetarem a imagem da cidade tenha servido de argumento para os editores das revistas analisadas não terem tratado de forma ampla sobre a atualidade da questão sanitária nacional, tendo em vista os interesses imigratórios do governo. Entretanto, mesmo quando as ações do diretor de saúde pública compreenderam a publicação de textos intitulados “Conselhos ao povo” na imprensa diária, como forma de veicular informações sanitárias e higiênicas à população,<sup>63</sup> as revistas, especialmente *Kósmos* e *Século XX*, deixaram a divulgação destas questões para segundo plano em sua proposta editorial. Conforme nos aponta Antônio Dimas<sup>64</sup>, Olavo Bilac argumentou não ser do escopo de uma revista elegante como a *Kósmos*, tratar um assunto tão pesado como a questão da varíola.

Porém, mesmo com as ressalvas das revistas em veicular a situação sanitária do país, ainda assim não passa despercebido a grande presença da ciência e do discurso científico na produção de uma cidade saneada, dentro de um panorama de otimismo, marcado por novas relações, costumes e hábitos que se instauram na vida social brasileira, principalmente na Capital Federal, que ainda conservava as suas características de centro político e cultural.

Nas páginas de *Kósmos*, *Renascença* e *Século XX* podemos notar um orgulho dos avanços técnicos e crença no poder da ciência para alcançar seus mais altos desejos de nação civilizada. Estes anseios compartilhados pelas elites, principalmente de origem burguesa, concebiam que a natureza poderia ser domada por uma miríade de invenções, que se sucediam de forma rápida e gradativa. Cada novo invento levava a uma cadeia de inovações, que por sua vez abria perspectivas e projeções inéditas. Dos inventos fundamentais aos mais surpreendentes, das grandes estruturas aos pequenos detalhes, uma cartografia de novidades cobria os olhos desses homens, encantados com suas máquinas maravilhosas.<sup>65</sup>

Se olharmos em um quadro mais amplo, podemos conectar as mudanças na esfera social, hábitos, cotidiano e hierarquias sociais à Segunda Revolução Industrial, ou Revolução Científico-tecnológica, ocorrida entre a segunda metade do século XIX e 1870, responsável

---

<sup>62</sup> DAMAZIO, *op.cit.*

<sup>63</sup> A partir das informações fornecidas por Sylvia Damázio, foi realizada pesquisa na Hemeroteca Digital, onde identificou-se 16 artigos publicados a pedido da Diretoria Geral de Saúde Pública no Jornal do Brasil, entre os anos de 1900 e 1910. Nestes artigos continham recomendações sanitárias pormenorizadas. A publicação em um dos periódicos mais consumidos no país, faz crer o interesse em difundir, amplamente, junto ao público letrado, informações e práticas científicas, vendo o espaço doméstico como um importante *lócus* para promoção de um modelo de saúde pública.

<sup>64</sup> DIMAS, Antônio. **Tempos eufóricos**: análise da Revista *Kósmos*, 1904-1909. São Paulo: Ática, 1983. (Ensaio; 88).

<sup>65</sup> **1890-1914**: no tempo... *Op.cit.*

pelo desenvolvimento quantitativo e qualitativo da economia mecanizada e aparecimento de novos campos de exploração industrial. Esta revolução promoveu as aplicações do conhecimento científico na produção, assim como o uso de novas fontes de energia, como a elétrica. Neste plano, pode-se citar também, a emergência da indústria química, do desenvolvimento da microbiologia e bacteriologia e seus impactos no controle das doenças e epidemias.<sup>66</sup>

Eletricidade e a velocidade tornaram-se grandes símbolos deste período, como evidencia a Exposição Universal de 1900, simbólica ao apresentar o novo século e os pontos positivos do século que tinha findado, representados pela iluminação do palácio monumental com 12 mil lâmpadas, e seus pavilhões que exaltavam as inovações técnicas. Conforme aponta Sevcenko<sup>67</sup>, entre a década de 1870 e 1920 a sociedade é inundada por diferentes inovações, descobertas científicas, novos apetrechos para o lar, novos equipamentos nos meios de produção. É no início do século XX que se vê a inauguração do metrô de Paris (1900), a popularização do automóvel nos principais centros urbanos, as tentativas de controle dos céus com o dirigível do Conde Von Zeppelin (1898) e os inventos de Santos Dumont.

As conquistas científicas acabaram por permear o imaginário do *Fin de Siécle* e da *Belle Époque*, criando um olhar mais otimista sobre o período, sem esquecer o temor daquilo que não poderia se planejar com tamanha precisão. E, ainda assim, a modernidade e o progresso eram o horizonte avistado, o ‘Teatro da Modernidade’ que o Brasil pretendia acompanhar, uma vez que não era possível ser o primeiro da fila.<sup>68</sup>

Essas intensas mudanças somadas a uma percepção diferenciada de um tempo mais célere, permeado de novas sociabilidades, não passam despercebidos pelos cronistas estudados. Ora apontam os impactos dessas novas sociabilidades e das novas formas de diversão, como a presença do cinematógrafo no cenário urbano, como um entretenimento de grande apelo popular, ora discutem como as novas tecnologias impactam no próprio fazer intelectual, impondo novos ritmos e novas demandas dos grupos sociais em informar-se e acompanhar o ritmo vertiginoso dos tempos modernos.

*A atividade humana aumenta, n'uma progressão pasmosa. Já os homens de hoje são forçados a pensar e a executar, em um minuto, o que seus avós pensavam e executavam em uma hora. A vida moderna é feita de relâmpagos nos cérebros, e de rufos de febre no sangue. O livro está morrendo, justamente porque já pouca gente pode consagrar um dia todo, ou ainda uma hora toda, a leitura de cem páginas*

---

<sup>66</sup> SEVCENKO, Nicolau. Introdução: o prelúdio republicado, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: NOVAIS, F. A.; SEVCENKO, N. (Org.). **República**: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. V. 3, p. 7-48. (História da vida privada no Brasil; v.3).

<sup>67</sup> *Idem*.

<sup>68</sup> COSTA; SCHWARCZ, *op.cit.*



*impressas sobre o mesmo assumpto. Talvez o jornal futuro, -- para atender à pressa, à ansiedade, à exigência furiosa de informações completas, instantâneas e multiplicadas, -- seja um jornal falado, e ilustrado com projeções animatográficas, dando, a um só tempo, a impressão auditiva e visual dos acontecimentos, dos desastres, das catástrofes, das festas, de todas as cenas alegres e tristes, serias ou fúteis, d'esta interminável e complicada comedia, que vivemos a representar no imenso tablado do planeta...*<sup>69</sup>

A virada do século inebriava o imaginário social, impelindo-os a mapear o presente e planejar o novo século. As Exposições Universais eram um exemplo deste anseio pelo progresso, pois eram espaços para *imaginar* o amanhã, apresentando inventos relacionados aos entraves do presente, mas olhando para o futuro. “[...] a ‘sciencia’ impunha-se como forma de redimir incertezas”.<sup>70</sup> Mesmo com a ânsia de progresso, tal ideal gerava ambiguidades: os progressos aeronáuticos figuravam nas páginas dos jornais, mas a passagem dos cometas gerava grande comoção no público, como foi o caso do cometa Biela (1899) e o Haley (1910); mesmo com o conforto gerado pela utilização da luz elétrica, os acidentes, às vezes fatais, em sua decorrência causavam apreensão na população.

As ambiguidades culturais também estão presentes no Rio de Janeiro, onde a moda francesa criava tendências e costumes, concorrendo com as festas populares que resistiam aos códigos e posturas. E, além dos conflitos e ambiguidades no campo cultural, havia ainda as tensões entre as referências ao sistema monárquico, ainda presentes, que iam de encontro ao projeto republicano, permeado do ideário de modernidade.

Desta forma, é curioso notar que nas revistas analisadas, o cenário que se buscar criar para o Rio de Janeiro é de uma cidade sem grandes tensões, onde há um compartilhamento e aceitação da ideia de modernidade, sem resistências. O quadro cultural que se tenta construir é homogêneo, destoando da heterogeneidade de movimentos e projetos nacionais em curso na primeira década do século XX. Entretanto, mesmo nos silêncios ou nas pequenas colocações no meio das crônicas, podemos perceber as resistências às mudanças que impactavam na vida cotidiana, críticas à falta de participação popular nas decisões políticas nacionais, o controle da cultura popular, e, principalmente, o desencanto com os rumos políticos do país.

Carvalho e Damázio<sup>71</sup> apresentam um retrato social do Rio de Janeiro nos primeiros anos da República, onde a cidadania é questão pujante para pensar a sociedade brasileira deste momento. Principalmente a falta de acesso da maior parcela da população à democracia que se pretendia incluir o povo, mas que, mesmo com a mudança de regime, não houve uma

<sup>69</sup> BILAC, Olavo. Crônica. *Kósmos*, ano 1, n. 1, p. 7-9, jan. 1904.

<sup>70</sup> COSTA; SCHWARCZ, *op.cit.* P. 11.

<sup>71</sup> CARVALHO. *Os bestializados...* *op.cit.* DAMÁZIO. *Retrato social...* *op.cit.*

ampliação da cidadania, e tampouco a implementação de mecanismo de participação política que agregasse a todos.

O cenário eleitoral nos primeiros anos do regime republicano pouco havia mudado em comparação ao período imperial: eliminou-se o quesito renda para os eleitores, mas manteve-se a exigência de alfabetização. Se no Império o nível de participação popular no processo de eleições diretas, a partir de 1881, era de 1% da população, na eleição presidencial de 1894 foi de 2%.

Assim, o cenário pouco mudou na expansão dos direitos civis e políticos na Primeira República. Apesar da eliminação do Poder Moderador, do Senado vitalício, e a introdução do federalismo, não houve uma alteração do que concerne à cidadania política, pois tais ações concentraram o poder junto às elites políticas rurais e urbanas. Diferentemente do apregoado pelos propagandistas republicanos nos periódicos, nas conferências públicas e comícios, o povo não foi incluído no novo regime, e, tampouco, foi implementado um sufrágio universal.<sup>72</sup>

O único texto encontrado nas revistas que aborda a questão da cidadania, foi uma crônica, bastante crítica, de Gonzaga Duque, em 1909, relatando a atmosfera eleitoral na cidade. Um encontro casual em uma das ruas carioca, onde o cronista é reconhecido e efusivamente cumprimentado pelo candidato a deputado, serve como ensejo para discutir a atmosfera de eleição e a pouca participação política da população<sup>73</sup>.

Nesta crônica, pode-se perceber a frustração pela exclusão dos homens, que lemos ‘de letras’, do meio político. Gonzaga Duque, participante do movimento republicano nos anos de 1880, acreditava que os intelectuais deveriam ter posição importante no novo regime e nos projetos que objetivavam o progresso nacional. Contudo, a relação amistosa entre literatos e o meio político durou, apenas, até o mandato de Floriano, quando houve grande perseguição a literatos, como José do Patrocínio, Olavo Bilac e o próprio Gonzaga Duque. Desta forma, em seu texto, o autor encadeia a falta de identificação política à politicagem e à desorganização do sistema eleitoral, e não à ausência de personagens competentes para comandar o país:

*Mas de tanto não se poderá concluir que à república falta grandes, notáveis inteligências ou, se quiseram, talentos. Ela os tem, sem mesmo contar os ilustres políticos que aderiram ao seu governo. O que acontece é que, não sendo as eleições coisa séria, os homens úteis, os que se recomendam por seus talentos, ficam sem cotação eleitoral. A arraia miúda que corre às urnas vota na gente do seu feitio. Daí o triunfo de uns nomes que representam a esperteza, a politicagem, a transação*

<sup>72</sup> CARVALHO, *Ibidem*.

<sup>73</sup> GONZAGA, Duque. Crônica. *Kósmos*, ano 6, n. 3, p. 3-4, mar. 1909.

*de baixos interesses, e o esquecimento ou derrota dos que podiam honrar a política e prestar auxílio benéfico a administração geral.*<sup>74</sup>

A crítica ao sistema político também vai figurar em artigo de Sílvio Romero que, ao lado de Gonzaga Duque, será um dos mais críticos colaboradores das revistas. Mesmo ao elencar questões de âmbito econômico e institucional do Brasil -- como por exemplo o câmbio, as especulações no mercado de capitais e a desconfiança no novo regime -- para o autor, estes são sintomas de um mal maior: a falta de participação popular e a carência de uma reforma das instituições sociopolíticas do país.<sup>75</sup> Este artigo, em que Romero procura traçar o perfil etno-psicológico da sociedade brasileira, é uma das poucas críticas diretas que será veiculada pelas revistas, que buscou não abordar, consciente ou inconscientemente, a situação das classes populares, e não dignificando as suas demandas como legítimas, como por exemplo uma maior participação política e social.

É o caso por exemplo, do texto de Demétrio Toledo sobre a situação operária na Europa, afirmando que esta era uma questão que não afetava ao Brasil, uma vez que os problemas que o país enfrentava com os grupos que trabalhavam em fábricas e indústrias, eram resultados das ações de agitadores que buscavam vantagens pessoal e partidária.<sup>76</sup> Em seu texto não é feita referência à greve de 1903, integrada por funcionários do setor de serviços e das fábricas têxteis, tampouco suas condições de vida em relação ao custo elevado de moradia em decorrência das ações reformadoras da cidade.

A Revolta da Vacina também se enquadra neste caso. Os textos em oposição à vacinação obrigatória foram tratados no nível científico, evidenciando um descontentamento com a ação muito em função de uma discordância entre tradições científicas sobre as formas de contágio de vertente bacteriológica e vertente positivista, especialmente no que diz respeito à relação médico-doença-doente. Mas não houve um debate a nível de direitos individuais ou como uma reação às muitas imposições e normatizações que as classes populares eram submetidas. Aliás, na revista *Kósmos*, todas as reações violentas foram classificadas como ação de populares, excluindo a classe alta deste quadro, e no caso da *Renascença* não houve referências ao evento.

Olavo Bilac foi o cronista da *Kósmos* do mês de novembro e dedicou a sua seção a tratar sobre a revolta. Em sua perspectiva, tal reação era fruto da falta de educação formal do povo, elemento que destoava do projeto civilizatório em marcha. Em suas palavras, meia

---

<sup>74</sup> *Ibidem*.

<sup>75</sup> ROMERO, Sílvio. O Brasil social: um estudo etno-psicológico. *Século XX*, ano 1, n. 5, p. 9-14, fev. 1906.

<sup>76</sup> TOLEDO, Demétrio. Operários do velho e do novo mundo. *Kósmos*, ano 1, n. 6, p. 23-25, jun. 1904.

dúzia de decretos não formariam um povo, referenciando um discurso que considerava que o Brasil não dispunha de um povo:

*As arruaças deste mês – nascidas de uma tolice e prolongadas por várias causas, -- vieram mostrar que nós ainda não somos um povo. Amanhã, um especulador político irá, pelos becos e travessas em que reside a gente humilde, murmurar que o governo tenciona degolar todos os católicos, ou fuzilar todos os protestantes, ou desterrar todos os homens altos, ou encarcerar todos os homens baixos. E a gente humilde aceitará, como uma verdade, essa invenção imbecil, como aceitou a invenção da vacina com sangue de rato pestiferado... E pouco importa que em todas as esquinas se preguem editais aniquilando a calúnia e pouco importa que todos os jornais destruam a infâmia em artigos, em notícias, em anúncios: -- a gente que não sabe ler continuará a crer no que lhe disseram, -- e a sua revolta brutal e irresponsável continuará a servir de arma aos especuladores.*

*No Rio de Janeiro, e em todo o Brasil, os analfabetos estão em maioria. Quem não sabe ler, não vê, não raciocina, não vive: não é homem, é um instrumento passivo e triste, que todos os espertos podem manejar sem receio.*

*A revolta de agora não foi apenas obra dos desordeiros de profissão: foi também obra dos ignorantes explorados criminosamente pelos astutos.*

*E não sei bem para que servirá dar avenidas, árvores, jardins, palácios a esta cidade, -- se não derem aos homens rudes os meios de saber o que é civilização, o que é higiene, o que é dignidade humana.<sup>77</sup>*

Apesar da crítica ser pertinente em momento em que a sociedade carioca era composta por 48% de população analfabeta, o seu prisma de análise é sintomático para pensar o alinhamento destas revistas de cultura geral com o governo. Bilac, que mais de uma vez levantou a bandeira em prol da educação nas páginas da *Kósmos*<sup>78</sup>, identifica o que ele chama de crise como uma expressão das deficiências sociais do Brasil, que não se concentram apenas em questões sanitárias e populacionais, mas incluem, também, a educação formal:

*O que urge é compreender essa crise, e é aproveitar a lição dos fatos. Nós não temos unicamente, diante de nós, o problema do saneamento e do povoamento. Com o saneamento apenas, -- livrar-nos-emos das epidemias que os mosquitos, os ratos, os micróbios transmitem de corpo a corpo – mas deixaremos, intacta e tremenda, pairando sobre nós, a ameaça das epidemias morais, que depauperam o organismo social, e o conduzem à indisciplina, à inconsciência e à escravidão. Tratando apenas do povoamento, feito ao acaso das levas de imigração, sem fundar uma escola em cada novo núcleo de povoadores, -- conseguiremos somente aumentar e dilatar o império da ignorância e da irresponsabilidade.*

*O problema que tem de ser resolvido, juntamente com esses dois, é o da instrução. E o que dói, o que desespera, é que toda a gente culta do Brasil tem consciência disto, e que, há mais de um século, esta verdade, anunciada, proclamada, escrita, em*

<sup>77</sup> OLAVO, Bilac. Crônica. *Kósmos*, ano 1, n. 11, p. 3-4, nov. 1904.

<sup>78</sup> Sevcenko. **Introdução: o prelúdio...** *op.cit.* aponta que este interesse na questão educacional por parte dos intelectuais está relacionado ao ideal de Ilustração em voga que concebia a educação como redenção social, inspirado nas teorias de democratas franceses da Terceira República. Essa inspiração não se configurou apenas como cópia do modelo francês, mas principalmente por entrelaçar-se com as expectativas nacionais que envolviam a democracia e as camadas populares, considerando o analfabetismo como pernicioso para o bom funcionamento do organismo social, e impedimento para construção de uma sociedade democrática no Brasil. Assim, era importante demandar ao governo a implementação de instrução básica para a população, como um dos principais pontos de um programa mais amplo, que objetivava retirar as camadas populares, analfabetas e miseráveis, da indigência social.

*todas as tribunas, em todos os livros, em todos os jornais, ainda não achou governo que a servisse em terreno prático.*<sup>79</sup>

Ao expormos estas críticas à falta de educação formal e de cidadania do povo, deixamos claro uma fissura neste quadro pouco tensionado veiculado pelas revistas analisadas. Independente do interesse em servir-se de porta-voz do Governo, e mesmo não abrindo possibilidades de um debate amplo com outros pontos de vista, somente daqueles intelectuais criteriosamente selecionados para figurarem em suas páginas, estas revistas não puderam controlar eventuais descontentamentos com o projeto nacional.

É o caso, também, das pequenas insatisfações encontradas no corpo das crônicas e coberturas das obras na cidade. Em textos que se propunham a historiar as ruas do Rio de Janeiro, há um tom de lamento e certo saudosismo, condoendo-se pela demolição de ruas e prédios que tinham relação com a própria história intelectual da cidade, como o caso de espaços caros à sociabilidade literária: os cafés e as confeitarias. Era comum estes locais de reunião literária localizarem-se em ruas estreitas do centro do Rio de Janeiro, próximas à Rua do Ouvidor e em torno de outros pontos intelectuais, como as faculdades e livrarias, e, seguindo o modelo urbano que se impunha, estas vias seriam substituídas por largas avenidas, arejadas e saneadas.

Assim, foi relativamente comum às três revistas textos rememorando experiências intelectuais no espaço urbano que desaparecia. Demolições de parte da rua Sete de Setembro foram pano de fundo para lembrar um café frequentado pelos estudantes nos anos de 1880. Um artigo sobre demolição de uma capela serviu de espaço para lembrar que naquela mesma rua, onde só restavam escombros, ficava um livreiro desde 1850, espécie de editor de jovens aspirante a literatos, e a sede de um jornal a pouco fundado e de grande estima para os intelectuais. Estes textos normalmente são assinados por pseudônimos, alguns muito sugestivos, como *Escavador* e *Fantásio*, este último atribuído a Olavo Bilac.

Assim, bem longe de ser um quadro homogêneo, estas revistas acabam por referenciar um panorama tensionado e multifacetado, onde ao mesmo tempo em que é possível identificar o alinhamento com uma ideia de “modernização” há também um apego com as próprias memórias do grupo intelectual. Fica evidente, desta forma, que esta nova ideia de país, calcado no moderno, que as revistas buscavam projetar, por vezes será confrontada por uma imagem de país que persiste, onde algumas referências não são desejadas, como por exemplo a presença dos problemas sanitários e sociais, e outras em que há o apego afetivo dos intelectuais podendo-se notar certa resistência a esta “modernização” e “progresso”.

---

<sup>79</sup> OLAVO, Bilac. Crônica. *Kósmos*, ano 1, n. 11, p. 3-4, nov. 1904.

Cabe, por fim, refletir sobre a própria ideia de modernidade produzida nesse momento. Como aponta Marialva Barbosa, os processos de construção da modernidade são particulares a contextos históricos, podendo assim considerar a existência de *modernidades*, e não tratar este conceito de forma genérica, sem analisar as suas especificidades temporais e espaciais. Desta forma, a passagem do Império para a República pode ser apreendida como momento de produção de uma determinada modernidade brasileira:

Nesse momento, procura-se construir a imagem de que um novo tempo começara e que não guardava nenhuma relação com a história anterior do país. A República, na construção discursiva vigente, e na qual a imprensa teve papel fundamental, se constituía como o momento em que se instaurava uma ideologia do progresso, igualada a valor positivo, mas sobretudo à ideia de redenção. Uma redenção localizada num futuro, aonde inexoravelmente estaria a civilização.<sup>80</sup>

Esta ideologia do progresso foi basilar na produção de sensibilidades sobre a modernidade, que procurou apontar o caminho que a nação deveria seguir: de um ponto menos desejável, o passado colonial que deveria ser esquecido, para um ponto superior, localizado num futuro ainda incerto.

Assim, a modernidade vai se constituir em um nexos de um ‘novo tempo’ com uma tentativa de ruptura com o modelo anterior, em que sob o rótulo de ‘moderno’, valorado de forma positiva, múltiplos sentidos serão abarcados: são sempre os melhores, tendo como parâmetro o tempo anterior; indicam sempre a vivência de novas sensações, que jamais foram experimentadas. Essa ideia de modernidade será compartilhada pela imprensa, como aponta Barbosa<sup>81</sup>, e coloca este segmento como protagonista nas encenações da experiência moderna. Rodrigues<sup>82</sup> atribui a este segmento o papel de imprimir de forma sutil os valores da modernidade – como regeneração, ilustração e razão – na busca de um consenso social em torno desta ideologia. Assim, jornais e revistas serviram como emblemas destes novos tempos, incorporando novas tecnologias em seus parques gráficos, evidenciando um caráter mais empresarial desse segmento.

No entanto, cabe ressaltar que, apesar da ideologia de progresso que circulava à época, cada revista vai experimentar e veicular a sua concepção de modernidade, progresso e civilização. Enquanto algumas revistas procuraram materializar essa sensibilidade a partir da cobertura de um mundo social repleto de inovações tecnológicas e um ritmo cotidiano mais acelerado, marcado por novas formas de expressão artística e literária<sup>83</sup>, outras revistas

<sup>80</sup> BARBOSA, **Imprensa e encenações...** *op.cit.*. P. 130.

<sup>81</sup> **Imprensa e encenações...** *Op.cit.*

<sup>82</sup> **A modernidade carioca...** *Op.cit.*

<sup>83</sup> VELLOSO. **O modernismo no Rio de Janeiro.** *Op.cit.* SUSSEKIND. **O cinematógrafo das letras.** *Op.cit.*

intitularam-se modernas, porém preservaram formas comunicativas de outros momentos históricos, como é o caso das revistas aqui estudadas.

Conforme dissemos, estas seguiram um modelo editorial já reconhecido no cenário cultural brasileiro, voltadas para um público restrito que as consumia como forma de distinção. A modernidade, dentro desta tipologia de revistas, não vai se manifestar com a apropriação de outras linguagens de comunicação ou novas técnicas literárias, mas sim compreendida como uso de um estilo editorial de padrão internacional e exposição de um projeto gráfico exuberante, evidenciando as relações entre uma ideia de modernidade e uma noção de novidade, aos circuitos de um consumo de luxo e o culto ao fetiche conforme Walter Benjamin<sup>84</sup> aponta como características da modernidade.

Sendo assim, passemos para a análise das revistas *Kósmos*, *Renascença* e *Século XX* à luz da sua tipologia documental e enquanto veículo de projeto político oficial e espaço para debates intelectuais.

## 1.2. *Kósmos*, *Renascença*, *Século XX*: revistas de letras, ciências e artes

*Quem está matando o livro, não é propriamente o jornal: é, sim, a revista sua irmã mais moça, cujos progressos, no século passado e neste começo de século, são de uma evidência maravilhosa. Mas “jornal” e “revista” confundem-se, formando juntos a província maior da imprensa, e aperfeiçoando-se juntos, numa evolução contínua, que ninguém pode prever quando nem como alcançará o seu último e sumo estádio (BILAC, O. Crônica. *Kósmos*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 7-9, jan. 1904).*

Como apresentado na seção anterior, as revistas estudadas são criadas em momento de grande euforia com inovações técnico-científicas, e dentro de um contexto nacional de circulação de um ideário de modernidade, progresso e civilização. Contudo, é importante delinear o ambiente da imprensa carioca neste quadro, tendo em vista a melhor compreensão da emergência dos magazines no contexto analisado.

A partir de 1870 o Brasil passa por transformações na imprensa, com a introdução de novas técnicas de impressão, nova disposição do texto no corpo dos periódicos, apresentação de novo layout e fortalecimento da revista no cenário editorial. Tais mudanças estão atreladas a fatores sociais e tecnológicos que ocorreram nas últimas décadas do Império e início da República, como o aperfeiçoamento do serviço de transportes – estabelecimento de linhas de bondes e redes ferroviárias, e chegada dos navios a vapor –, a introdução do telégrafo,

---

<sup>84</sup> BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX. In: **TEXTOS de Walter Benjamin**. São Paulo: Ática, 1985. (Col. Grandes Cientistas Sociais). P. 30-43.

popularização da fotografia, a instalação de empresas internacionais de notícias, aumento da população urbana, além de demandas sociais por instrução pública e criação de mais escolas com acesso para as classes média e baixa.<sup>85</sup>

Em um quadro histórico mais longo, Sevcenko aponta que o processo de inovação da imprensa pode ser inserido na conjuntura de modernização da economia brasileira, a partir de 1850, com a importação de técnicas, técnicos e equipamentos europeus.<sup>86</sup> Como nos apresenta Benchimol, a partir da metade do século XIX, o Rio de Janeiro era um importante centro comercial e financeiro onde novas relações de trabalho, principalmente aquelas de cunho assalariado, permitiram o aumento da circulação de mercadorias. O incremento do setor de transportes, com a inauguração das estradas de ferro e uso de navios a vapor em gradativa substituição ao transporte fluvial e animal, foi acompanhado pelo aumento de empresas comerciais e financeiras, principalmente aquelas de capital estrangeiro.<sup>87</sup>

Em meados de 1850, há a circulação de tipógrafos estrangeiros que se instalaram na cidade, e com eles a inserção de novas técnicas tipográficas que já estavam presente no cenário editorial europeu. Com as melhorias tecnológicas nas tipografias, movimento este concomitante ao aumento da população urbana brasileira, a partir do último quartel do século XIX, houve o aparecimento do jornal leve e barato, de caráter mais popular. Este ‘novo’ jornal materializou o interesse na popularização da imprensa diária e estímulo da produção literária e artística, se configurando como um espaço para a prática discursiva dos intelectuais:

Atuando através dessa nova imprensa, de cunho literário e grande consumo, ao contrário do jornalismo tradicional, eminentemente político e de circulação restrita, esses intelectuais encontrarão à sua frente um horizonte social amplo e virgem, embora indefinido, de cuja massa informe eles tentarão forjar o seu instrumento de ação social.<sup>88</sup>

É importante ressaltar o panorama técnico de impressão de imagens, tendo em vistas que estas inovações foram fundamentais para a consolidação do mercado de revistas no final do século XIX. Com a introdução de equipamentos e profissionais tipográficos estrangeiros, a imprensa brasileira buscou aprimorar a reprodução fotomecânica das imagens, sem a

---

<sup>85</sup> SEVCENKO, Nicolau. O fardo do homem culto: literatura e analfabetismo no prelúdio republicano. **Almanaque: Cadernos de Literatura e Ensaio**, São Paulo, n. 14, p. 80-83, 1982. BARBOSA, Marialva Carlos. **História cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. MARTINS. Revistas em revistas. *Op.cit.* ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. Processos de reprodução e impressão no Brasil, 1808-1930. In: CARDOSO, Rafael (Org.). **Impressos no Brasil, 1808-1930: destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2009. P. 45-65. COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de (Org.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 103-130.

<sup>86</sup> O fardo do homem culto. *Op.cit.*

<sup>87</sup> BENCHIMOL. Reforma urbana... *Op.cit.*

<sup>88</sup> SEVCENKO. *Ibidem*, p. 82.



necessidade de interferência humana, uma vez que a fotografia ocupava cada vez mais espaço na vida sociocultural.<sup>89</sup>

Somente na década de 1880 foi possível realizar a gravação de fotografias nas publicações, com a utilização de malha de linhas cruzadas ou verticais que davam à imagem um aspecto de gravura, a partir da técnica chamada *cliché*, que compreendia a impressão da imagem em alto-relevo em uma chapa que possibilitava a impressão simultânea de texto e figura no mesmo processo tipográfico, iniciando, assim, a utilização da fotografia na imprensa.<sup>90</sup>

Neste quesito gráfico da virada do século, podemos apontar a *Revista da Semana* como a mais emblemática, ao entrosar texto e imagem, relacionando informações visuais e verbais, evidenciando a mudança de estatuto da imagem fotográfica no projeto editorial da imprensa brasileira a partir de 1900: de meramente ilustrativa para elemento informativo.

No quadro de mudanças socioculturais e inovações técnicas, o mercado editorial torna-se, gradativamente, mais empresarial, o que Brito Broca<sup>91</sup> chama de “processo de industrialização da imprensa”. Assim, emergiram os primeiros grupos empresariais, substituindo as pequenas tipografias e empreendimentos de caráter familiar; houve intensa profissionalização da atividade jornalística, com o fortalecimento do jornalismo como *second-metier* de intelectuais; a literatura impregnou-se de caráter industrial, onde por vezes preponderaram questões econômicas em detrimento daquelas estéticas; as produções literárias na imprensa passaram a guiar-se pelo gosto do leitor, provocando mudanças nos programas editoriais, com a diversificação dos temas e das seções, com a inclusão de reportagens, entrevistas, crônicas.<sup>92</sup> Enfim, os periódicos buscaram dar conta da complexidade da vida social brasileira, não esquecendo o ambiente internacional.

Este é, também, o momento em que se nota um estímulo à produção interna do papel, para suprir às demandas do incipiente mercado consumidor que necessitava de matéria-prima para o seu desenvolvimento. O investimento na produção de matéria-prima e na alfabetização da população, aliados à evolução do parque gráfico foram essenciais para o mercado editorial que se formava. Assim, a florescente economia urbano-industrial, a modernização técnica e a

<sup>89</sup> ANDRADE. Processos de reprodução e impressão no Brasil... *op.cit.*

<sup>90</sup> ANDRADE, *Ibidem.*, p. 61. O autor complementa que esta técnica é denominada de autotipia ou similitivatura, meio-tom ou meia-tinta, disseminada na Europa a partir de 1885, e no Brasil começou a ser utilizada de forma tímida pela imprensa ilustrada carioca nos anos finais de 1890, e somente no início do século XX esta técnica se popularizou pela imprensa brasileira.

<sup>91</sup> **A vida literária no Brasil...** *Op.cit.*

<sup>92</sup> BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2007a. ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Imprensa a serviço do progresso.* MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de (Org.). **História da imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2008. p. 83-102.

ampliação do mercado leitor propiciaram o crescimento e a diversificação da imprensa brasileira, pois diante de alta taxa de analfabetismo, a leitura era considerada um emblema distintivo.<sup>93</sup>

Com a diversificação e aperfeiçoamento da imprensa e alto custos dos livros, as revistas ocuparam importante espaço no campo da instrução e do lazer da sociedade urbana que emergia. A partir de 1890, as revistas passaram a ser vistas como um formato ideal para veicular imagens sobre o Brasil, por representarem o que tinha de mais moderno em impressão, serem de fácil consumo e célere circulação. Este formato de impresso já era moda na Europa, o que contribuiu para pôr em evidência o mercado revisteiro brasileiro, tendo em vista o apreço nacional pelas tendências europeias.<sup>94</sup>

As inúmeras revistas criadas na virada do século eram opção de leitura à imprensa diária, além de também se apresentarem como barricadas e espaços para o debate dos diferentes grupos sociais, e, em alguns casos, alternativas contrarcorrente à imprensa empresarial que emergia. Informação ligeira, fácil impressão e baixo custo, tendo em vista o valor para aquisição de livros, eram as suas principais características. Em uma mesma edição era possível reunir diferentes assunto e ilustrações que chamavam a atenção dos leitores, mesmo dos que não dominavam as primeiras letras.<sup>95</sup>

Nos anos iniciais da República nota-se que a industrialização dos meios de comunicação se fez ver através do aperfeiçoamento do design gráfico, na agilidade e aumento das tiragens, no estabelecimento de parques gráficos, na utilização do mais moderno maquinário de impressão e técnicas fotoquímicas, que incrementaram, assim, os lucros do ramo<sup>96</sup>. E a expressão de um ideário de modernidade pode ser percebido pelo estabelecimento da vida urbana como o principal interesse das páginas revisteiras, permeado pelo clima eufórico da *belle époque*, se investindo do papel de veículo de diversão, distração e prazer destes novos tempos, seduzindo os leitores com discursos textuais e imagéticos que buscavam materializar, assim, o almejado progresso.

Dentro deste quadro técnico e social da imprensa nacional na virada do século XIX para o século XX, que se enquadram as revistas analisadas.

---

<sup>93</sup> COHEN. Diversificação e segmentação, *Op.cit.*

<sup>94</sup> MARTINS. **Revistas em revista...** *Op.cit.*

<sup>95</sup> LINS. Em revistas... *op.cit.*

<sup>96</sup> Tânia de Luca (2009) incluirá neste quadro a gradativa substituição da produção artesanal dos impressos por processos industriais: “Máquinas modernas de composição mecânica, clichês em zinco, rotativas cada vez mais velozes, enfim, um equipamento que exigia considerável inversão de capital e alterava o processo de compor e reproduzir textos e imagens passou a ser utilizado pelos diários de algumas das principais capitais brasileiras”.

*Kósmos* foi criada em janeiro de 1904, e apresentou um visual gráfico que marcou a sua década, se configurando como modelo para outras publicações que seguiram. Foi o caso das revistas *Renascença*, inaugurada em março de 1904, e *Século XX*, inaugurada em outubro de 1905, que em seus programas citam a *Kósmos* como inspiração para seus projetos editoriais. Estas três revistas apresentavam objetivos muito próximos: acompanhar as mudanças no espaço urbano e social da cidade, divulgar as ciências, as artes e a literatura nacionais para as diferentes partes do país e para o exterior.

*Kósmos* foi publicada de janeiro de 1904 a abril de 1909. Intitulava-se revista artística, científica e literária, apresentando uma variedade de assuntos em seu escopo. Era de propriedade de Jorge Schmidt,<sup>97</sup> tipógrafo carioca desde de 1891, e tinha como diretor geral Mário Behring, participante das principais rodas intelectuais, o que explica a seleta rede de colaboradores que conseguiu reunir em sua revista. *Kósmos* inspirou-se nas tendências das revistas europeias, principalmente francesas, que chegavam aqui nos *bateaux dernières*.<sup>98</sup>

Um layout sofisticado, apreço ao design gráfico estilo *art-nouveau* e colaboradores integrantes das seletas academias e institutos intelectuais – em especial, Academia Brasileira de Letras (ABL), Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e a Academia Nacional de Bellas-Artes (ANBA) – foram atributos que conquistaram o público e a própria imprensa, conforme resposta do jornal *A Notícia*, após apreciação do primeiro número:

*Kósmos, a brilhante revista, dirigida pelo Sr. Mario Bhering, e impressa nas oficinas do Sr. J. Schimidt, que ontem publicou com sucesso, com triunfo o seu primeiro número, veio realizar uma aspiração. Ninguém, entre nós, habituado às meias tintas das revistas comuns, podia esperar a tão completa perfeição que nos exibiu, da primeira à última página, a primorosa e linda publicação.*

*De modo que todas as vistas demoradas de alegria e de atenção, se voltavam ontem nos balcões e nas vitrines das nossas livrarias, para festejar, para aplaudir esses homens heroicos, que vencendo a rotina, deram a esta terra uma revista.*

*Quase todo o seu texto de artigos, crônicas e versos de Vitor Hugo, de Bilac (soneto inédito), de José Veríssimo, Arthur Azevedo, Medeiros e Albuquerque, Moreira Guimarães, coronel Barbedo, Reis Carvalho, é ilustrada de magníficas, de nítidas fotografuras, num papel excelente, caro, luminoso. Daí, porque é de seu programa ser álbum das nossas belezas naturais, estampas dos primeiros saltos brasileiros, das cataratas do Iguazu, no território das Missões. [...]*<sup>99</sup>

<sup>97</sup> Conforme pesquisas e conversa por e-mail com as descendentes de Jorge Schmidt, este era filho do primeiro Visconde de Schmidt. Foi educado na Inglaterra, conforme tradição familiar, e criou sua tipografia após pesquisas na Europa para implantação de uma fábrica têxtil. Segundo sua neta, Vera Schmidt, a família Schmidt fazia parte da classe média alta, frequentava os principais espaços culturais da cidade, e sua casa era frequentada pela elite intelectual e política do país.

<sup>98</sup> Conforme a própria revista apresenta em seu programa manifesto: *Tomando por modelo as mais notáveis publicações ilustradas europeias e norte-americanas, lutando com incriveis embarços em um meio como o nosso tão mal emparelhado para semelhantes empresas, coagidos a reunir em nossas oficinas os mais variados ramos das artes gráficas, que em mais adiantados centros constituem verdadeiras especialidades, queremos fazer das páginas de Kósmos, um artístico álbum das nossas belezas naturais, dos primores dos nossos artistas, propagando o seu conhecimento a outros pontos do país e do estrangeiro* (*Kósmos*, ano 1, n. 1, p. 6, jan. 1904).

<sup>99</sup> *Kósmos*. *Kósmos*, ano 1, n. 2, p. 3, fev. 1904.

*Kósmos* estabeleceu alguns padrões que foram seguidos por suas congêneres aqui analisadas: primeiro, a ideia de progresso e modernidade atrelada à estética gráfica do impresso; segundo, a centralidade da fotografia; e terceiro, a prevalência do caráter intelectual.

A estética gráfica da revista foi apresentada como a materialização da ideia de modernidade e progresso que se pretendia para o cenário urbano, ao utilizar impressão fotoquímica, papel colorido, decoração das páginas e uso de diferentes gramaturas de papel *couché*. *Kósmos* seguia moldes internacionais e, nesta posição, acompanhou a tendência artística *art nouveau*, como forma decorativa de suas fontes e visual de suas páginas, incluindo capas que mudavam o layout como forma de apresentar novidades a um leitor ávido por inovações.<sup>100</sup>

Apesar de contar com um seleto grupo de artistas plásticos oriundos da Escola Nacional de Belas Artes, responsáveis pela decoração da publicação e cobertura das seções sobre artes plásticas, a fotografia foi uma das principais linguagens para representar as sensibilidades urbanas que a revista intentava. Assim, ganham destaque os artigos com as coberturas das obras, onde a imagem substitui o texto, ou materializa a descrição dos naturalistas-cronistas em expedições científicas e militares pelo Brasil.

Augusto Malta, Marc Ferrez, Guilherme Gaensly e Luiz Musso foram os principais fotógrafos, mas *Kósmos* abriu espaço para os fotógrafos amadores, principalmente os integrantes dos fotoclubes das primeiras décadas do século XX, como Oscar Teffé e Sylvio Bevilacqua.<sup>101</sup>

Pensamos, aqui, que o espaço dado à fotografia no projeto editorial da *Kósmos* – e também da *Renascença* e *Século XX* – está vinculado à ideia de modernidade que a publicação da fotografia agrega, mas, principalmente, à noção de representação ‘realista’ de um Brasil que se queria mostrar. Quando os seus interlocutores a qualificam como um “álbum das nossas belezas”, conforme citação apresentada acima, podemos afirmar que o seu objetivo, ao investir sobremaneira no aspecto iconográfico da revista, foi apresentar um conjunto de representações visuais do país em consonância com o discurso que se apregoava.

O caráter intelectual da revista é extremamente valorizado, tanto na questão temática quanto na sua abordagem. Apesar de buscar tratar dos principais acontecimentos da cidade e

---

<sup>100</sup> ALCÂNTARA, Rita. **Kósmos, um resgate para a história do design gráfico brasileiro**. 2008. 160 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Desenho Industrial, Escola Superior de Design Industrial, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

<sup>101</sup> *Ibidem*.

do país, *Kósmos* prezou determinados elementos da cultura científica, artística e literária, especialmente aquela de escopo mais científicista e mais academicista, para compor o seu programa editorial. Seus ensaios – seja literário, artístico e, sobretudo, científico – se aproximavam dos debates das mesas dos cafés e das confeitarias, das seções dos institutos culturais, das conferências amplamente divulgadas pela imprensa, buscando reproduzir a área de utilidade social e prestígio que comumente era associada ao meio intelectual.

As revistas apresentavam muitas semelhanças, por compartilharem um modelo comum, mas tinham suas particularidades. *Renascença*, foi publicada entre março de 1904 e setembro de 1908, pela Tipografia E. Bevilacqua, criada aos moldes da *Kósmos*, conforme aponta a crônica de abertura:

*E ainda bem que a Renascença, aparecendo agora à luz, não se vai encontrar só no seu esforço em prol do desenvolvimento das artes gráficas no Brasil. Precedeu-a na arena o Kósmos, de cuja feição artística não dirá bastante tudo quanto de bem se possa dizer.*

*Atestado eloquente do que se é capaz de fazer entre nós, Kósmos merece, de todos os que amam a arte e as letras, animação e amparo, não tendo nós para a brilhante revista senão palavras de louvor e desejos de prosperidade.*

*Assim possa a Renascença secundar o belo periódico na demonstração prática do nosso progresso e desenvolvimento artístico.*

*O momento entre nós, sem dúvida, assinala uma tendência de franco renascimento estético. É sintoma animador o aplauso geral às várias obras de transformação da nossa principal cidade e o auxílio que cada qual tem querido trazer aos melhoramentos empreendidos.*

*Registrando esta tendência, a Renascença surge como órgão desse movimento regenerador, oferecendo ao mesmo tempo à literatura pátria ensejo e oportunidade de tornar conhecidas as produções de variado engenho de seus beneméritos servidores.<sup>102</sup>*

Eugênio Bevilacqua, seu proprietário, já era conhecido no meio tipográfico e artístico, por ser de uma família de editores musicais. A produção de edições iniciada por seu pai, Isidoro Bevilacqua, em 1835, foi continuada por Eugênio a partir de 1879, que se tornou reconhecido por dar grande impulso à imprensa de música, ao investir em uma tipografia de ponta. Assim, E. Bevilacqua quando inicia a publicação de *Renascença*, a faz sob o prestígio que o sobrenome Bevilacqua já tinha no meio cultural, devido às edições de partituras e folhetos musicais nacionais e internacionais.

O que *Renascença* apresenta de peculiar, dentre as revistas de cultura geral aqui analisadas, é seu forte caráter comercial. Rodrigo Octávio, Henrique Bernadelli e Max Fleuiss foram os diretores e redatores-chefes da publicação. Seu principal cronista foi João de Barros, mas devemos apontar que, diferente da *Kósmos*, com grande valorização dos seus cronistas – Olavo Bilac, Gonzaga Duque e Gil – a crônica não foi o carro-chefe do magazine e não

<sup>102</sup> Apresentação. *Renascença*, ano 1, n. 1, p. 1-2, mar. 1904.

apareceu em todas as edições. No entanto, apesar de não usar um dos elementos mais populares da imprensa do momento, esta revista publicou literatura infantil, moda, em todas as edições havia partituras musicais – o que conferiu uma identidade do seu editor –, apresentou uma longa seção publicitária<sup>103</sup> e, o elemento mais inusitado, os artigos eram autografados pelos intelectuais, evidenciando um fetichismo que envolveu esta tipologia documental.<sup>104</sup>

Um caráter mais comercial também está presente no projeto editorial de *Século XX*. Publicada pela Companhia Tipográfica do Brasil, entre outubro de 1905 e julho de 1906, fazia parte da Livraria Laemmert e, fica evidente com as leituras, que sua principal função era dar visibilidade às demais publicações da empresa, principalmente pela centralidade da seção de resenhas, intitulada “Livros Novos”.

*Século XX* também deixa evidente sua posição monarquista, ao publicar, em seus números iniciais, a biografia de Pedro II, Pedro I e D. Joao VI na seção “Os grandes brasileiros”, e questionar a versão de história pátria produzida por alguns republicanos, conforme a crítica de Max Fleuiss, então diretor e redator-chefe da revista, ao livro de Gonzaga Duque, *Revoluções Brasileiras*, que buscou historicizar o movimento que culminou na Proclamação da República a partir de fatos da história colonial<sup>105</sup>. Mais um elemento contribui para desmistificar a ideia de unidade intelectual que estas revistas tentavam produzir, pois trata-se de dois sócios do IHGB debatendo versões e pontos de vistas sobre a história nacional e, sobretudo, posições políticas.

Apesar de mais modesta que as demais, *Século XX* também foi recebida com entusiasmo pela imprensa carioca, como ilustra o comentário do *Diário Popular*:

*Diário Popular: Século XX- Entre as nossas melhores revistas literárias, artísticas e científicas, que as temos já de molde a poderem rivalizar com as similares estrangeiras, vem de enfileirar-se o Século XX, cujo primeiro número nos foi ontem oferecido. Ultimamente, a imprensa artística no Brasil tem evidenciado o nosso progresso em todos os ramos da arte gráfica: Kósmos e Renascença, e agora Século XX são os mais vigorosos testemunhos desse nosso adiantamento. É isto muito tem animado o nosso meio letrado, que à falta de um concurso artístico, de uma perfeição na técnica gráfica, lutava com uma falta de estética nas publicações, com uma carência de gosto, senão com a impossibilidade de dar ao trabalho mental uma correspondência de brilho na fatura material. O Século XX tem esse duplo fim otimamente preenchido; em seu texto é esmeradíssimo; nele figuram trabalhos dos*

<sup>103</sup> Nesta seção podemos identificar ofertas de diferentes produtos. O que chamou atenção foi o anúncio dos serviços dos próprios diretores e colaboradores, como o caso de Rodrigo Octávio, que oferecia os serviços de advogado, e Abreu Fialho, que atuava na revista como divulgador na área médica, que oferecia os serviços de oftalmologista.

<sup>104</sup> Dentre as revistas analisadas, *Renascença* que apresentou, de forma mais evidente, o colecionismo da publicação, ao dar paginação contínua aos números, estimular a encadernação dos volumes do semestre e publicar um índice geral do período.

<sup>105</sup> Cronica dos livros. *Século XX*, ano 1, n. 3, p. 48-51, dez. 1905.

*nossos melhores prosadores e poetas, e a colaboração é variadíssima nos assumptos; a parte artística é acuradíssima, gravuras finíssimas, de uma absoluta nitidez, satisfazendo as exigências que vemos cumpridas nas boas magazines estrangeiros.<sup>106</sup>*

Assim, estas revistas compartilharam um modelo editorial, uma rede de colaboradores e disputaram o pequeno universo de leitores brasileiros. As três se colocam como divulgadoras, mas, sobretudo, como veículos publicitários do país nas demais capitais e no exterior. Esta característica era tão importante e cara para estas publicações que, além de valorizar a circulação dos seus exemplares no exterior<sup>107</sup>, *Kósmos* e *Renascença* participaram das exposições universais de St. Louis (1904) e Milão (1906), onde alcançaram as primeiras colocações nas seções de artes gráficas.

Neste ponto, cabe aqui refletir sobre a particularidade deste trio de magazines, dentro do conjunto maior de revistas publicadas na *Belle Époque* carioca, mesmo entendendo que categorizar seja um dos principais problemas metodológicos no estudo da imprensa periódica. Entretanto, é pertinente a iniciativa, para entender práticas de seleção de conteúdos e formas de representar empreendidas pelas revistas que estamos estudando.

Ao nos debruçarmos na literatura sobre a imprensa brasileira do final do século XIX e início do século XX, vemos a tendência em considerar que as revistas deste período voltadas para o público em geral ou se caracterizavam como revistas literárias, ou revistas ilustradas ou revistas de variedades, guiando-se, principalmente, por seus conteúdos ou apresentação gráfica. Tal classificação parece, de certa forma, um tanto genérica se pensarmos que conteúdos literários e variedade de assuntos foram recorrentes nesta imprensa. E, esta categorização acaba por colocar no mesmo grupo revistas com propostas editoriais diferentes.

Assim, acreditamos ser importante pensar as revistas não só a partir de sua auto intitulação. Neste exercício é importante considerar a proposta editorial, público alvo, conteúdos (buscando identificar até o que foi excluído), caráter gráfico e, principalmente, suas posições no tempo e no espaço, tendo em vista que a proposta de muitas publicações, em especial aquelas com longo período circulação, mudam de acordo com a conjuntura de produção.

<sup>106</sup> Notas [repercussão das revistas na imprensa]. *Século XX*, ano 1, n. 2, p. 53-56, nov. 1905.

<sup>107</sup> Conforme identificamos no texto inaugural da edição de janeiro de 1906 da revista *Kósmos*, onde o diretor-proprietário vangloria-se desta função exercida pelo magazine. Entretanto, cabe dizer que não encontramos nenhum indício de publicação destes periódicos em outra língua, como foi comum a alguns periódicos com a função de publicizar o país na Europa, como foi o caso dos *Museus Commerciais* e a *Revue du Brésil*.

*Kósmos*, *Renascença* e *Século XX* normalmente são tratadas como revistas literárias. Entretanto, Antônio Dimas<sup>108</sup> é categórico ao dizer que o tipo de jornalismo empreendido por estas revistas não é literário e, tampouco, precursoras de uma imprensa mundana que encontra o seu ápice na década de 1920. Tal apontamento, dá corpo ao nosso argumento de que estas se enquadram no grupo de revistas de cultura geral, com enfoque literário-científico.

Loué<sup>109</sup>, ao caracterizar as revistas de cultura geral que circularam na *Belle Époque* francesa, coloca esta tipologia entre dois grandes grupos de publicações: as revistas de caráter acadêmico, ou especializadas, marcadas pela erudição e pela autonomia de demandas sociais; e as revistas orientadas por questões estéticas, que estariam vinculadas à lógica das demandas sociais. Estes magazines de cultura geral teriam um formato característico, o formato in-oitavo, a periodicidade de publicação mensal ou bimensais, alto custo de compra e a aproximação com os polos acadêmicos e políticos.

Esta tipologia de revista seria herdeira de um enciclopedismo da cultura clássica, relacionada, assim, à paisagem intelectual do início do século XIX. Como exemplo desta tipologia podemos citar *Revue Britanique* e *Revue des Deux Mondes*, que referenciam um ambiente político, literário e cultural francês elitizado e liberal das décadas de 1830 e 1840, oriundas de um espaço público restrito, orientadas por um modelo de publicação voltado para poucos.<sup>110</sup>

*Kósmos*, *Renascença* e *Século XX* se inspiraram nas revistas francesas de cultura geral para criar seus projetos. Estas se guiaram pelo modelo da revista *l'Illustration*, periódico que se enquadra no modelo descrito por Loué. E, apesar de apresentarem um design gráfico inovador para o momento, marcando assim um estilo considerado como característico da primeira década de 1900, seguem um estilo de jornalismo presente no Brasil desde o século XIX, como por exemplo nas publicações *Eco Literário*, *O Globo*, *Revista Brasileira*, *A Semana*.<sup>111</sup>

Desta forma, concordamos quando Antônio Dimas afirma que este tipo de revista, mesmo marcando o seu ambiente de circulação, não era inovador no que diz respeito ao jornalismo que empreendia, mas sim à mentalidade jornalística com que toca os seus projetos editoriais, voltada para uma perspectiva comercial atualizada e de cunho artístico, ao se apresentar mais informativa que artística, no que diz respeito a vanguardas.

<sup>108</sup> DIMAS. **Tempos eufóricos**. *Op.cit.*

<sup>109</sup> LOUÉ, Thomas. Un modèle matriciel: les revues de culture générale. In: PLUET-DESPATIN, Jacqueline; LEYMARIE, Michel; MOLLIER, Jean-Yves (Org.). **La belle époque des revues, 1880-1914**. Paris: IMEC, 2002. P. 57-66.

<sup>110</sup> *Ibidem*.

<sup>111</sup> DIMAS. *Op.cit.*



Porém, se olharmos do prisma da *belle époque*, estas revistas destoam, de certa maneira, das iniciativas editoriais no cenário nacional e internacional, que procuram criar um mercado de edições populares voltadas para as classes menos favorecidas, conformando, assim, uma ‘revolução cultural silenciosa’ no final século XIX, como afirma Jean-Yves Mollier,<sup>112</sup> ao considerar esta a raiz da cultura midiática de massa no contexto francês.

Ao longo do século XIX, livreiros, editores, políticos, educadores, literatos e demais atores conformaram um mercado de publicações voltado para as classes populares. Nesse processo, as edições deixaram de ser artigo exclusivo da elite e passaram a ser consumidas pelas demais classes, a partir da publicação de livros e revistas a baixo custo, estratégias editoriais que atraíam diferentes públicos – como por exemplo a publicação de folhetins, coleções e bibliotecas populares – e movimentos em prol da instrução pública a todos, incluindo neste quadro as reformas educacionais que demandaram a produção de diferentes gêneros bibliográficos, como os almanaques, os manuais, os livros didáticos e as revistas voltadas para a vulgarização da ciência.<sup>113</sup>

No final do século XIX, junto à reforma do ensino e novas configurações no panorama sociocultural – como por exemplo a maior produção e consumo de periódicos, investimentos na estrutura das cidades, diversificação dos polos de venda de livros -- as edições estiveram presentes nos lares franceses, seja por questão pedagógica, seja por questão de entretenimento.

No caso brasileiro também não é diferente. Historiadores e memorialistas apontam o contexto entre 1870 e 1920 como momento de proliferação de publicações, especialmente aquelas de caráter popular. Alessandra El Far chama a atenção para um comércio de livros ‘do povo’, com preços que variavam entre 100 réis e 2\$000 réis.<sup>114</sup> Brito Broca aponta que a Livraria Quaresma, a partir de 1879, começa a publicar as “Edições Quaresma”, material de leitura amena e fácil, interesse prático, caráter popular e baixo preço.<sup>115</sup>

Entretanto, Loué<sup>116</sup> ressalta um aspecto importante para pensar a publicação de revistas de cultura geral em um contexto de fortalecimento de um mercado editorial voltado para as classes populares: isto se explica ao pensarmos que em um espaço público amplo, marcado pela liberdade pública e emergência de novos públicos leitores, estes magazines se

<sup>112</sup> MOLLIER, Jean-Yves. **A leitura e seu público**: ensaios sobre história cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. (Coleção História e Historiografia).

<sup>113</sup> *Ibidem*.

<sup>114</sup> EL FAR, Alessandra. **Páginas de sensação**: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

<sup>115</sup> BROCA. A vida literária... *op.cit.*

<sup>116</sup> *Op.cit.*

apresentaram como objetos de distinção, destinados a poucos. Estas se investiram de um perfil mais elevado, exigindo, assim, um leitor com capital cultural diferenciado. Este ponto pode ser exemplificado como a crônica inaugural de Olavo Bilac, onde o poeta faz o seguinte comentário:

*Kósmos, -- a revista, que aparece hoje, e cuja primeira Chronica escrevo, para atender a amável convite, -- não seria uma novidade na Europa ou na América do Norte, onde o magazine ilustrado é hoje uma maravilha, em variedade de matéria literária e artística, em perfeição de processos gráficos, e em exiguidade de preços. Mas, no Brasil, creio que ela vem assinalar um progresso grande. [...] Kósmos será, se o favor público não abandonar, a demonstração viva do nosso progresso geral: haverá, nas suas páginas, a prova de que as publicações de luxo, até agora possíveis apenas no estrangeiro, podem ser feitas aqui, com grande sacrifício sem dúvida, mas com uma nitidez perfeita. [...] Em todo o caso, Kósmos, se não vem “preencher uma lacuna”, como dizia um chavão, que o uso desmoralizou, -- vem mostrar uma face nova da atividade brasileira”.*<sup>117</sup>

Assim, quando Dimas caracteriza *Renascença* e *Kósmos*, e aqui incluímos *Século XX*, como revistas orientadas para a ilustração, para o ornamento intelectual, para “preencher o ócio com dignidade”<sup>118</sup>, voltadas para um público consumidor de assuntos considerados cultos e gratificantes, identificamos nestas características o que Loué<sup>119</sup> aponta como elitismo sociocultural, típico das revistas de cultura geral. Este elitismo social das revistas de cultura geral põe em evidência os sentidos do ‘bom gosto’ e a ideia de elite letrada, muito atrelada às suas referências do século XIX. Assim, revistas de cultura geral são conformadas em torno da ideia elitismo social do público e elitismo acadêmico dos colaboradores.

Este elitismo cultural é visível em *Kósmos*, *Renascença* e *Século XX* ao considerarmos a ausência de textos que tratem da situação social da população pobre, conforme apresentado no subitem anterior, ou quando analisamos a própria proposta editorial mais próxima aos interesses de uma elite culta e semiculta, com poucas críticas à ordem social vigente. Como bem ilustra Antônio Dimas, eram revistas consumidas na rua do Ouvidor e no bairro aristocrático de Botafogo, praticamente uma extensão das mesas dos cafés e das confeitarias do centro do Rio de Janeiro, dialogando com os saraus literários e musicais do momento.

Podemos classificar as revistas que analisamos como publicações que seguem um programa editorial de tendências europeias de *fin-de-siècle*, com o cruzamento de diferentes correntes literárias, apresentando um espírito eclético, e se auto intitulando de caráter de ilustração e expressão da modernidade. Afirmamos, assim, que estas revistas buscaram materializar a modernidade que apregoavam, servindo de arautos e ao mesmo tempo

<sup>117</sup> BILAC, Olavo. Crônica. *Kósmos*, ano 1, n. 1, p. 7-9, jan. 1904, GRIFO NOSSO.

<sup>118</sup> DIMAS. Tempos eufóricos. *Op.cit.* P. 9-10.

<sup>119</sup> *Op.cit.*

referência comprobatória dos novos tempos, ‘regenerados’, ‘civilizados’ e, sobretudo, ‘modernizado’.

Nesta questão do elitismo das revistas, dois pontos chamam atenção: os preços das revistas em contexto com publicações mais populares e baratas, e os assuntos selecionados.

No que diz respeito ao valor de venda dos números, *Kósmos*, *Renascença* e *Século XX* eram as revistas com os preços mais elevados no mercado carioca da primeira década, conforme expõe o Quadro 1. É importante ressaltar que, mesmo existindo revistas com o custo de 100 réis, podemos afirmar que o valor geral das revistas cariocas é alto dentro de um custo de vida, igualmente, alto e uma população pobre com baixos salários (ver Quadro 2), o que nos induz pensar que o consumo de periódicos neste momento está mais para as classes média e alta, que para a classe baixa. Se pegarmos o custo mensal das revistas humorísticas semanais, as mais consumidas do momento, a compra das quatro edições representava o custo de 1\$600, ainda assim mais baratas que o valor mensal de um número da *Kósmos*.

Os valores de *Kósmos*, *Renascença* e *Século XX* são iguais ou superiores ao custo diário com habitações populares ou às diárias de um trabalhador não-especializado (açougueiro, carpinteiro...).

Títulos	Custo
Kósmos	2\$000
Renascença	1\$500
Século XX	1\$500
Ilustração Brasileira	1\$000
Floreal	500 rs
Rua do Ouvidor	500 rs
Fon-fon	400 rs
A Vida Elegante	400 rs
Careta	300 rs
Revista da Semana	300 rs
Leitura para Todos	300 rs
O Malho	200 rs
Revista Tico-tico	200 rs
O Echo Suburbano	100 rs
Rio Nú	100 rs

<b>Quadro 2</b>	
<b>Custo de vida na cidade do Rio de Janeiro<sup>120</sup></b>	
Salário de funcionários públicos	150\$ a 600\$000
Salário de operário de fábrica de tecido	78\$000
Salário de trabalhador especializado (diária)	3\$000
Salário de trabalhador não especializado (diária)	2\$000
Aluguel de casa para operário (cedido pela fábrica)	30\$ a 60\$000
Quarto de Pensão com Vinho (diária)	1\$500
Aluguel de quarto coletivo	\$100
Passagem de Bonde (média)	\$200
Passagem de trem (para Cascadura)	1\$000
Custo aproximado com saúde	18\$000
Custo aproximado do consumo de carne	\$700

No que concerne aos assuntos é importante ressaltar alguns pontos.

Primeiro, apesar do forte conteúdo literário, comum às revistas, estas não se identificam com uma corrente ou se apresentam como um espaço para a crítica do sistema literário do momento – na verdade, as críticas literárias são muito pontuais a autores, às características do mercado literário, presentes em resenhas de novos livros. Em suas páginas convergiram parnasianos, decadentistas, simbolistas, realistas, e estes estiveram mais preocupados com a construção de uma tradição literária brasileira e afirmar o prestígio acadêmico daqueles que estavam, ou tinha a pretensão de estar, na ABL. Conforme aponta Dimas<sup>121</sup>, os colaboradores de literatura da *Kósmos* e *Renascença* estavam mais preocupados com a manutenção de um *status* cenográfico de literário, do que com o questionamento da literatura e ordem social.

O interesse em construir uma tradição, justifica as escolhas quanto o perfil dos colaboradores para as suas páginas, que será melhor tratado no próximo subitem, e o grande número de texto biográfico que foi publicado, conforme ilustra o Quadro 3. Por este prisma, podemos pensa-las, também, com um forte caráter intelectual, por serem feitas por intelectuais e falarem sobre este grupo.

A variedade temática é outra questão pertinente. Apesar da gama de assuntos – foi possível categorizar os artigos em catorze grandes áreas – podemos notar que os conteúdos

<sup>120</sup> Informações extraídas dos trabalhos de Sylvia Damázio (1996) e Lobo (1971).

<sup>121</sup> DIMAS. **Tempos eufóricos...** *Op.cit.*

literários e científicos são predominantes nas três revistas, entretanto nos casos de *Kósmos* e *Século XX* os artigos de ciência são mais numerosos que aqueles literários.

Nestas duas grandes áreas reunimos diferentes gêneros e técnicas literárias (poesia, prosa, conto, folhetim, crítica), ensaios e artigos científicos, histórico de instituições. Artes também é assunto recorrente, tratando principalmente sobre crítica artística, crônicas de teatro, histórico de movimentos e instituições. As biografias de personalidades históricas, literárias, científicas, artísticas, políticas são assíduas nas publicações, em especial na revista *Século XX*, que iniciava suas edições com uma biografia e o biografado tinha sua imagem estampada na capa.

<b>QUADRO 3 – Panorama temático das revistas (informações quantitativas)</b>			
<b>Assuntos (Grandes áreas)</b>	<b>Kósmos</b>	<b>Renascença</b>	<b>Século XX</b>
<i>NÚMERO TOTAL DE ARTIGOS</i>	<b>1.019</b>	<b>810</b>	<b>132</b>
LITERATURA	29,73%	35,18%	28,03%
CIÊNCIAS	38,17%	26,79%	31,06%
ARTES	9,22%	14,93	3,7%
BIOGRAFIAS	3,14%	11,11%	9,8%
DIREITO E DIPLOMACIA	0,5%	1,97%	1,5%
ASSUNTOS INTERNACIONAIS	5,10%	1,97%	3,7%
RESENHAS DE LIVROS E EDIÇÕES	0,88%	1,97%	2,7%
ASSUNTOS GERAIS	4,03%	1,85%	7,5%
CRÔNICAS	6,18%	1,35%	4,5%
POLÍTICA NACIONAL	0	0,9%	3%
RELIGIÃO	1,27%	0,24%	0
LÍNGUA	0,78%	0,98%	0,7%
MODA	0,29%	0	2,2%
JOGOS E ESPORTES	0,29%	0,61%	1,5%

Quadro 3: As informações aqui apresentadas foram obtidas após levantamento temático e categorização sistemática dos artigos presentes em cada edição das revistas.

*Kósmos* publicava muitos artigos sobre turismo na Europa, fruto da colaboração de diplomatas, e cobria os principais assuntos políticos e econômicos internacionais. Porém, não publicou especificamente sobre política nacional. *Século XX* tinha uma seção específica para resenha de publicações, e podemos considerar esta como a principal seção da revista. Crônica é destaque na *Kósmos*, que iniciava as suas edições com os textos de seus cronistas.

*Kósmos*, *Renascença* e *Século XX* trataram de uma gama de assuntos, mas também excluíram determinados temas de sua página. Podemos citar a falta de interesse da revista *Renascença* em publicar sobre as disputas territoriais de Brasil e Peru, por considerar que tal assunto era pesado demais para “páginas que se querem leves e desanuviadas”<sup>122</sup>, da mesma forma que a *Kósmos* se recusou a tratar sobre a epidemia de varíola.

Esta seleção de assuntos fica mais evidente se olharmos atentamente para a divulgação científica do campo médico. Somente a *Renascença* publicou artigos de divulgação sobre questões sanitárias com um caráter mais pedagógico, apresentando-o mais como um ensaio acadêmico nos moldes dos textos difundidos pelos periódicos especializados do momento. No entanto foi comum às três revistas optar por divulgar a ciência a partir do prisma da história, reconhecendo na trajetória das instituições um interessante canal para apresentar e valorar a ciência nacional produzida em espaços institucionalizados para tal, preterindo, assim, aqueles textos científicos mais normatizadores, comuns em outros periódicos, que visavam reabilitar comportamentos cotidianos, especialmente aqueles com interesses de saúde pública. Infere-se, à luz da nossa hipótese, que estes periódicos serviram de veículo de propaganda do país, assim tal artifício foi utilizado para evitar expor mazelas que se queria ocultar.

Dentro de um ambiente bastante competitivo, onde diversas revistas disputavam um público leitor de pequenas proporções, cabe aqui pensar nestas revistas enquanto empreendimentos comerciais.

Loué<sup>123</sup> aponta que, no contexto da *Belle Époque* francesa, um ambiente de grande competitividade, o dinheiro passou a ser essencial na manutenção das revistas, quando se buscou diversificar as suas estratégias financeiras. O custo das redações neste contexto cresceu, assim como a remuneração dos autores, que se beneficiaram desta grande competição no mercado de revistas. O dinheiro tornou-se indispensável para a manutenção das revistas.

Nesse mesmo caminho, podemos afirmar que o sustentáculo financeiro das revistas aqui analisadas era a publicidade feita em suas páginas. Conforme nos aponta Dimas<sup>124</sup>, a partir de entrevista com a filha do editor da *Kósmos*, esta revista, por interessar mais aos intelectuais do que ao público em geral, produzia mais despesas do que lucro, gerando a Jorge Schmidt grande prejuízo financeiro.

Ao que parece, a realidade das edições de cultura geral não era rentável no Brasil. Segundo Mário Camarinha, editor da revista modernista *Festa*, na década de 1920, as revistas

---

<sup>122</sup> BARROS, João de. Crônica. *Renascença*, ano 1, n. 4, p. 83-86, maio 1904.

<sup>123</sup> Un modèle matriciele... *Op.cit.*

<sup>124</sup> *Op.cit.*

de arte, ciência e pensamento não eram grandes negócios, e normalmente enfrentavam grandes dificuldades financeiras, sobrevivendo com os custos das assinaturas e dos anúncios, que normalmente cobriam as despesas elementares.<sup>125</sup>

*Kósmos*, *Renascença* e *Século XX* sobreviviam tanto por meio das suas assinaturas, mas principalmente pelo aporte financeiro dado pela seção de anúncios. *Renascença* era a mais comercial, com extensa lista de anunciantes, incluindo anúncios dos seus próprios colaboradores. *Kósmos* tinha como principal anunciante a empresa de seguros *Equitativa do Brasil*.

Todas anunciavam as principais empresas e comércios da cidade, passando por artigos para o lar (Imagem 1), vestuário, produtos para fábricas e comércios, anúncios de venda de máquinas tipográficas e material para iluminação elétrica.

O que nos chama atenção é a oferta de serviços editoriais das próprias tipografias. As três revistas utilizaram os seus espaços para anunciar os trabalhos tipográficos que realizavam: fundição de tipos, estereotipia, galvanoplastia, tipografia, litografia, encadernação, douração, pautação, carimbos de borracha, mecânica e carpintaria; venda de máquinas, utensílios e material para as artes gráficas; fotogravura, zincografia; papel de todas as qualidades.<sup>126</sup> *Kósmos* oferecia serviços de impressão de pôsteres, panfletos, cartões postais e fotografias.

Há também a divulgação de outras publicações da tipografia, utilizando as páginas das revistas como veículos de publicidade para novas edições, buscando apoio do público já fidelizado. É caso de Jorge Schmidt que, ao publicar as revistas *Fon-fon!* e *Careta*, as anuncia no corpo da revista *Kósmos*, para dar mais destaque.

Assim, podemos pensar que o apreço ao design editorial, conforme tratamos à cima, está também atrelado a um interesse em conquistar um segmento não tão bem desenvolvido no cenário brasileiro, como é o gráfico, transformando as revistas em portfólio para suas tipografias, como opção financeira às baixas vendas.

Por fim, sobre as vendas, infelizmente não encontramos informações precisas sobre quantos exemplares foram comercializados, ou qual o número de tiragens. As informações que dispomos são de outras publicações do mesmo momento, o que nos ajuda a delinear, mesmo que de forma frágil, o quadro do consumo destas revistas.

O que sabemos é que os jornais diários imprimiam cerca de 150 mil exemplares, revistas semanais de humor costumavam publicar entre 10.000 e 50.000 exemplares na

<sup>125</sup> GOMES, Ângela de Castro. *Essa gente do Rio...*: modernismo e nacionalismo. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

<sup>126</sup> *Renascença*, ano 1, n. 5, jul. 1904.

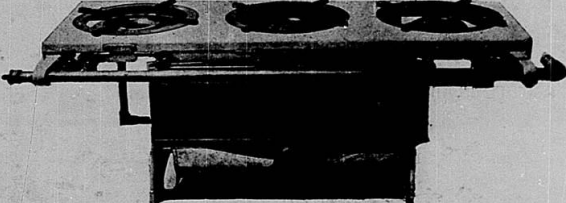
primeira década de 1900.<sup>127</sup> É o caso, por exemplo, da revista *Leitura para Todos* que, em seu primeiro número, diz apresentar um preço baixo de venda na certeza de conseguir reunir 50.000 assinaturas e garantir a sua sobrevivência. Esta revista foi publicada por mais de vinte e cinco anos.

KOSMOS

---

# COSINHAR A GAZ

PROMPTIDÃO, ASSEIO E ECONOMIA



Maior asseio sem fumaça **COKE** Maior asseio sem fumaça

Para cosinha 25\$000, na Rua da Alfandega n. 140 e Rua do Senador Euzebio n. 232  
Para uso Industrial, na Rua Senador Euzebio n. 232

**GRANDE ABATIMENTO CONFORME A QUANTIDADE**

---



ENTRE TODAS AS  
MACHINAS FALLANTES!  
É INCONTESTAVELMENTE  
“ODEON”  
A MELHOR!

Agencia geral no Brazil:  
**RUA DO OUVIDOR, 105**  
— Rio de Janeiro —

\* CATALAGO A PEDIDO \*

**Imagem 1** – Anúncio, *Kósmos*, ano 2, n. 12, dez. 1905.

<sup>127</sup> CARVALHO, Athos Echler. Fascículos semanais de literatura popular: bem cultural no início do século XX. *Intercom – Revista Brasileira de Comunicação*, São Paulo, v. XV, n. 2, p. 166-178, jul.-dez. 1992. BROCA. A vida literária. *Op.cit.*



É possível que as revistas analisadas não tenham publicado um número de exemplares superior ao que apresentamos acima, apesar da popularidade, principalmente da *Kósmos*. Cabe ressaltar que o término desta revista se deu após o sucesso de vendas das revistas *Fonfon!* e *Careta*. *Renascença* finalizou suas atividades meses após a morte do seu proprietário em uma viagem à Europa, e a revista *Século XX* seguiu a trajetória de muitos empreendimentos editoriais do momento, e não conseguiu concluir nem um ano de circulação. Infelizmente, da mesma maneira que não conseguimos identificar um motivo real para o início coordenado destas revistas, também não nos deparamos com um argumento oficial do término delas, só restando a inferência e compreensão, à luz da bibliografia, que o mercado editorial era competitivo e exigia não só um produto vistoso para se estabelecer no segmento de revistas, mas também um produto economicamente viável.

Para finalizar, após a análise das revistas, podemos afirmar que *Kósmos*, *Renascença* e *Século XX* não foram revistas orientadas para um público amplo. Pelo contrário, buscaram dialogar com os interesses da elite política e cultural carioca, e assim voltadas para este grupo, procuraram excluir de suas páginas certas tensões, com o propósito de servirem-se como veículos publicitários do país. Inferimos que estas revistas seguiram o caminho das publicações que integraram o programa de propaganda e expansão econômica brasileira,<sup>128</sup> que tinha o objetivo de atrair a atenção de investidores e imigrantes europeus, mas também servir de chamariz para o potencial gráfico das tipografias e produzir certo prestígio para os seus intelectuais, criando um certo panteão para personagens vivos e mortos.

### **1.3. Seguindo pela Rua do Ouvidor...: editores, diretores e colaboradores**

*E, de todas as modalidades literárias, o jornalista, -- a imprensa -- é, inegavelmente, nos tempos modernos o veículo mais apreciado da*

---

<sup>128</sup> Este programa foi marcado pelo uso de publicações para divulgar o país no exterior, principalmente aqueles intitulados de *Museus comerciais*, que circularam no continente europeu e nos Estados Unidos, especialmente nas Exposições Universais, com o intuito de apresentar um Brasil moderno, a partir de fotografias de paisagens urbanas, informações sobre o território e seus aspectos econômicos (BORGES, Maria Eliza Linhares. Representações do Brasil moderno para ler, ver e ouvir no circuito dos Museus Comerciais europeus, 1906-1908.). Também podemos citar a experiência da *Revue de Bresil* (1895), ilustrado por Eliseu Visconti, uma das primeiras revistas editadas para fazer propaganda do país na Europa (ALCÂNTARA *op.cit*). Em crônica do *Jornal da Exposição*, de 1908, o cronista cita uma carta do livreiro francês Aillaud, em que este comenta sobre a *Missão Brasileira...*: “A *Mission Bresilienne de Propagande et d’Expansion Économique* está desenvolvendo uma grande atividade que é do máximo proveito para o Brasil. As ideias falsas que havia na Europa a respeito do seu belo país estão desaparecendo. Não era raro ver por aqui gente que do Brasil só conhecia a febre amarela. [...] A *Mission* tem feito muito para destruir esses aleives. Publicou brochuras muito bem feitas sobre a salubridade do país, e mapas econômicos, políticos e de vias férreas, com um resumo corográfico impresso no verso; esses mapas, que são grandes e completos, foram mandados a todos os autores de tratados de geografia e a todos os professores de geografia dos Liceus – isto é, foram mandados a 2.000 pessoas. Compreende o meu amigo o imenso resultado que a distribuição desses bons documentos pode produzir?”

*divulgação do pensamento, da vida intelectual de um país, por ser o mais popular, o mais generalizador, o mais rápido.*<sup>129</sup>

Pensar a participação de intelectuais em revistas põe em evidência a intrínseca relação entre este grupo e a produção textual nas diferentes modalidades de magazines. Tanto Sirinelli<sup>130</sup> quanto Pluet-Despatin<sup>131</sup> indicam que esta tipologia de periódico se configurou como um importante lugar de reunião intelectual, mas não tão explorado nos estudos que contemplam o percurso histórico dos intelectuais.

Para Pluet-Despatin, cada revista apresenta um “tecido humano” específico, que auxilia na configuração de uma identidade para sua proposta editorial, desenhando-se assim como um espaço para reunião de itinerários individuais sob um credo comum, de recrutamento de novos itinerários – ora substituindo integrantes ora agregando novos –, evidenciando uma realidade intelectual vivente e, conseqüentemente, uma intensa atividade nos bastidores que deve ser explorado em um estudo histórico.

Diferente de outras criações da imprensa, a revista é um gênero que pressupõe a criação coletiva e a troca intelectual, configurando-se, assim, como um espaço autônomo e importante para as atividades relacionadas à crítica, à vanguarda e à consagração.<sup>132</sup> Enquanto um ‘pequeno mundo estreito’, o meio intelectual constrói laços ou redes de sociabilidade, estruturas fundamentais para a sua atuação e se organiza em gerações e em torno de diferentes subgrupos.<sup>133</sup>

Assim, quando analisamos a atuação dos intelectuais nas revistas, entendemos que esta se apresenta ao intelectual como um espaço aberto para a experimentação, principalmente para aqueles que iniciam na atividade intelectual, e, por ser mais fácil que o livro e de mais rápida intervenção, podem ser consideradas como instâncias permanentes de debate, interno e externo, e de mudanças, expondo, assim, determinadas sensibilidades intelectuais.<sup>134</sup> Enquanto um espaço de sociabilidade, a organização interna das revistas expõe trajetórias comuns e o movimento das ideias no meio social, conferindo uma centralidade destes documentos na dinâmica intelectual pois ajudam a conformar uma estrutura ao campo intelectual, evidenciando forças antagônicas de adesão – como relações de amizade, fidelidade e influência – e de exclusão – como posições tomadas pelos sujeitos sociais,

<sup>129</sup> APRESENTAÇÃO. *Século XX, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 3-4, out. 1905.*

<sup>130</sup> SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. Por uma história política. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ: FGV, 1996. P. 231-270.

<sup>131</sup> PLEUT-DESPATIN, Jacqueline. Une contribution a l’histoire des intellectuels: les revue. **Les Cahiers de PIHTP**, v. 20, p. 125-136, mar. 1992.

<sup>132</sup> *Ibidem.*

<sup>133</sup> SIRINELLI, *ibidem.*

<sup>134</sup> PLEUT-DESPATIN, *op.cit.*

debates arrolados e cisões dentro do grupo: uma revista é antes de mais nada um lugar de fermentação intelectual e relações afetivas.<sup>135</sup>

O cenário intelectual que *Kósmos*, *Renascença e Século XX* apresentam é bastante rico, ao considerarmos que estas revistas tinham como colaboradores os principais literatos, cientistas e artistas da primeira década do século XX.

Como informado na subseção anterior, tal elemento era motivo de distinção das revistas, de forma que, diferentemente de outras revistas, a autoria da maior parte dos textos é identificada, assim como o seu vínculo institucional e parte da sua trajetória intelectual. Nos casos em que não foram indicados a autoria, pôde-se atribuí-la aos próprios diretores do magazine.

Para melhor compreender as relações intelectuais estabelecidas junto às revistas, foi necessário realizar um levantamento biobibliográfico de parte dos colaboradores, com o objetivo de entender como este grupo foi conformado. O levantamento está disposto no Anexo 1. Apesar de não compreender todos os colaboradores, apenas aqueles que conseguimos realizar um mínimo levantamento de sua trajetória, este quadro será analisado de forma geral, apresentando alguns apontamentos encontrados ao longo da pesquisa. Cabe ressaltar que nesta etapa foi importante o aporte teórico da História dos Intelectuais e História Cultural, para pensar as formas de sociabilidade intelectual, em especial aquelas em torno das revistas, e as facetas do grupo estudado, principalmente no que diz respeito à atuação daqueles intelectuais envolvidos com divulgação científica nas páginas revisteiras analisadas, considerando-os como mediadores.

A principal característica das revistas estudadas, no que diz respeito a seus colaboradores, é a ideia de consagração e distinção estar bem evidente em suas páginas. Os intelectuais que foram identificados, na grande maioria, já eram reconhecidos socialmente em suas funções junto ao campo científico ou cultural. Poucos autores identificados não estavam associados, formalmente, a uma instituição. Porém, é pertinente apontar que aqueles que se enquadravam nesta condição, alguns anos depois foram incorporados oficialmente, como por exemplo, João do Rio e Emílio de Menezes eleitos membros da Academia Brasileira de Letras em 1910 e 1914, respectivamente.

Estas informações nos apontam configurações deste universo intelectual. Apesar de não localizar nenhum documento que nos indique a forma como estes colaboradores foram selecionados para participar do projeto editorial dos magazines, podemos notar, a partir de

---

<sup>135</sup> SIRINELLI, *op.cit.*

suas trajetórias, que os autores participaram das mesmas redes de sociabilidade: frequentaram os mesmos colégios ou as mesmas faculdades, em alguns casos no mesmo período; participaram dos mesmo projetos editoriais, como por exemplo os ex-colaboradores da *Revista Brasileira e Gazeta de Notícias*; eram sócios dos mesmo institutos; frequentavam os mesmos cafés, livrarias, confeitarias... Ainda que só possamos inferir que os colaboradores tenham participado dos projetos editoriais devido a convites realizados e por integrarem redes de sociabilidade comuns, é válido apontar que as associações às revistas, de um modo geral, eram livres.

O vínculo institucional oferece apontamentos sobre este microcosmo intelectual analisado e as relações construídas em torno das revistas estudadas. Em sua grande maioria, os colaboradores integravam as seguintes instituições: Academia Brasileira de Letras, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a Escola Nacional de Bellas-Artes, assim como Academia Nacional de Medicina, as Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia, o Clube de Engenharia, as Escolas Politécnica e Militar da Praia Vermelha, Ginásio Nacional (atual Colégio Pedro II), Escola Normal (atual Instituto de Educação), Museu Nacional do Rio de Janeiro, Instituto Butantã, Biblioteca Nacional e Instituto Soroterápico Federal (atual FIOCRUZ).

Nas três revistas, a instituição que assume centralidade é a Academia Brasileira de Letras, uma vez que a maior parte dos colaboradores era acadêmico ou aspirante (mesmo que frustrado) a acadêmico. Dentro de um contexto de consolidação institucional, social e financeiro<sup>136</sup>, a Academia será apresentada nas páginas das três revistas como um padrão de sociabilidade intelectual, e sua representação sempre será com caráter oficial, ressaltando sua dimensão formal e culta, e ela sempre será intitulada como "a Academia", deixando claro que esta ocupava posição fundamental na dinâmica cultural carioca, no prisma dessas revistas.

Sua influência era tal, que é possível identificar a lógica da Academia nas revistas. Ao se portarem como uma galeria de expoentes, vitrine literária, científica e artística, *Kósmos*, *Renascença* e *Século XX* utilizaram estratégias para consagrar personagens, vivas e mortas, no intuito de construir tradições para o meio intelectual, produzindo um conjunto de memórias sobre este grupo e suas relações com o tempo e o espaço urbano. Por esse viés, é possível compreender a razão para o significativo conjunto de biografias, memórias e históricos institucionais que foram publicados, e o porquê destes conjuntos textuais ao mesmo tempo que falavam sobre o passado, também falavam sobre o presente ao apontar como tal

---

<sup>136</sup> EL FAR, Alessandra. **A encenação da imortalidade**: uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República (1897-1924). Rio de Janeiro: FGV, 2000.

personagem influenciava o pensamento social do momento ou como tal instituição era essencial para o desenvolvimento do país.

Ao listarmos estas instituições que estão por detrás das revistas, é possível afirmar que a exemplo das instituições, as revistas buscaram colocarem-se como *lócus* de debates sobre a questão nacional e produtoras de interpretações e projetos de nação para o país, desempenhando o papel de mediadoras entre os leitores e esse meio intelectual, mesmo que o seu programa editorial não tenha abarcado todo o panorama social do contexto. Há de se ressaltar que essa mediação não concernia apenas à atividade do intelectual, mas também à sua posição enquanto tal, uma vez que não interessava apenas saber o que o autor tinha para dizer, mas também o que ele era e representava socialmente.

Este caráter mediador dos intelectuais nos importa, especialmente quando olhamos para estes vínculos institucionais e identificamos um desejo de um grupo específico em expor o que sua instituição tinha para dizer sobre determinados assuntos, principalmente sobre a nação, delineando, assim, o espaço público da literatura, das ciências e das artes. Nosso interesse repousa, em especial, nas produções do intelectual especialista<sup>137</sup> (o cientista) enquanto mediador cultural (divulgador), tendo em vista que estes responsáveis pela divulgação científica concebiam ser necessário uma mediação entre a comunidade científica e o público leitor como forma de aproximar dois segmentos naturalmente dissociados: aquele científico e aquele, presumidamente, não-científico, evidenciando a indispensabilidade de uma criação discursiva específica<sup>138</sup>, e reforçando um certo distanciamento entre a esfera científica e o público não-especializado, muitas vezes entendido como razão para a atividade de divulgação.

Desta forma, faz-se necessário analisar a estrutura intelectual das revistas, para entender melhor os mediadores presentes nos projetos editoriais de *Kósmos*, *Renascença* e *Século XX*. Assim, podemos apontar três categorias distintas de atuação junto ao projeto editorial: os editores, os diretores e os colaboradores (regulares e eventuais).

---

<sup>137</sup> Consideramos aqui como “intelectual especialista” aqueles provenientes de um campo científico e que atuaram nas revistas analisadas, especificamente, no campo da ciência, demonstrando uma especialização e profissionalização da atividade.

<sup>138</sup> Conforme Gomes e Hansen (GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para delimitação do objeto de estudo. In: \_\_\_\_\_. Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política. 2016. P. 3-26. (NO PRELO) apontam, o mediador seria aquele que conduz uma mensagem ou produto cultural para diferentes lugares, tempos e códigos; não havendo distinção entre o papel criador do intelectual e do mediador no trabalho de produção e significação dos bens culturais: “Podemos pensar, inclusive, como o mediador cultural, em especial aquele que se dedica à comunicação com públicos externos às comunidades de experts, tem que aprender a ser mediador. Ele se aperfeiçoa nas atividades de mediação e no uso de linguagens e estratégias com a sua experiência e com aquela acumulada ao longo do tempo. Ou seja, ele se torna um profissional especializado em atingir um público não especializado” (p. 12).

Jorge Schmidt e Eugênio Bevilacqua, respectivos editores e proprietários de *Kósmos* e *Renascença*, já faziam parte do cenário intelectual carioca, especialmente Bevilacqua, que era editor na área musical desde meados da década de 1860. Infelizmente poucas informações foram encontradas sobre a atuação e o itinerário desses editores, e o que podemos informar é que a *Renascença* foi o último trabalho do editor de E. Bevilacqua, que veio a falecer em 1908, que Jorge Schmidt foi também editor de revistas de variedade e publicou alguns livros oficiais para a Prefeitura do Rio de Janeiro. Os três editores – Bevilacqua, Schmidt e Livraria Laemmert -- instalaram as suas redações nas proximidades do principal ponto intelectual da cidade: a Rua do Ouvidor. *Kósmos* estava instalada na rua da Assembleia; *Renascença* na rua Chile e a *Século XX* na própria rua do Ouvidor.

Os diretores, que por vezes desempenhavam a função de redatores-chefes, também ocupavam cargos importantes em suas instituições. Rodrigo Octávio e Henrique Bernadelli, ambos diretores da *Renascença*, eram respectivamente secretário da ABL e pintor-decorador dos novos projetos arquitetônicos da Avenida Central (Theatro Municipal, Biblioteca Nacional e Escola Nacional de Bellas-Artes). Max Fleuiss e Hugo Widmann Laemmert, diretores da revista *Século XX*, eram do IHGB e Hugo era dono da Livraria Laemmert. Mario Behring, diretor da *Kósmos*, era diretor da Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional.

É possível que a posição destes diretores tenha propiciado a congregação dos colaboradores, uma vez que não localizamos nenhuma informação sobre a forma como os autores foram selecionados e convocados a participar das revistas. À luz desta falta de dados, a análise dos colaboradores será baseada em evidências legadas pelas próprias revistas e esparsas notas em livros memorialísticos.

O primeiro apontamento a ser feito sobre os colaboradores diz respeito à circulação dos intelectuais nas três revistas, principalmente aqueles ligados ao meio literário. Evidentemente que podemos associar esse ponto à própria dinâmica literária do momento, em que um literário, para manter-se, deveria participar de mais de uma revista e diversificar a sua atuação intelectual, recorrendo a outros segmentos da área de comunicação, como a incipiente publicidade brasileira, e vagas no funcionalismo público.<sup>139</sup> Dos colaboradores da área científica, apenas aqueles provenientes do IHGB que participavam de mais de uma das revistas, e os demais acabaram por produzir para apenas um dos magazines. Há de se ressaltar que até os diretores circulavam: Max Fleuiss foi diretor da *Século XX* e, em 1906, com o afastamento de Rodrigo Octávio, tornou-se diretor da *Renascença*.

---

<sup>139</sup> EL FAR. **A encenação da imortalidade.** *Op.cit.* SUSSEKIND. **O cinematógrafo...** *op.cit.* BROCA. **A vida literária...** *op.cit.*

Sobre as correntes intelectuais, as três revistas apresentam a grande diversidade de grupos literários e científicos do meio cultural brasileiro. Simbolistas dividiram espaço com naturalistas, parnasianos, decadentistas e impressionistas, assim como evolucionistas, positivistas, darwinistas. A participação de um intelectual em uma corrente, principalmente aquela que valorizava as ciências, não significava que este não participasse de outras, como por exemplo os literatos da corrente naturalista que poderiam ser positivistas e, também, darwinistas, evolucionistas...

Além da exposição do seu alinhamento com determinados grupos estéticos e científicos, podemos identificar que entre os colaboradores também estavam aqueles que demarcavam as suas posições políticas, evidenciando a presença de monarquistas e republicanos, em muitas vezes, no mesmo periódico. Evidentemente que longe de ser uma relação sem conflito, ainda assim mantiveram uma relação amistosa, onde a crítica era conduzida de forma educada, e normalmente não tinha réplica.

As revistas também apresentam uma diversidade de gerações intelectuais: dos senhores, ex-integrantes de cargos políticos no Império, passando pela *Geração de 1870* e pela "boemia áurea" de 1880, e chegando aos jovens da "boemia dândi".<sup>140</sup>

Dentro deste grande grupo de colaboradores, é mais pertinente classificá-los de acordo com algumas características comuns à luz das revistas, como por exemplo regularidade e tipologia de participações.

Sobre regularidade, dividimos os autores entre regulares e eventuais, conforme o Anexo 1, e esta característica foi particular a cada revista, de forma que um autor foi regular em um magazine, mas eventual em outro, como por exemplo os divulgadores de ciência. Com exceção feita aos historiadores, que foram autores regulares nestes magazines, os demais cientistas foram eventuais na *Kósmos*, deixando indícios que nestas revistas eles eram convidados a participar com assunto pré-determinado pelos diretores, e no caso da revista *Renascença* este mesmo subgrupo será regular, mais precisamente formado por médicos, responsáveis pela publicação de artigos sobre ciência e higiene em cada número da revista, durante os seus dois primeiros anos. O caso da *Século XX* é o mais curioso dentre as três, por legar sinais que nos levam a crer que alguns artigos, em especial sobre ciências, foram reproduções de outras publicações e não textos inéditos.

Sobre tipologia, aqui utilizamos a metodologia de Machado Neto<sup>141</sup> ao classificar os intelectuais da República das Letras entre *monógrafos*, aquele que só produziu em um campo

---

<sup>140</sup> MACHADO NETO, A. L. **Estrutura social da república das letras**: sociologia da vida intelectual brasileira, 1870-1930. São Paulo: Ed. USP, 1973. (Col. Estante do Pensamento Brasileiro).

(literário, científico ou artístico), e *polígrafos*, aquele normalmente de formação especializada que produzia em mais de uma área. No caso das revistas aqui estudadas, a grande maioria era de monógrafos, produzindo apenas em uma área (ou literária, ou científica, ou artística). Poucos foram polígrafos, como por exemplo Olavo Bilac, que era cronista e publicou um texto sobre o Hospício Nacional dos Alienados. No caso específico que aqui analisamos, a divulgação científica, podemos notar que há uma predominância de intelectuais que eram especialistas em um campo do saber e monógrafos, ou seja, só falavam sobre ciência, conforme apresentaremos de forma mais detalhada no próximo capítulo.

Falando brevemente sobre a geografia destas redes de sociabilidades em torno das revistas, estes intelectuais estavam de alguma forma relacionados à cidade do Rio de Janeiro: a maior parte estava estabelecido na Capital e aqueles que não viviam na cidade, tinham algum vínculo institucional com ela, como é o caso de Nina Rodrigues, professor da Faculdade de Medicina da Bahia e integrante da Academia Nacional de Medicina, sediada no Rio.

Enfim, ao longo do que foi exposto neste capítulo, o propósito foi apresentar de forma mais verticalizada possível as revistas dentro do seu contexto de circulação e seus produtores. Assim, podemos concluir que estas revistas, ao organizarem em torno de si os mais prestigiados autores, utilizando um modelo editorial já consolidado para falar do país e, mais especificamente, do panorama da cidade do Rio de Janeiro em meio a efervescente primeira década do século passado, buscaram produzir um discurso autorizado para conformar uma opinião favorável, junto ao seu público, sobre este país que ansiava a modernidade e o progresso.

Cabe agora entender como as ciências aparecem dentro desta representação positiva de Brasil, que as revistas *Kósmos*, *Renascença* e *Século XX* buscaram configurar em suas páginas.

---

<sup>141</sup> *Ibidem.*



## Capítulo 2 - Algumas reflexões acerca da divulgação científica

Nos últimos anos os estudos históricos sobre divulgação científica e ciência popular têm se aperfeiçoado dentro do campo da história das ciências, após figurarem de forma marginal dentro desta disciplina. Para Jonatham Topham<sup>142</sup>, isto se devia à grande dificuldade de historiadores da divulgação em estabelecer um grande quadro teórico, apresentando um panorama histórico fragmentado que pouco contemplava as relações com a ciência e com o seu público. O enfoque das análises enfatizava uma ciência autorizada e um discurso científico elitista, que tendia a considerar a ciência na cultura popular como questão separada dentro desta agenda de estudos, deslegitimando, assim, os conhecimentos oriundos de grupos e espaços não científicos.

Para Topham, esta separação perpetuou uma visão difusionista da ciência, ao desconsiderar as relações entre especialistas e não-especialistas em sua produção, entendendo que este ponto de vista só pode ser superado a partir da construção de um quadro de estudos mais coeso, amplo e comparativo.

Neste caminho, alguns historiadores têm proposto tratar a divulgação científica à luz da história das ciências, tratando-a de forma mais re-contextualizada, atentando para as formas como a ciência é entendida, como é comunicada, sem separar as formas de produção e da comunicação do conhecimento científico. Entender a divulgação como algo que não está separada do fazer científico tem sido o foco de análise de alguns pesquisadores em história das ciências, como o próprio Topham<sup>143</sup>; Peter Broks<sup>144</sup> e, principalmente, James Secord<sup>145</sup>, que propôs pensar a ciência como uma ação comunicativa.

Entender a ciência como uma ação comunicativa, para James Secord é compreender que o conhecimento não é propriedade única de um indivíduo e, diante disso, ele circula em diferentes espaços, entre diferentes atores e de diferentes formas, reforçando a natureza social da ciência e do conhecimento.

Por este prisma, James Secord afirma a ciência como uma construção social, elemento do mundo simbólico e definida dentro de uma rede de relações culturais, sendo importante

<sup>142</sup> TOPHAM, Jonathan. Focus: historicizing “popular science”. *ISIS*, n. 100, n.2, p. 310-318, 2009a.

<sup>143</sup> *Ibidem*. TOPHAM, Jonathan. Rethinking the history of science popularization/popular science. In: PAPANELOPOULOU, F.; NIETO-GALAN, A.; PERDIGUERO, E. (Ed.). **Popularizing science and technology in the european periphery, 1800-2000**. Cornwall: Ashgate, 2009b. Cap. 1, p. 1-20 (Science, Technology and Culture, 1700-1945).

<sup>144</sup> BROKS, Peter. Science, media and culture: British magazines, 1890-1914. **Public Understanding of Science**, v. 2, p. 123-139, 1993.

<sup>145</sup> SECORD, James. Knowledge in transit. *ISIS*, v. 95, n. 4, p. 654-672, dec. 2004.

entende-la como uma produção que não está separada do seu tempo e de uma determinada circunstância, enfatizando uma dimensão contextual; enquanto uma prática, ao levar em conta as suas evidências materiais do passado e a circulação desses objetos; e, principalmente, pensá-la enquanto uma ação comunicativa que não se limita à atuação do cientista e ao circuito de comunicação que contempla apenas o ciclo de produção material dos impresso, mas também entender a importância do leitor dentro deste processo.<sup>146</sup>

Ao considerar o leitor, é ressaltado a participação de outros atores não-especialistas nas práticas de divulgação científica, algo não presente nas análises calcadas na perspectiva difusionista. Neste plano mais amplo, leitores, editores, jornalistas, políticos, com participação intensa no alargamento da instrução pública e constituição de um público para a ciência, devem ser considerados para compreender os empreendimentos de divulgação no tempo e no espaço, à luz de questões científicas locais.<sup>147</sup>

Essa perspectiva da ciência como ação comunicativa recebe algumas críticas, como é o caso de Bernadette Bensaude-Vincent<sup>148</sup> que questiona se pensar da perspectiva da comunicação é o quadro mais adequado, tendo em vista que no modelo ator/rede de Bruno Latour, base teórica de James Secord, a ciência não é necessariamente identificada como uma ação calcada na comunicação, e que a ciência é mais do que produção e comunicação, é uma atividade normatizada que produz padrões universais e fortes valores que afetam a sociedade em geral.

Apesar da autora ressaltar os méritos deste caminho de análise da divulgação, ela indica que o historiador das ciências se vê em face de uma dupla tensão: a necessidade de estabelecer um grande quadro conceitual para os estudos históricos da ciência e a ambição de mapear o que é único na comunicação da ciência, olhando o que é específico de cada período histórico e cada ramo do saber, evidenciando as especificidades de cada área.<sup>149</sup>

Mesmo diante destas ressalvas, o potencial de tais questões teóricas é enorme, se levarmos em consideração a mudança de foco do estudo das ciências do prisma do conhecimento científico (cientistas e laboratórios) para a sua audiência e os espaços públicos da ciência, conforme nos lembra Bensaude-Vincent.

---

<sup>146</sup> Como o autor aponta: "Readers— surely of the greatest significance to most historians—play a role in the circuit primarily in terms of their feedback to the authors and the subsequent publication process. Unless carefully used, the communication circuit tends to produce accounts in which histories of publishers, printers, broadcasters, and so forth are inserted into an already-known story. [...]. What we need to know more about are patterns of circulation and use in the appropriate local settings" (SECORD, *op.cit.*, p. 668).

<sup>147</sup> *Ibidem*. TOPHAM, *op.cit.*

<sup>148</sup> BENSAUDE-VINCENT, Bernadette. A historical perspective on science and its "others". *ISIS*, v. 100, n. 2, p. 359-368, jun. 2009.

<sup>149</sup> *Ibidem*.

Neste ponto, agregamos mais alguns pontos importantes oferecidos por este quadro teórico: desconstruir a ideia de divulgação da ciência como uma atividade neutra, tendo em vista o seu trabalho discursivo voltado para grupos específicos; e entende-la como um fenômeno histórico, que varia no tempo e no espaço, evidenciando a necessidade de historicizar determinados conceitos que são tratados como estáveis, naturais ou homogêneos, como é o caso da ideia de "necessidade de divulgação", "ciência popular", "público", entre outros.

Assim, cabe aqui fazer um pequeno percurso das práticas de divulgação da ciência para o público não-especialista, a partir do século XIX, tendo em vista aquela empreendida pelos magazines que analisamos.

O termo "vulgarização" da ciência começou a ser utilizado na França, junto com a proliferação de livros, magazines, exposições e museus interessados em levar a "ciência a todos". Mas ela encontra o seu apogeu a partir de 1850, junto ao processo de institucionalização e profissionalização da ciência, e calcada na ideia de um fosso entre cientistas e público.<sup>150</sup>

Esta ideia de existência de um fosso entre o meio científico e o público não deve ser tomado como algo natural, mas sim visto sob o prisma das relações entre cultura científica e as demais dimensões da cultura, buscando atentar para a noção de "competência intelectual", onde determinadas habilidades intelectuais são privilegiadas e que normalmente não fazem parte do repertório da cultura não-especializada. A produção histórica deste fosso tem um momento de emergência, em fins do século XVIII e início do século XIX, quando se buscou demarcar uma separação entre especialistas e não especialistas, evidenciando um processo de profissionalização da ciência.<sup>151</sup>

A ideia de competência intelectual passou a ser elemento para diferenciar os cientistas do público em geral, reforçando a ideia de que a comunidade científica possuía habilidades cognitivas que o público estaria desprovido. Esta separação, entre especialistas e não-especialistas, aconteceu de formas distintas nos diferentes campos do saber científico e

<sup>150</sup> BENSUADE-VINCENT, *op.cit.* KODAMA, Kaori. **A vulgarização científica nas obras de Louis Figuier: suas traduções no Brasil.** In: \_\_\_\_\_. *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política.* 2016. P. . (NO PRELO). VERGARA, Moema de Rezende. **A Revista Brasileira: vulgarização científica e construção da identidade nacional na passagem da Monarquia para a República.** 2003. 234 f. Tese (Doutorado em História Social da Cultura) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

<sup>151</sup> SHAPIN, Steven. *Science and the public.* In: OLBY, R. C. et. al. (ed.). **Companion to the history of modern science.** London: Routledge, 1990. Cap. 65, p. 990-1007.

produzindo um entendimento social sobre quem era o *expert*, detentor do conhecimento científico.<sup>152</sup>

A distância entre o público e a ciência durante o processo de especialização e profissionalização da comunidade científica conformou a ideia de uma necessidade de se ‘traduzir’ a linguagem da ciência para o público, tendo em vista a diferença entre a linguagem cotidiana e aquela atribuída ao espaço científico. Para Vergara, a tradução está fortemente atrelada à atividade vulgarizadora, e sofreu inúmeras críticas por parte dos cientistas, que alegavam que tal ação reduzia o rigor do conhecimento científico. Assim, entre a intenção e a prática de vulgarizar, pode-se perceber uma mudança de postura: de uma mais educadora, que é afetada pela falta de rigor científico, para uma mais propagandística, responsável por produzir símbolos e prestígio social.<sup>153</sup>

Em meados do século XIX, a vulgarização da ciência foi investida da tarefa de aproximar a ciência, considerada como algo separado da vida social do indivíduo, do cotidiano do cidadão comum, valorizando seus potenciais sem expor as suas limitações.<sup>154</sup> À medida que cresce a especialização do conhecimento técnico-científico, colocando assim produtores e público em lados diferentes, evidencia-se a disparidade entre os mediadores e o público, pois ao assumir posição de tradutor, falando “em nome da ciência”, esta comunicação unilateral aumenta o fosso entre público e ciência, sacralizando as atividades científicas, reforçando junto ao público a ideia de progresso científico e submetendo-o à autoridade dos especialistas.<sup>155</sup>

Dentro deste quadro, pode-se notar a emergência do ideal de uma “ciência para todos”, especificamente entre os anos de 1850-1900. Junto desta bandeira, é possível identificar o fortalecimento da figura do vulgarizador, aquele responsável pela “tradução” do conhecimento científico em linguagem discernível para uma audiência ‘leiga’, ‘necessitada de ciência’.<sup>156</sup> Esta personagem normalmente tem formação científica, escreve bem, colabora em revistas científicas e gerais, conjugando, assim, características comuns aos cientistas,

---

<sup>152</sup> *Ibidem*.

<sup>153</sup> VERGARA, *ibidem*. VERGARA, Moema. Ensaio sobre o termo ‘vulgarização científica’ no Brasil do século XIX. **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 137-145, jul./dez. 2008.

<sup>154</sup> *Ibidem*.

<sup>155</sup> Neste ponto podemos complementar com a fala de Vergara (2003) que indica que ao se propor convencer o público sobre as “descobertas da ciência”, este empreendimento tendia a “ocultar os jogos de interesse e fracassos presentes na atividade científica” contribuindo, assim, para aumentar a distância entre ciência e público, ao mesmo tempo que criava uma ideia ilusória de que o leitor compreendia o princípio científico, sem tomar contato com a dinâmica da atividade científica (VERGARA, 2003, p. 18-19).

<sup>156</sup> BENSUAUDE-VINCEN, Bernadette. A public for Science: the rapid growth of popularization in nineteenth century France. **Réseaux**, v. 3, n. 1, p. 75-92, 1995. BÉGUET, Bruno. La vulgarisation scientifique au XIXe siècle. In: **LA SCIENCE pour tous: sur la vulgarisation scientifique en France de 1850 à 1914**. Paris: Bibliothèque du Conservatoire des Arts et Metiers, 1990. P. 5-48. KODAMA, *op.cit*.

escritores e jornalistas.<sup>157</sup> Este profissional revela-se em momento de ampliação das ações políticas em prol da instrução pública e da segmentação do mercado editorial, principalmente naquele voltado para a produção de materiais didáticos e paradidáticos. Sua função seria amenizar as ressalvas do público com as descobertas da ciência, de forma a convence-lo sobre a sua veracidade, desmistificar temores que os leitores tinham sobre temas científicos e esclarecer erros comuns.<sup>158</sup>

Este movimento em prol de uma “ciência para todos” era encorajado pela esfera política e, principalmente, por amadores próximos à esfera científica, como por exemplo, os editores, livreiros e tipógrafos. A estes é atribuído o papel de estimular a participação de jornalistas e cientistas em seus projetos editoriais, no intuito de produzir uma “vulgar” cultura científica, criando, assim, a figura do “profissional expert em ciências” e construindo uma sacralização da ciência junto à sua comunidade leitora.<sup>159</sup>

Não se pode perder de vista que esse movimento em prol de uma ciência para todos se relaciona, intimamente, à corrente positivista, que entendia a difusão das ciências como elemento estratégico no seu ideal de progresso social, moral e político, intrinsecamente associada à noção de bem-estar e melhoramento das condições sociais, conquistados, sistematicamente, por vias da educação popular. Levar as ciências para público amplo era um “*devoir positiviste*”, uma “imperiosa vocação pedagógica”, dos cientistas que tinham o dever de educar o povo por meio da ciência.<sup>160</sup> Nesta perspectiva, Comte configura um novo poder espiritual aos cientistas, atribuindo-lhes a missão de transmissão de um conhecimento considerado essencial a todos, principalmente os assuntos que poderiam promover uma “competência científica”.

Esta ideia positivista de “competência científica” nos ajuda a entender algumas relações em torno da prática de mediação da ciência, principalmente aquelas que criam um nexos entre um interesse de disseminar a uma ideia de utilidade, “conhecimento útil”, “combate à ignorância”, “necessidade”... A própria ideia de ‘necessidade’ pode ser historicizada à luz de um movimento global de ampliação do mercado editorial no século XIX, com uma grande segmentação e multiplicação dos jornais, coleções e livros, e a queda dos preços destes produtos, devido às melhorias técnicas na impressão e desenvolvimento da publicação e ilustrações.<sup>161</sup>

---

<sup>157</sup> BEGUET, *ibidem*.

<sup>158</sup> BROKS, *op.cit.*

<sup>159</sup> *Ibidem*.

<sup>160</sup> PETIT, Anne. La diffusion des savoir comme devoir positiviste. **Romantisme**, n. 65, p. 7-26, 1989.

<sup>161</sup> BENSUAUDE-VINCENT, *op.cit.* MOLLIER, *op.cit.* BROKS, *op.cit.*

Estas justificativas, se podemos assim chamar, orientaram um conjunto de ações que buscaram atrair um público para a ciência oferecendo-lhe conteúdos científicos adaptados aos diferentes gostos e perfis socioeconômicos, investindo-se como uma leitura divertida, útil, popular, recreativa, de forma a conquistar diferentes segmentos, estratos e grupos sociais.<sup>162</sup>

Na emergência de um público consumidor, a vulgarização se colocou como uma prática pedagógica particular, calcada em conteúdos científicos que denotavam a ideia de diversão, curiosidade e sedução.<sup>163</sup> A partir de uma prosa fácil, fatos que instigassem a curiosidade, produção de uma memória da ciência e dos cientistas e ilustrações vistosas, os mediadores da ciência objetivavam conquistar o seu público, apresentando uma ciência não enfadonha para o seu leitor, com o propósito de instruir divertindo.

Este movimento da difusão da ciência para público amplo foi intenso até o início do século XX, porém ocorre concomitante a outras formas de comunicação de conteúdos científicos para público não-especializado com propósito similar de promover a ciência e educar o povo. Podemos citar, por exemplo as exposições dos museus de ciência, as conferências e palestras científicas, além de outras formas de comunicação escrita da ciência para leigos, que também ocorreram na imprensa, mas que foram gestadas de formas distintas daquela operada pelo movimento vulgarizador. Aqui consideramos que as atividades de vulgarização e divulgação da ciência podem ser pensadas como movimentos distintos, ao nos embasar na ideia de que estas são produções históricas específicas, que ocorrem a partir de ações e atores que lhes são particulares.

Quando distinguimos ambas é por entender que elas podem até ocorrer de forma concomitante em alguns contextos históricos, como por exemplo o período que estudamos, mas são gestadas cada uma a seu modo. Assim, no período analisado, podemos notar que a mediação da ciência para público não-especializado arrolou diferentes públicos, diferentes mediadores, e, até mesmo, diferentes projetos editoriais, mas estes projetos compartilharam a ideia de cisão entre público e ciência e necessidade de restabelecer esta relação mediante um trabalho discursivo, que envolveu ações de atores científicos e não-científicos e um conjunto de representações da ciência.

Nos próximos subitens pretendemos abordar as especificidades dos magazines *Kósmos*, *Renascença* e *Século XX* que nos permitem afirmar que estas eram revistas de divulgação científica no início do século XX, passando pela forma como comunicaram a ciência, selecionaram os seus assuntos e pelo perfil, pretendido, do seu público leitor.

---

<sup>162</sup> BENSUADE-VICENT. A public for a science. *Op.cit.*

<sup>163</sup> KODAMA, *op.cit.*

## 2.1. *Algumas experiências de mediação científica no raiar do século XX*

Antes de analisar o caso específico de *Kósmos, Renascença e Século XX*, é necessário analisar, brevemente, outros projetos de revistas com conteúdo na área da ciência voltados para o público não-especialista na primeira década de 1900. Estas outras experiências integram um quadro histórico onde se identifica, a nível mundial, uma diminuição desta atividade.<sup>164</sup> No entanto, podemos dizer que no caso fluminense há a intensificação das atividades editoriais entre o final do século XIX e início do século XX, e com ela a veiculação maior de assuntos científicos, tornando-se parte dos conteúdos que integravam os programas de revistas e jornais, evidenciando a possibilidade de análise de diferentes empreendimentos de mediação da ciência.

Notamos que no Rio de Janeiro entre 1900 e 1910, as atividades de divulgação em revistas se diversificaram, voltando-se para distintos grupos, e, nas diferentes modalidades de periódicos, há a veiculação de conteúdos científicos, em alguns casos em seções regulares, com a participação de cientistas, mas sobretudo, evidenciando a atuação de outros profissionais nesta atividade, como por exemplo o jornalista.

A pluralidade de projetos, principalmente no que diz respeito aos assuntos veiculados e públicos pretendidos, nos permite entender concepções diferentes de mediação e emergência de diferentes representações da ciência, sendo necessário entender como ela se dá e quais são as suas razões. Evidentemente que não podemos pensar que este cenário está dissociado de um processo de conformação de um espaço público para ciência que é anterior ao período comportado pela análise. Pelo contrário, esta diversificação de empreendimentos de mediação da ciência para novas audiências pode ser vista como um resultado da emergência de uma comunidade científica latino-americana, no século XIX, interessada em satisfazer as demandas científicas locais e criar mecanismos de produção e reprodução de conhecimentos e práticas científicas.<sup>165</sup>

O aparecimento de um periodismo científico no Brasil no século XIX, assim como a criação de instituições de ciência e educação são elementos para pensar a consolidação de um interesse público em torno do desenvolvimento científico. Tais pontos, no contexto da América Latina do século XIX, provocaram tanto a conformação de uma opinião pública

<sup>164</sup> MASSARANI, *op.cit.* BROKS, *op.cit.*

<sup>165</sup> CABRERA, Leoncio López-Ocón. La formación de un espacio publico para la ciencia en la América Latina durantel el siglo XIX. *Asclepio*, v. 50, n. 2, p. 205-225, 1998.

quanto um espaço público para ciência, onde o interesse em divulgar, especialmente para as classes mais abastadas, amparava-se na concepção que o cultivo das ciências seria relevante para a construção de um espírito mais nacionalista.<sup>166</sup>

Desta forma, quando olhamos para a primeira década do século XX e identificamos uma diversificação das atividades de comunicação científica, pensamos ser este momento mais uma etapa de um período de intensa proliferação das iniciativas em prol de uma ciência levada ao público<sup>167</sup>. Etapa esta inserida em um contexto de valorização da ciência junto às classes alfabetizadas e a crença no poder redentor da ciência, que agregou diferentes facetas a esta atividade. Assim, se há uma diminuição das atividades de divulgação neste ambiente sociocultural do início do século XX, ela deve ser refletida à luz das suas especificidades, principalmente no que diz respeito a suas variações e seus públicos se olhadas comparativamente.

Como apontado por Massarani<sup>168</sup> este ponto é algo ainda pouco entendido pela historiografia, mas foi um evento identificado em diferentes países, no mesmo contexto citado. Peter Broks, em sua análise sobre divulgação científica, aponta que entre o final da era vitoriana até anos antes à Primeira Guerra Mundial é possível notar uma queda no número de editoriais dedicados aos assuntos científicos, em revistas britânicas de variedade voltadas para a família. Segundo o autor, algumas experiências da Inglaterra em conflitos imperialistas teriam afetado a imagem da ciência junto ao público, de forma que os discursos de exaltação aos avanços técnico-científicos cederam espaço para ressalvas sobre os prejuízos gerados por esse progresso, como a poluição do ar e o desemprego gerado pela mecanização de algumas atividades.

No entanto, mesmo identificando esta queda, o autor a utiliza para pensar nas mudanças de sensibilidade e práticas em torno da divulgação: segundo ele, da era vitoriana para a era eduardiana é possível notar a mudança do foco da ciência para a tecnologia, da mesma forma que aparecem mais textos sobre ciências humanas, como por exemplo a antropologia e psicologia.<sup>169</sup>

Diante deste ponto, foi pertinente tentar identificar outros projetos editoriais de mediação da ciência para o público, para entender melhor as revistas estudadas. Ao analisar o acervo da Fundação Biblioteca Nacional e Academia Brasileira de Letras em busca de

---

<sup>166</sup> *Ibidem*.

<sup>167</sup> Cabrera (*op.cit.*, p. 215) aponta que a partir de 1860 há a proliferação de atividades de divulgação ciência, que dura até os anos de 1910, caracterizando estes cinquenta anos como “etapa de esplendor en la popularización de los conocimientos científicos-técnicos”.

<sup>168</sup> *Op.cit.*

<sup>169</sup> Science, media and culture. *Op.cit.*



magazines congêneres, nos deparamos com seções e artigos científicos nos diferentes periódicos que circularam na cidade do Rio de Janeiro entre 1900 a 1910. Desde vistosas revistas semanais de variedade, como a revista *A Avenida*, com uma seção denominada *Notas Científicas*<sup>170</sup>, ao modesto semanário *Os Annaes*, publicado entre 1904 e 1906, que dispunha de uma seção regular intitulada *Sciencia e Indústria*, com pequenos textos sobre ciência, economia e tecnologia. No caso d’*Os Annaes*<sup>171</sup>, é possível notar que este periódico apesar de se colocar para o público em geral, realizava uma comunicação da ciência para pares, destinando os seus textos de ciência aos alunos da Faculdade de Medicina e Escola Politécnica.

Os periódicos que mais nos chamaram atenção foram as revistas *Ilustração Brasileira* e *Leitura para todos*. Em ambos os casos a ideia de divulgar as ciências, seguindo uma tradição francesa, está presente em suas propostas editoriais.

*Ilustração Brasileira* foi publicada inicialmente entre 1901 e 1902, em Paris, e após uma pausa de sete anos, retornou as atividades no Rio de Janeiro de 1909, seguindo um modelo revisteiro que conjugava o trabalho de jornalistas brasileiros e estrangeiros, e apresentava um programa editorial fortemente calcado na variedade de informações. Em sua primeira fase houve a veiculação de uma grande quantidade de textos sobre inovações técnicas, como textos sobre eletroímãs, ferrovias, dirigíveis, telescópios, carruagens automáticas, eletricidade, e biografia de inventores. Uma particularidade dos seus textos de vulgarização da tecnologia era o fato de serem compilações de artigos publicados na imprensa internacional, especialmente em revistas francesas. Há, no entanto, um artigo de autor brasileiro, veiculado de forma seriada: um texto sobre os tipos de mosquitos e sua relação com a febre amarela, atribuída ao médico e professor da Faculdade Medicina, Dr. Hilário da Gouveia, publicado entre as edições de número 6 e 10 do ano de 1902.

Na segunda fase, entre 1909 e 1912, publicada no Rio de Janeiro com a supervisão de Medeiros e Albuquerque, integrante da Academia Brasileira de Letras, há uma mudança do perfil da revista, ao interessar-se mais pelo Rio de Janeiro, cobrindo os eventos sociais da classe alta carioca, sem perder de vista o contexto internacional. Assim, junto a seções intituladas “Vida Fluminense” e “Vida Social” -- com a cobertura de casamentos, viagens, nascimentos e morte de integrantes da elite fluminense -- vemos seções sobre ciências, moda,

---

<sup>170</sup> **A AVENIDA**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1903-. Semanal.

<sup>171</sup> **OS ANNAES**: semanário de literatura, artes, ciência e indústria. Rio de Janeiro: Os Annaes, 1904-1906. Bissemanal.

literatura e o chamado “Correio da Europa”, com a cobertura do cenário político e social do Velho Mundo.

Em meio às seções que tratavam do cotidiano da elite carioca, foi possível identificar quatro seções diferentes sobre ciências, algumas regulares e outras mais pontuais. A primeira seção identificada intitulava-se “Sciencia”, e durou alguns poucos números, abordando temas científicos em tom de curiosidade, de algo excepcional, como por exemplo a cura da velhice, a higiene e a arte em hospitais modernos, além de textos sobre tecnologia nos mesmo moldes da sua primeira fase. Concomitante a esta seção, a revista publicou junto aos anúncios uma seção intitulada “Palestras Médicas”, escrita pelo médico Mário Lavisare, onde discutiu medicina e higiene, claramente buscando falar para um público leigo.

As outras duas seções foram mais regulares, publicadas entre 1909 e 1912. Uma era intitulada “Sciencia ao alcance de todos” e a outra “Curiosidades”. Na maior parte das vezes foram publicadas juntas, na mesma página dos anúncios (Imagem 2).

Com o mesmo perfil, identificamos a revista mensal *Leitura para todos*, periódico que pretendia ser um magazine para a família, a baixo custo e com o objetivo de “informar, instruir, e deleitar”<sup>172</sup> o público. Esta revista propunha ser de baixo custo para reunir a maior quantidade de assinantes, que garantiriam a sua sobrevivência – que foi de mais de 25 anos. Em seus primeiros anos, a revista dedicou-se a publicar literatura e ciência para os diferentes públicos, buscando, realmente, dar conta de conteúdos que contemplassem uma ideia de família: conteúdos para o pai, para a mãe e para os filhos.

A mediação da ciência era feita em diferentes momentos da edição, que tinha em média 110 páginas. E os textos sobre ciência e tecnologia eram indicados com o título “*Notas e Curiosidades*”. Nestas seções, foram abordados diferentes assuntos científicos, desde ciências naturais e médicas, passando pela história nacional, matemática e questões sociais locais, como por exemplo os textos sobre “vagabundas”, “pivetes” e “quiosques”.

Tanto a *Ilustração Brasileira* quanto *Leitura para todos* apresentam similaridades, e a mais importante é o perfil vulgarizador das suas seções de ciência.

A ideia de voltar-se para um público amplo – conforme o título da seção *Sciência ao alcance de todos* e do próprio periódico *Leitura para todos* – referencia os empreendimentos vulgarizadores que emergem em meados do século XIX, no intuito de falar de ciências para o grande público (“Todos”). Os textos em ambos os periódicos seguem um certo padrão: artigos curtos, com linguagem acessível, apresentados como algo interessante e curioso, com

---

<sup>172</sup> *Leitura para todos*, ano 1, n. 1, 1904.



conteúdo que poderiam corrigir dúvidas científicas, e, o mais importante, levaram educação atrelada ao lazer.

**SCIENCIA**  
AO ALCANCE DE TODOS

**A tintura de iodo — Propriedades electricas da areia**

No primeiro acto de Parsifal Rundry, tráz da Arabia balsamos medicamentosos para curar a ferida de Amfortas. Mas as feridas, que nos estão reservadas pelos accidentes da vida, raras vezes são produzidas pela ponta de uma lança encantada e portanto os balsamos magicos, tão preciosos para os cavalleiros do Graal, de nada nos serviriam. Para males menos mysteriosos applicamos uma therapeutica mais simples e não a vamos buscar na officina de Montsalvat; qualquer pharmaceutico que appareja pode curar-nos.

O tratamento instinctivo do ferido é cuidar immediatamente de purificar a chaga pela agua.

Mas tal limpeza relativa, em primeiro lugar é difficil, pois a pelle se acha impregnada de sangue, de pó, barro e outras impurezas; depois incompleta, pois a carne, ferida e dolorida, não supporta uma lavagem conveniente.

Além disso é perigoso, pois a pessoa pouco pratica pode levar para a ferida impurezas prejudiciaes contidas n'agua.

Deixemos, portanto, esse processo, a vista d'outro, mais simples e que não apresenta inconveniente algum. A applicação é facil, pouco custosa, não offerece perigos e é a mais perfeita; trata-se da desinfectação por meio do iodo, sob a forma de tintura. Este medicamento está felizmente muito diffundido; as pharmacias mais pobres das aldeias possuem-no e deve ser usado por todos.

A tintura de iodo tem, sobre os demais antisepticos uma superioridade notavel, porque possui um poder de penetração densa; deravel, infiltra-se com a maxima facilidade em todos os fundos da epiderme, insinuando-se até as glandulas do revestimento cutaneo. Sua acção desinfectante tem a particularidade de ser mais poderosa, quando applicada se, sem lavagem alguma previa da região doente.

Com effeito a limpeza com agua e sabão, fazendo entumescer as células epitheliaes, obstrue os poros da pelle e impede a penetração do iodo.

Compreende-se pois que os serviços que a tintura de iodo presta na desinfectação de chagas e nas embrocacoes são importantissimos.

Durante a guerra russo-japonesa se usou muito e com optimos resultados a tintura de iodo, que se applicava em torno das chagas em condições muito especiaes de precipitação, como são as da cirurgia de guerra. Actualmente, porém, antes das operações, a tintura de iodo e o antiseptico por excellencia para obter a limpeza do campo operatório.

A maneira de empregalo é simplissima. Introduz-se um pincel ou pedaco de algodão, passando em seguida sobre a região ferida, o mais depressa possivel depois do accidente. Em seguida deixa-se secar ao ar, cercando para isso de um pouco de paciencia. No fim de dez minutos de applicação pôde-se estar certo de que a esterilisação da pelle é perfeita e mais cinco minutos bastam.

Cobre-se em seguida o todo com um pedaco de panno limpo e um pouco de algodão, prendendo-o fortemente.

A applicação da tintura de iodo determina um prurido passageiro, mais ou menos doloroso, e depois uma irritação de intensidade variavel; geralmente não passa de uma pequena tumefacção da pelle, que, depois de dois ou tres dias, entra a dessecar. Mas outras vezes a applicação do remedio origina uma verdadeira vesicacão, que convém evitar com algumas precauções. Antes de tudo deve-se escolher uma tintura de iodo nova e não muito antiga, guardada em botijas mal fechadas, pois o alcool pode evaporar-se, devido a contracção do iodo, o que seria perigoso, mas uma tintura de iodo, que nos é actualmente ministrada, segundo a formula do novo codex, mais forte do que a antiga. Será sufficiente pedir a tintura de iodo diluida; isto é tendo para o mesmo peso de todo o dobro de alcool a 90 graus.

As applicações da tintura de iodo são tambem multiplas e uteis em alguns casos: nas ulceras da bocca; da lingua, provocando uma cicatrisação rapida.

Um chimico inglez, Mr. Phillips, trouxe ao conhecimento da Real Instituição de Londres algumas propriedades electricas, muito curiosas, da areia.

Se acontece um pouco de areia dar de encontro a uma folha de estanho esta se electriza fortemente, podendo chegar até 3.000 volts.

O potencial do emitido desce rapidamente a 100 volts, porque a superficie metallica cobre-se de uma camada de pó que a protege contra o contacto da areia.

Se se praticar a mesma operação contra uma folha de papel de filtro esta conservará a carga por muito mais tempo que o metal.

Em ambos os casos, tanto o estanho quanto o papel, se electrizam positivamente e no emitido, quando a areia é friccionada de encontro ao papel, este ultimo adquire uma carga negativa.

Esta particularidade já havia sido observada pelo grande Faraday, em 1848, e parece que origina da carga depende do estado da superficie sobre que se opera e da natureza da materia pulverulenta.

Quando as particulas do pó apresentam angulos agudos, elle adquire uma carga positiva, emquanto que a superficie se electriza negativamente; mas se as particulas são em circulo o phenomeno se apresenta no sentido inverso.

Outra propriedade muito interessante da areia é a seguinte: Coloca-se uma boa quantidade de areia fina, perfeitamente homogenea e bem secca, n'uma vasilha e pratica-se um officio no fundo d'esta; a areia sahe em jacto semelhante ao que formaria um liquido nessas mesmas circumstancias; mas a velocidade com que a areia sahe é independente da altura e que chegue ella no interior do vaso. N'esta a sahida da areia differo totalmente, de certos liquidos, pois estes, segundo o conhecido principio chamado theorema de Torricelli, sahem com uma velocidade dependente da altura de sua superficie e do nivel sobre o officio de escapamento. Portanto, a medida que o liquido cahe, o nivel desce, se não encontrar obstrucção alguma.

Na areia, ao contrario, a sahida é constante; sobretudo se se teve a precaução de untar com azeite os bordos do officio e que a areia esteja como já se disse, perfeitamente secca. N'estas condições a sahida da areia é muito regular, isto é, apresenta uma velocidade constante, produzindo um som musical, cujo tom se mantém invariavel todo o tempo que dura a sahida.

A altura do som no caso em que se opere com uma areia ferruginosa pôde ser influida pelas variações de intensidade de uma corrente electrica. Para isso é preciso que a areia, em sua sahida, passe por um tubo de vidro.

**CURIOSIDADES**

**No país dos bulgaros**

É bastante ohar para um typo de camponez bulgaro para nelle reconhecer o slavo basculo, ainda pouco affeito a educação moderna. E mesmo as classes educadas conservam ainda vestigios da rudez antiga da raça. Lendo alguns topicos da historia bulgara, por occasião dos acontecimentos recentes, não se olvidamos de dizer que os bulgaros fossem filhos de Hana e Atila. No antigo idioma desse povo, os bulgaros são os Maldiços de Deus, como Atila foi o Flagello dos Reis.

Miscelados aos hungaros, levaram sua devastação até o este da França.

A reminiscencia das atrocidades commettidas por esses barbaros foi tal que os navios se tornaram monstros das lendas, os onegres ou corgues e os novogres ou bulgares. Estas palavras conservaram-se na lingua franceza com significações diferentes.

Com a continuação dos seculos os bulgaros misturaram-se a outras familias da slavica ou slava, isto é, AQUELLA QUE PALLA LINGUA. Todo o individuo que não é slavo é um NIEMETZ, um mudo.

**Fantasia de millionario**

Os irmãos Vanderbilt há pouco tempo mandaram collocar uma linha telephonica directa entre suas residencias de New-York e Chicago, ou seja uma distancia de 2.400 kilometros. É a maior linha telephonica particular do mundo.

**Já se viu!...**

Em um dos numeros do «Journal des Voyages», de 1904, temos o seguinte: «No Rio de Janeiro o calor foi tão forte este verão que os collegios e internatos fretaram navios nos quaes embarcavam professoras e alumnos todas as manhãs. As lições eram dadas em pleno mar. Eis uma pedagogia bem interpretada!»

Não nos consta que tal coisa se tenha dado; no entanto se temos que agradecer estas linhas, pois raras são as apreciações favoraveis a nosso respeito.

**AS GRANDES MEDICAÇÕES PHYSICAS**

— NO —

**GABINETE DE ELECTRICIDADE MEDICA**

— DO —

**DR. ALVARO ALVIM**

Tratamento sem dor, de todas as molestias chronicas e constitucionaes — diabetes, rheumatismo, etc., etc.; das molestias nervosas em geral; das da pelle; dos tumores malignos — cancroes, epitheliomas, etc.; do lupus, das adenopathias tuberculosaes; das ulceras recentes e antigas; das molestias do coração e dos vasos — aneurismas, arterio-sclerose; das dos rins; do aparelho digestivo, etc., etc.

Installação appropriada para o tratamento das molestias uterinas, das vias urinaes, das hemorroides, das fistulas anaes, puridas.

Installação consagrada ao tratamento physico da tuberculose, cujos resultados estão confirmados pelos factos, alcançados por processos especiaes.

Installação especial para o tratamento da syphilis, dos polynevritas, da chyluria e do beri-beri propriamente dito.

O gabinete, que é o mais completo possível e congenere aos melhores do mundo, vantajosamente conhecido pelos seus grandes e numerosos triumphos clinicos, espontaneamente vulgarizados pela imprensa, comprehende o mais possante e completo serviço electrotherapico, vibrotherapico, thermotherapico, hydromassotherapico, phototherapico, aerotherapico, etc., etc.

Preços modicos, ao alcance de todos, de acordo com a tabella do gabinete

**HORARIO:**  
Das 8 h[12] ás 5, nos dias uteis

**LARGO DA CARIOCA N. II**  
1.º ANDAR  
RIO DE JANEIRO

**O almanach do TICO-TICO**

Sessenta e Quatro paginas a  
cores!

Bellissimas historias escolhidas  
entre as melhores, todas ricamente  
illustradas.

Cançonetas e musicas para  
creanças.

Curiosidades. # Informaçoes.

Retratos de creanças,  
etc., etc.

Eis o  
**Almanach do Tico-Tico**  
que já se acha no prelo.

Imagem 2 – Ilustração Brasileira, Rio de Janeiro, n. 35, 1 nov. 1910. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 26 jul. 2014.

Essas características na apresentação discursiva dos textos são comuns às publicações que se propõe vulgarizar a ciência, e foi seguida tanto por *Leitura...* quanto por *Ilustração*, possivelmente por inspirarem-se em suas análogas francesas<sup>173</sup>, especialmente no que diz respeito a uma edição de fácil manuseio e preço de venda (conforme apresentamos no capítulo 1).

A ideia de tradução dos conceitos científicos para melhor informá-lo, com podemos ver nestes dois magazines, buscava, realmente, vulgarizar, ou seja, falar para o maior público possível, a partir da simplificação dos conteúdos. Em alguns momentos é possível notar, especialmente na *Leitura...* que o seu público alvo é mais infanto-juvenil do que adulto, ao colocar pequenas e modestas ilustrações como apoio ao texto, e incorporar jogos de raciocínio às seções como estratégia pedagógica.

Como estas revistas se propunham a falar para todos, diferente das nossas fontes principais, pode-se notar o interesse em dar uma face mais "universal" à ciência que era comunicada, não se restringindo, e por vezes preterindo, aos eventos científicos nacionais. Outro ponto interessante é o caráter normatizador da vulgarização, no intuito de reformular algumas práticas, especialmente aquelas higiênicas e de comportamento, o que explica a grande ocorrência de textos nas áreas de medicina e psicologia.

Essa breve análise dos dois periódicos mostra que estes fazem um contraponto aos magazines *Kósmos*, *Renascença* e *Século XX*. Apesar de compartilharem o mesmo objetivo, falar das ciências em "nome da ciência"<sup>174</sup>, onde *Leitura para Todos* e *Ilustração Brasileira* se voltam para um público amplo e constroem um texto sobre ciências mais acessível, as revistas aqui analisadas optam por aproximarem-se de um pequeno e seletivo grupo, educado em ciências, conservando a complexidade do discurso científico produzido em seus *loci*, conforme apresentaremos melhor no próximo subitem. Enquanto *Leitura* e *Ilustração* conservam um caráter mais pedagógico e o perfil vulgarizador de publicações que procuravam "instruir divertindo" como estratégia para conformar uma competência científica.

---

<sup>173</sup> Inferimos que ambas as revistas tenham se inspirado em revistas francesas com o mesmo perfil e título. No caso da *Ilustração Brasileira*, na capa da segunda fase é informado o nome dos colaboradores nacionais e estrangeiros, e podemos notar que aqueles que são estrangeiros fazem parte de revistas conhecidas, como *Je Sais Tout*, *Illustration*, *Graphic*, *Femina*. No caso da *Leitura para Todos*, é possível que esta tenha se inspirado na análoga francesa *Lecture pour Tout*, pois durante os cinco primeiros anos a versão brasileira apresentava design gráfico das capas e estilo próximo à versão francesa.

<sup>174</sup> Expressão utilizada por Bernadette Bensaude-Vincent (2009; 2010) para caracterizar uma mudança de política de mediação da ciência: daquela que emerge a partir de meados do século XIX, conformada por atividades vulgarizadoras engendradas "em nome da ciência", para aquela que aparece em meados do século XX, orientada para ser "em nome da democracia" com maior participação da sua audiência.



*Kósmos*, *Renascença* e *Século XX* constróem um perfil mais propagandista em torno da ciência nacional, voltando as suas atividades de divulgação para uma valorização das ciências a nível dos debates sobre nacionalidade e modernidade.

Outro ponto importante é a relação com os seus vulgarizadores/divulgadores. Enquanto *Kósmos*, *Renascença* e *Século XX* valorizam a autoridade e o prestígio que os divulgadores conferem a sua publicação, sendo elemento que elas buscam ressaltar para se distinguirem no cenário intelectual, *Leitura para todos* e *Ilustração Brasileira* seguem um movimento que Peter Broks classifica como “written by historical nonentities”.<sup>175</sup> Em poucos textos destas duas publicações houve a identificação dos seus autores, algo comum, a partir do final do século XIX, com a presença de uma grande equipe de escritores e jornalistas nas redações dos periódicos, que não legaram muitas informações biográficas de si. E, no caso dos cientistas, estes, normalmente, participavam da imprensa após a consolidação de suas carreiras e, na maior parte das vezes, a convite dos editores.

Para além dessas experiências na imprensa revisteira, não podemos deixar de citar a imprensa diária com publicações sobre ciência, como foram os casos do *Jornal do Brasil* e do *Jornal do Comércio*; dos almanaques, como a exemplo do *Almanach Brasileiro Garnier*, com notas curtas no rodapé das páginas sobre ciências; e os periódicos voltados para grupos específicos, como o *Almanaque Tico-Tico*, revista infanto-juvenil.

A partir da leitura do memorialista Brito Broca, tomamos conhecimento da existência de outras duas atividades de mediação da ciência para público não-especializado. A primeira, o circuito de conferências na Biblioteca Nacional a partir de 1910, na esteira da popularidade que este tipo de evento social já gozava na sociedade carioca desde os anos de 1870 com as Conferências Populares da Glória. Estas conferências da Biblioteca Nacional aconteceram entre 1910 e 1914, organizadas por seu diretor Manuel Cícero Peregrino da Silva, ex-diretor da Biblioteca da Faculdade de Recife, que procurou dar ao evento um enfoque em artes e ciência, e contar com a participação de palestrantes como Roquette-Pinto, Pandiá Calógeras, Juliano Moreira, Afrânio Peixoto, entre outros.<sup>176</sup>

Temos que apontar, também, a possibilidade de livros voltados para a divulgação da ciência, publicados por livrarias nacionais que buscavam ampliar o público leitor nacional com a oferta de edições populares, nos mais diferentes segmentos, como foi o caso das Edições Quaresma, publicadas a partir de 1879, e os livros da tipografia de Rodrigues Alves, reconhecido por editar livros didáticos.

---

<sup>175</sup> BROKS, *op.cit.*, p. 125.

<sup>176</sup> BROCA. A vida literária... *op.cit.*

Neste breve panorama, tentamos apresentar outras fontes que se propuseram a divulgar a ciência, mas sobretudo apontar que estas diferentes atividades assumiram diferentes perfis, evidenciando um ambiente complexo e diversificado, no que diz respeito às relações entre a comunidade científica e público.

Agora cabe entender as revistas de cultura geral que nos propomos analisar à luz da sua forma de comunicar ciências e seu público.

## **2.2. Particularidades da divulgação científica nas páginas de *Kósmos*, *Renascença* e *Século XX***

Ao refletirmos, especificamente, a divulgação científica empreendida pelas revistas de cultura geral *Kósmos*, *Renascença* e *Século XX*, podemos identificar diferenças com relação às demais publicações congêneres.

Em linhas gerais, as três publicações diferem da tendência do mercado editorial de voltar seus projetos a um público amplo, optando por destinarem-se a um leitor versado nas questões científicas do momento. Esta constatação reforça a nossa ideia de que este conjunto de magazines realizava uma divulgação científica que referenciava o seu grupo de produção e tinha como propósito inseri-lo nos debates intelectuais, para conformar uma opinião favorável em torno da ciência. Apesar de considerar que o seu leitor provavelmente não era um especialista, a mediação da ciência era feita mais no sentido de atualização de informações científicas, promoção das atividades das instituições de pesquisa, debate entre possíveis pares e comemoração das novas descobertas técnico-científicas.

Mesmo tendo em vista que seu leitor não era completamente destituído de informações sobre o universo científicos<sup>177</sup>, podemos caracterizar estas revistas como veículos de divulgação da ciência ao considerarmos que seus textos não estão desvinculados das instâncias científicas institucionalizadas, como as associações/instituições e os periódicos especializados, e a quase totalidade de cientistas eram mediadores nestas revistas.

Um dos questionamentos feitos sobre os textos sobre ciência veiculados pelos três magazines é se de fato pode-se considerá-los como provenientes da atividade de divulgação, tendo em vista o grande número artigos sobre históricos institucionais. Aqui consideramos que a atividade científica pressupõe diferentes tipos de textos, assim, relatos de viagens,

---

<sup>177</sup> Em alguns casos, houve a publicação de ensaios provocados pela leitura de artigos de edições anteriores, onde o autor, que também era leitor, questionava ou concordava com a interpretação ou concepção da ciência que foi veiculada.

históricos de instituições e biografias de expoentes científicos devem ser pensados como divulgação científica por não fugirem ao propósito de referenciar a ciência, destacando a percepção de que se fala para um outro espaço de interlocução classificado como exterior à ciência.<sup>178</sup>

Apesar da divulgação científica empreendida por *Kósmos*, *Renascença* e *Século XX* calcar-se na ideia de que seus leitores estavam próximos aos espaços institucionalizados da prática científica, não considerando em muitos momentos a existência de um abismo entre cientistas e público, seus editores compartilhavam com o seu contexto a ideia de que a ciência era importante conteúdo a ser consumido, e deveria ser direcionado àqueles leitores que a valorizavam nos mínimos detalhes, desde aqueles mais técnicos -- como suas formas de produção -- aos mais sociais -- como as negociações e disputas de ponto de vista em torno de uma cultura científica. Os projetos destas revistas propiciaram aos seus leitores a experiência de adentrar na dinâmica da pesquisa científica.

*Kósmos*, *Renascença* e *Século XX* foram revistas de divulgação científica, que arrolaram práticas de escrita, comunicadores e públicos específicos, conforme apresentaremos nas subseções que seguem. Aqui, cabe ressaltar que concordamos com Moema Vergara ao considerar um erro tratar divulgação científica e vulgarização científica como sinônimos, uma vez que apesar do primeiro termo também estar relacionado à ideia de levar a ciência para um público amplo, esta, de certa forma, atrela-se à preocupação dos centros de ciência que seus trabalhos fossem avaliados pelos pares e ajudasse a formar reputações e prestígios científico. Assim, conforme aponta a autora, “a divulgação científica seria complementar ao laboratório e ao coletivo científico: uma publicação autorizada por um conselho editorial de uma revista de prestígio faz mais do que tornar pública uma informação: dá-lhe autoridade e crédito, ela a ratifica, arquiva e data”.<sup>179</sup>

Não nos cabe dúvida que a divulgação empreendida por *Kósmos*, *Renascença* e *Século XX* pode ser classificada como tal, por questões de linguagem, propósito, público alvo e conteúdo. O que é importante ressaltar é que diante de um cenário de especialização intelectual e de práticas de mediação da ciência para público amplo, estas revistas optaram por construir um caráter mais enciclopédico, menos pedagógico e mais propagandista quando às realizações da ciência nacional. Fazendo uma analogia, suas escolhas quanto à divulgação as colocam entre as instituições de ciências e as reuniões intelectuais, servindo de extensão para estes dois espaços de sociabilidade e de porta-vozes de suas falas.

<sup>178</sup> SILVA, Henrique César de. O que é divulgação científica? *Ciência & Ensino*, v. 1, n. 1, p. 58, dez. 2006.

<sup>179</sup> VERGARA. A Revista Brasileira. *Op.cit.* P. 13.

É importante, então, analisar a forma como estas revistas veicularam as ciências, quais os assuntos arrolados, quem divulgava e qual o perfil do seu público leitor.

### 2.2.1. Uma forma de escrever sobre ciências

O ritmo de conferência, o uso da linguagem acadêmica, a extensão do texto, a opção pelo formato ensaio, a veiculação da fotografia para fins documentais são alguns dos elementos presentes na forma de divulgação científica das revistas.

Na questão da apresentação textual, há o uso da linguagem acadêmica em concomitância com algumas estratégias literárias, como um ritmo cadenciado, parágrafos não tão longos, transcrições de diálogos quando necessário e ênfase nas frases de efeito, principalmente, com interjeições. O propósito é fazer a leitura fluir, mesmo em um ensaio com média de 5 a 10 páginas – longo nos padrões das revistas *Leitura para Todos* e *Ilustração Brasileira* --, conservando a metalinguagem das ciências, como por exemplo a veiculação dos termos latinos nos textos das ciências naturais e das fórmulas matemáticas, e a própria lógica da produção do argumento, como no caso dos textos históricos onde foram mantidas as citações diretas e as fontes utilizadas pelos autores.

Esse formato de comunicação era considerado pelos cientistas da época como uma forma de respeitar a complexidade do conhecimento científico. Neste ponto citaremos dois exemplos, um da revista *Século XX*, Luiz Betim Paes Leme, e o cientista Miguel Ozório de Almeida, atuante nos anos 1920-30, que convergem no que diz respeito à manutenção de uma “linguagem da ciência” na mediação para público não especialista.

O engenheiro Luiz Betim Paes Leme, em seu artigo intitulado “Notas científicas”, considerava que cada ciência havia criado sua própria linguagem, em estado mais ou menos desenvolvido, com objetivo de facilitar o raciocínio. Tal criação, segundo o autor, teria contribuído para um aperfeiçoamento da disciplina, que ao seu ver, seria impossível alcançar mediante a utilização da linguagem literária. Seu exemplo provém do campo da astronomia, ao indicar que para explicar a lei de atração dos mundos bastaria apresentar em linguagem matemática a equação  $F=ab/d$ , ao invés de apresentar em linguagem natural sua explicação: “a força  $F$  de atração entre dois corpos é proporcional à produção das suas massas.  $A$  e  $B$  é inversamente proporcional ao quadrado de distância  $D$  existente ente elas”<sup>180</sup>

A utilização da linguagem simbólica das ciências, segundo o autor, contribuiria para aumentar a capacidade cerebral sobre o assunto, multiplicando a rapidez com que o leitor

<sup>180</sup> LEME, L. B. P. Notas científicas. *Século XX*, ano 1, n. 1, p. 54-56, out. 1905.



chegaria a sua conclusão. Apesar de considerar que a linguagem cotidiana teria favorecido às relações interpessoais, o uso recorrente da “simbolização” das ciências ajudaria no progresso científico, à medida em que a precaução que o povo tinha com a ciência – precaução essa atribuída a utilização de “uma língua estrangeira” pela ciência – seria desconstruída a partir do momento que essa “simbolização” compusesse o cotidiano linguístico dos indivíduos.

Assim, para Luiz Betim, a eliminação das diferenças linguísticas entre os sábios e o povo auxiliaria a conservar a torre da ciência – “um imensa Babel” – que cresce naturalmente à medida em que o raciocínio se complexifica, e garantiriam a memória das “gloriosas conquistas da ciência”.

Essa mesma problemática foi tratada por Miguel Ozório de Almeida, mais de duas décadas depois. Em seu artigo “A vulgarização do saber”, o autor aponta que uma das dificuldades de disseminar a ciência para o senso comum seria tentar traduzir o conjunto de conceitos próprios de um campo científico de forma que este ficasse compreensível ao seu leitor. Ele dá o exemplo do caso da teoria da relatividade, em que um jornal fez um concurso com a finalidade de encontrar alguém apto a transforma-la em algo “simples e compreensível à massa de homens de instrução média”, e que ao final ninguém obteve êxito, incluindo o próprio Einstein.<sup>181</sup>

Para Miguel Ozório, a “tradução” em linguagem vulgar tendia a ser incompleta e defeituosa, e que o ideal seria que o interlocutor entendesse a linguagem empregada pelas ciências, graças a uma sólida educação científica. O curioso é notar que para este autor, dentre duas tipologias de ciência -- aquelas que exigem uma grande capacidade de raciocínio e alto grau de abstração, e aquelas que precisavam, apenas, de uma qualidade equilibrada de homens médios – a primeira categoria seria muito mais complexa de comunicar sem a utilização de sua própria linguagem, e a segunda poderia ser facilmente exposta, por estar próxima à linguagem cotidiana.

O importante é perceber que para esses dois cientistas, que mesmo que pontualmente, como o caso de Luiz Betim, se colocaram a refletir sobre a dimensão linguística da disseminação da ciência para não-especialistas, a permanência da ‘complexidade’ e do ‘rigor’ atribuídos ao fazer científico<sup>182</sup>, travestidos por uma linguagem ‘própria’ de cada campo do

<sup>181</sup> ALMEIDA, Miguel Ozório de. **A vulgarização do saber**: ensaios. Rio de Janeiro: Ariel Ed., [1931]. P. 232.

<sup>182</sup> Duas décadas antes, Louis Couty (1879) fez questionamento similar em seu artigo “Os estudos experimentais no Brasil”, ao argumentar a necessidade de conservar a complexidade do conhecimento científico nos trabalhos de vulgarização científica. Em seu estudo sobre os periódicos de ciência na cidade de São Paulo, Cruz (2008) aponta que a linguagem é um elemento que distingue as revistas científicas das demais, pois utiliza uma narrativa que mescla a escrita técnica e acadêmica, onde se busca a precisão e a concisão, e a escrita literária, cujo o impacto do texto é mais relevante que a transmissão rigorosa das informações. “Mesmo com a evolução

saber, era vista como uma forma de educação mais sólida do seu público leitor, mesmo considerando que esta divulgação não deveria ater-se às minúcias técnicas, enfocando as linhas gerais e essenciais.

Assim, a utilização de uma linguagem próxima àquela acadêmica, a conservação da “linguagem das ciências” reforça mais a distinção dos cientistas e sua especialização frente ao seu público. E ao conservarem tais elementos discursivos, as revistas analisadas estabelecem a quem se destina a sua fala sobre ciências, e certamente não era a um público totalmente destituído de conhecimento científico.

### 2.2.2. *Os assuntos científicos e seus divulgadores*

O forte caráter enciclopédico das revistas revela uma intensa relação dos seus editores, diretores e colaboradores com uma cultura de valorização das ciências, que prezava uma formação científica e filosófica, bastante generalista. O positivismo assume centralidade nas páginas de *Kósmos*, *Renascença* e *Século XX*, de forma que saberes, muito mais afins ao meio literário e à religião, receberam estatutos de ciência, devido a uma abordagem que se pretendia objetiva e analítica, fruto de um olhar criterioso. Esse é o caso da crítica literária, do espiritismo e de textos de abordavam o positivismo como dogma religioso.

Para melhor análise, listamos no quadro 4 os assuntos que figuraram nas páginas das revistas analisadas:

---

da linguagem científica, que prossegue no decorrer da segunda década [1900], ainda persistem os longos preâmbulos, cheios de floreios e evocações, que introduzem as partes mais técnicas da escrita” (CRUZ, 2008, p. 271). Nota-se que em termos gerais, esta lógica linguística das revistas científicas também esteve presente em revistas de cultura geral, como é o caso de *Kósmos*, *Renascença* e *Século XX*.

<b>QUADRO 4</b>			
<b>Conteúdos científicos – Panorama Geral</b>			
<b>Grandes Áreas</b>	<b>Kósmos</b>	<b>Renascença</b>	<b>Século XX</b>
História	18%	23,5%	26,8%
Engenharia – Arquitetura – Paisagem Urbana	18%	16,12%	14%
Território – Geografia – Expedições	8,9%	11,9%	7,3%
Biografia de cientistas	1,5%	11,05%	9,7%
Conferências – Exposições	14,9%	5,9%	0
Língua	0,78%	0,98%	0,7%
Sociologia	1,2%	5,5%	0
Instituições científicas	1,02%	5,5%	2,4%
Medicina – Higiene	1,5%	4,6%	2,4%
Tecnologia	1,2%	4,1%	2,4%
Tecnologia Militar	6,42%	0	12,19%
Ciências naturais	6,6%	2,7%	9,7%
Filosofia	1,5%	2,3%	0
Astronomia	0,25%	1,8%	0
Agronomia – Veterinária	0	1,3%	0
Relatos de Expedições	8,2%	0,92%	0
Arqueologia – Antropologia – Etnologia	4,8%	0,92%	0
Educação	2,5%	0,92%	9,7%
Matemática	1,02%	0	0
Psicologia - Criminologia	0,25%	0,4	2,4%

Como se pode notar, o assunto predominante era aquele de carácter histórico, seguido pelas áreas de engenharia e textos sobre congressos e exposições científicas.

Em uma perspectiva geral, as revistas falaram sobre diversos temas científicos, não se limitando a um único campo do saber, divergindo em suas preferências de assuntos divulgados, mas convergindo no carácter generalista de suas publicações. O que nos chama mais atenção é a preferência pelas humanidades, em especial a história, e pelas tecnologias, apesar de enfocarem mais a engenharia com interface com o urbanismo e o militarismo e não abordar a tecnologia pelo viés das suas inovações, como por exemplos os inventos aeroespaciais e industriais.

Apesar de ser um assunto caro aos engenheiros militares e cientistas mais positivista, a matemática pouco foi abordada. Assim como a medicina, assunto de interesse dos reformadores sociais que se propuseram a divulgar práticas de higiene<sup>183</sup>, foi mais tratada na *Renascença* que suas congêneres analisadas.

<sup>183</sup> TOMES, Nancy. The private side of public health: sanitary science, domestic hygiene, and the germ theory, 1870-1900. *Bulletin of the History of Medicine*, v. 64, n. 4, p. 509-539, 1990.

Desta forma, fica evidente que a seleção dos assuntos apesar de ter relação com as atividades científicas nacionais, priorizou mais aquelas áreas que poderiam ajudar a revista a compor um quadro de tradição, prestígio e modernidade para o país. O que nos ajuda a entender o porquê de veicular biografias e históricos de instituições, que poderiam até tratar do estado-da-arte das pesquisas científicas, mas priorizava os elementos que pudessem conotar um progresso científico e tecnológico do país, como por exemplo o enfoque em equipamentos, instalações e correntes de pensamento.

A ciência produzida em território brasileiro foi priorizada nas páginas, de forma que pouco se falou sobre a ciência de outros países, da mesma forma que foram excluídas as atuações de brasileiros no campo científico e tecnológico fora do país. Assim, não há referências a Santos Dumont ou à premiação de Oswaldo Cruz no 14º Congresso Internacional de Higiene e Demografia, que ocorreu em Berlim em 1907.

A seleção das temáticas de cunho científico é importante também, se pensarmos que os assuntos foram previamente escolhidos, de forma que os divulgadores médicos pouco falaram da realidade sanitária do país – quando falaram se utilizaram de eufemismos e discurso indireto para trata-los<sup>184</sup> -- e alguns cientistas foram convocados pelos editores devido a outros interesses intelectuais, como por exemplo Nina Rodrigues, então professor da Faculdade de Medicina, que acabou por publicar na revista *Kósmos* um artigo sobre a arte africana, em uma abordagem mais antropológica. Apesar do forte caráter antropométrico junto aos museus de ciências naturais, nas três revistas, em especial a *Kósmos*, vemos um interesse em divulgar uma antropologia mais voltada para a cultura material de grupos sociais, como aqueles afrodescendentes e indígenas, como os textos de Domingos Olímpio sobre cerâmicas pré-históricas e Domingos Carvalho sobre etnografia brasileira.<sup>185</sup>

Em um panorama geral, podemos notar que estas revistas valorizavam o seu caráter mais generalista, ao falar de filosofia, religião, ocultismo e também de oceanografia, botânica, ictiologia. Certamente, se pensarmos que neste contexto há uma especialização da atividade intelectual, em especial aquela com interface com os saberes científicos, é curioso notar a escolha por intelectuais de “dentro” do campo científico para falar a seus leitores que consumiam uma publicação intelectual nos moldes clássicos, versando sobre tudo que envolvia o mundo social e natural como forma de ilustração.

---

<sup>184</sup> É o caso do artigo, já citado, de Abreu Fialho sobre os mosquitos, publicado na revista **Renascença**, em 1904.

<sup>185</sup> OLÍMPIO, Domingos. Cerâmicas pré-históricas: vasos silvadores do Peru. **Kósmos**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 7, p. 27-31, jul. 1905. CARVALHO, Domingos Sérgio de. Etnografia brasileira: os indígenas apiacás. **Kósmos**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 3, p. 12-19, mar. 1906.

Apesar da gama de intelectuais com caráter mais generalista, que valorizavam a oratória política, a filosofia, o estudo das línguas, da história, das ciências, entendendo o conhecimento de vários ramos do saber como essencial à formação de um homem de letras – e esse perfil ter impregnado a proposta das revistas –, o intelectual convocado a falar de ciências foi aquele de perfil especializado.

Assim, em contexto em que a cultura enciclopédica e generalista passa a ser vista como inútil e frívola, concomitante com a emergência do cientista, os produtores das três revistas continuam considerando que este perfil poderia conferir um status distinto aos seus leitores: como pessoas cultas, que poderiam conversar sobre os mais variados assuntos. Desta forma, a divulgação das ciências nestas revistas teve caráter de missão/dever, sensibilidade comum àqueles que seguiam principalmente o positivismo, mas, sobretudo, de apoio a um perfil intelectual já em decadência.

Fonseca e Oliveira<sup>186</sup>, em análise da cultura científica como uma produção histórica, apontam que no cenário intelectual do século XIX e XX, houve embates entre aqueles que defendiam uma formação humanista, como forma de compreensão de si e da sociedade, e aqueles que consideravam importante uma educação científica, como forma de desenvolvimento de capacidades intelectuais voltadas para o raciocínio lógico e observação do mundo natural. Mas também havia aqueles que defendiam a importância de conjugar ambas as formações, humanística e científica, como o caminho ideal para produzir uma dita ‘cultura geral’, perspectiva associada à emergência e fortalecimento da literatura de divulgação científica e presença de cientistas nos jornais diários e revistas.

É provável que mais do que defender um perfil intelectual, estas revistas defendessem uma dita “cultura geral”, resistindo à ideia de especialização e optando pela formação intelectual que passava, indubitavelmente, pelos campos científico, literário e artístico, não esquecendo da filosofia, do direito e informações do seu cotidiano sociocultural.

Retornando à questão dos mediadores, a supremacia dos *homens de ciência* na divulgação científica nestas revistas contrasta com a tendência internacional, onde seus editores foram buscar inspirações editoriais, de contar com a grande atuação dos jornalistas nesta atividade. Segundo Broks<sup>187</sup>, sobre o panorama da divulgação científica na Inglaterra entre a era vitoriana e a eduardiana, aponta que os próprios editores das revistas voltadas para divulgação da ciência às famílias britânicas consideravam vital empregar quem não sabia

---

<sup>186</sup> FONSECA, Marina Assis; OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de. Variações sobre a “cultura científica” em quatro autores brasileiros. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.22, n.2, p. 445-459, abr.-jun. 2015.

<sup>187</sup> *Op.cit.*

sobre assuntos científicos, no lugar de experts, uma vez que consideravam que o especialista perdia de vista as deficiências do público e excluía pontos importantes essenciais para que o leitor compreendesse o que era veiculado.

O fato destas revistas optarem por selecionar um mediador do próprio campo científico nos expõe o interesse dos editores e colaboradores em conformar um prestígio social em torno da prática, da produção e do ator científico, seja ele institucional ou individual. É necessário lembrar que a própria atuação dos cientistas na criação de um espaço público para a ciência, no cenário latino-americano do século XIX, objetivou estabelecer uma cultura científica que preservasse uma memória e tradição da ciência local, alinhando a prática divulgadora ao seu cenário político-cultural e buscando configurar uma maior participação do cientista na vida cultural nacional. Conforme nos aponta Cabrera,<sup>188</sup> tais metas foram possíveis principalmente por vias da participação de cientistas em revistas denominadas de “ciências e letras”, onde se compartilha o propósito de expor aos povos civilizados o nível de adiantamento das ciências e das letras nacionais.

Assim, a presença massiva de cientistas nas seções de divulgação científicas das revistas *Kósmos*, *Renascença* e *Século XX* se justifica, quando entendemos tal postura como algo relacionado à própria natureza das revistas de cultura geral em valorizar um elitismo acadêmico.

### 2.2.3. *Em busca dos leitores*

Conforme dito na introdução deste capítulo, o interlocutor das ações divulgadoras tem assumido centralidade nos estudos sobre a mediação da ciência para público não especializado, no intuito de entender como uma determinada cultura científica é disseminada e apreendida para um grupo específico, e como os saberes científicos são significados por seus leitores à luz dos seus próprios reportórios culturais.

No entanto, nos estudos históricos sobre a imprensa, um dos principais óbices na análise do público leitor de um determinado periódico é a recorrente falta de informações precisas. Normalmente, para delinear o consumidor das publicações, dando-lhe uma identidade mesmo que genérica e delineando um perfil mesmo que amplo, as informações indicadas pela própria fonte, em especial aquelas seções onde o leitor era instigado a participar, se configuram como caminhos possíveis para refletir sobre os interlocutores.

---

<sup>188</sup> *Op.cit.*

Vergara aponta que a definição do público é uma problemática para quem se debruça sobre esta questão no Brasil, esbarrando na falta de documentação que permita defini-lo. Entretanto, a mesma historiadora apresenta uma possibilidade interessante para recuperar esse leitor do passado: pensa-lo a partir de uma análise social do contexto.<sup>189</sup>

Desta forma, tendo em vista que as revistas aqui analisadas não dispunham de seção de cartas ou publicavam a reação do público sobre o projeto editorial – com exceção da apreciação da imprensa quando houve o lançamento das publicações, conforme apresentado no capítulo anterior – nos resta chegar a este leitor das revistas *Kósmos*, *Século XX* e *Renascença* a partir de indícios das próprias publicações e informações históricas sobre o público leitor da época.

Evidentemente que não nos debruçaremos de forma pormenorizada sobre a composição do público leitor da primeira década do século XX, que já foi muito bem abordado por pesquisadores brasileiros do campo da história da leitura e da imprensa<sup>190</sup>, e outros. Mas, devemos ressaltar alguns pontos essenciais.

Conforme informações do recenseamento de 1906, aproximadamente 48% da população carioca<sup>191</sup> era analfabeta, representando 43% da população masculina e 54% da população feminina. Apesar de configurar a maior população letrada do país, fruto do desenvolvimento da cultura letrada no Rio de Janeiro a partir de 1870 e expansão e reforma das instituições e atividades voltadas para a instrução, a cultura e a leitura, ainda assim tais índices são argumentos apresentados por literatos para justificar o baixo consumo de publicações impressas, e conseqüentemente o baixo desenvolvimento do mercado editorial do país, e argumento nos discursos favoráveis à necessidade de ampliar a instrução pública no país.

Outro ponto importante é a necessidade de desconstruir o próprio perfil do leitor entre meados do século XIX e início do XX no Brasil. Pesquisadores que abordaram a história da leitura e da imprensa apontam que para além da ideia de que o público leitor desse período era apenas conformado por homens integrantes das classes mais altas, esse universo é mais diversificado. É certo que este era o maior grupo, entretanto não podemos esquecer a classe

<sup>189</sup> VERGARA. A Revista Brasileira. *Op.cit.*

<sup>190</sup> EL FAR. Páginas de sensação. *Op.cit.* BARBOSA. Marialva. Leitores e leitoras dos jornais do Rio de Janeiro no início do século. *Intexto*, Porto Alegre, v. 1, n. 3, p. 1-14, jan.-jul. 1998.

<sup>191</sup> Aqui consideramos apenas os dados referentes à Capital, mesmo tendo em vista que as revistas eram distribuídas nas principais cidades do país. Tal decisão se embasa por considerar que toda a revista é pensada à luz da cidade do Rio de Janeiro, especialmente a ideia de público que estas revistas projetavam em seus projetos editoriais. BRASIL. Recenseamento... *op.cit.* BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. **Recenseamento do Rio de Janeiro (Districto Federal) realizado em 20 de setembro de 1906**. Rio de Janeiro: Oficina da Estatística, 1907.

trabalhadora, mulheres e crianças, que passaram a ser identificados como potenciais consumidores de publicações impressas dentro de uma nova lógica do mercado de edições e publicações.

Alexandro Paixão<sup>192</sup> em sua análise sobre hábitos de leitura e perfil dos sócios do Gabinete Português de Leitura, em meados do século XIX, evidencia a existência de um grupo de leitores não oriundos da classe alta, mais sim da incipiente classe média, em especial emigrados de Portugal entre 1830 e 1850, profissionais do segmento comercial, em especial caixeiros. Em sua análise fica evidente que experiências de leitura foram sentidas nos diferentes estratos sociais, evidenciando perfis de leitores, que não acessavam aos restritos espaços coletivos de opinião pública do Rio de Janeiro, mais ainda assim se conformaram como um público consumidor de impressos, especialmente a partir de sociabilidades institucionais, como os órgãos de apoio mútuo e familiares.

Marialva Barbosa em seu estudo sobre os leitores dos jornais diários do Rio de Janeiro reforça que não apenas as classes dirigentes tinham acesso à leitura, e indica que empregados do comércio, ambulantes, vendedores, funcionários públicos, mulheres, presidiários e crianças também eram o público leitor do Rio de Janeiro, podendo se dividirem entre leitores esporádicos ou habituais. Assim como a prática da leitura não se limitava ao espaço privado, era feita em locais públicos também, desde bondes a umbrais de janela. Poderia ser um evento em família, após as refeições, e também em outros espaços, como cafés e confeitarias.<sup>193</sup>

Assim, quando pensamos nos leitores das revistas *Kósmos*, *Renascença* e *Século XX* conseguimos delinear o seu perfil, de acordo com algumas projeções que as próprias revistas faziam do seu público.

Diante do que foi exposto sobre o custo das revistas, fica claro que esta era mais consumida pelos leitores com maior poder aquisitivo. Em linhas gerais, podemos afirmar que a expectativa era que o leitor das três publicações deveria ser culto, ter instrução formal, com certo interesse enciclopédico, sem a necessidade de uma formação especializada. Como Cruz<sup>194</sup> aponta sobre as revistas paulista que veiculavam ciência entre o século XIX e século XX, mas que também pode ser utilizada em nosso caso, esta tipologia de revistas não era destinada a todo público leitor interessado em ciências, mas sim a um leitor que se interessa, lê e discute ciência.

---

<sup>192</sup> PAIXÃO, Alexandro Henrique. Um público para a literatura oitocentista no Brasil: o exemplo dos emigrantes portugueses no Rio de Janeiro em 1860. **Revista Escritos**, ano 5, n. 5, p. 95-120, 2011.

<sup>193</sup> MARIALVA. Leitores e leituras... *op.cit.*

<sup>194</sup> CRUZ, Heloísa de Faria. As revistas científicas: espaço do debate público da academia paulista no final do século XIX e início do XX. In: ALMEIDA, Martha; VERGARA, Moema Rezende. **Ciência, história e historiografia**. Rio de Janeiro: MAST, 2008. P. 267-276.



Mesmo após apontar que estas revistas circulavam entre os próprios intelectuais que a produziam, também consideramos que este público era um pouco maior ao nos determos na própria organização interna dos periódicos: veiculação de literatura infantil e moda feminina, pela *Século XX*; práticas de higiene para profissionais liberais, jogos e partituras de música pela *Renascença*; concursos de beleza infantil e romances seriados nas páginas da *Kósmos*.

Como foi apresentado acima, os assuntos e a linguagem utilizada pelas revistas pressupõem um leitor que conhece, mesmo que de forma elementar, a ciência. Porém, o que nos chama atenção é como as três revistas determinam que tais conteúdos são essencialmente do interesse masculino. Mesmo *Renascença* e *Século XX*, com perfil mais comercial que *Kósmos*, consideram que determinados assuntos são mais da alçada do leitor do que da leitora, como por exemplo as crônicas musicais de Iwan D'Hunac foram sempre iniciadas com “leitora”, indicando diretamente para quem se destinava a seção musical e as reproduções de partituras.

É importante apontar que tais pressupostos não são particulares a estas revistas e tampouco a este momento. Uma evidência deste ponto é o programa manifesto da primeira fase da revista *Ilustração Brasileira* que indicava que a literatura, brasileira e portuguesa, e as notáveis criações das ciências e da indústria eram publicados para o interesse e curiosidade dos leitores, mas que as mulheres e crianças não seriam negligenciados, visto que o magazine veicularia amplas seções de esportes e modas femininas e infantis.<sup>195</sup>

Entretanto, a despeito do que os editores e colaboradores destas revistas consideravam, as mulheres eram consumidoras de assuntos científicos e provocaram uma grande surpresa ao cronista da revista *Kósmos*, Olavo Bilac, quando este admirou-se com a grande participação das mulheres nos eventos do Terceiro Congresso Latino-Americano, em 1905. Tal constatação provocou uma mudança de postura do cronista, de forma que este, na edição seguinte, faz o seguinte comentário:

*Foi um mês de suave poesia, para todos os cariocas, o mês de agosto: opera-lírica na Guarda-Velha, festa da Maternidade no Passeio Público, festa das flores no Jardim Botânico, bailes no Cassino, banquetes no S. Pedro de Alcântara, discursos eloquentíssimos celebrando a Paz e cantando a Fraternidade Universal, conferências literárias no Instituto Nacional de Música – e tudo isso animado pela presença e pela concorrência de uma vasta e entontecedora multidão de senhoras formosas, -- entre as quais te vi muitas vezes, linda assinante da Kósmos que neste momento me estás lendo...<sup>196</sup>*

À luz da historiografia, pode-se afirmar que as mulheres se constituíram, especialmente a partir de meados do século XIX, como um público leitor interessante para o

<sup>195</sup> [Programa manifesto]. *Ilustração Brasileira*, ano 1, n. 1, p. 4, 1901.

<sup>196</sup> BILAC, O. Crônica. *Kósmos*, ano 2, n. 8, p. 7, ago. 1905.

mercado editorial.<sup>197</sup> No caso brasileiro, podemos notar o aumento de publicações voltadas para o público feminino, principalmente no formato de revistas, algumas delas produzidas pelas próprias mulheres, em que a divulgação científica era empreendida com vistas a melhor formação das mães.<sup>198</sup>

Assim, quando *Kósmos*, e os demais periódicos, determinam o que é de interesse específico do leitor e da leitora, reforça a lógica da leitura “vigiada” para alguns grupos, conforme Heller aponta ao tratar da leitora brasileira entre o século XIX e início do século XX. Nesta lógica historicamente situada, as mulheres, principalmente aquelas oriundas das classes mais abastadas, deveriam ser educadas o suficiente para ler os livros de reza, saber as primeiras letras e as principais operações matemáticas tendo em vista a educação dos filhos. Sua leitura era vigiada e controlada diante do temor que alguns textos poderiam impactar negativamente em sua formação moral e espiritual.<sup>199</sup>

A questão é que por mais que apenas dois anos depois de sua circulação *Kósmos* tenha atentado para o fato de que as mulheres também integravam sua rede de leitores não impactou na proposta editorial e, tampouco, provocou uma mudança de postura. As mulheres continuaram não integrando a sua lista de colaboradores e não houve a criação de uma seção específica para elas ou conteúdos análogos ao que já circulavam na imprensa, que entendia que para o público feminino, e outros, a divulgação científica era apresentada de uma forma eminentemente pedagógica, tendo como interesse final a disseminação de informações técnico-científicas no seio da família, como é o caso de *Leitura para Todos*.

De qualquer forma, cabe aqui reforçar que a partir da análise, o público das três revistas de cultura geral era conformado por homens e mulheres das classes mais abastadas, com instrução formal e interesses enciclopédicos.

<sup>197</sup> MOLLIER, *op.cit.* HELLER, Barbara. Vossas filhas sabem ler? In: CONGRESSO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande, MS. *Anais...* Campo Grande: INTERCOM, 2001. 17 p.

<sup>198</sup> Em pesquisa realizada a nível de iniciação científica pela autora desta dissertação, quando foi estudada a educação feminina no final do século XIX em periódicos feitos por e para mulheres -- como *O Echo das Damas* (1879-1888), a *Estação* (1879-1904) e o *Quinze de Novembro do Sexo Feminino* (1889-1890) -- foi identificado que as reivindicações por educação, incluindo aquela em ciências e de nível superior, eram consideradas justas, especialmente, como forma de normatizar conduta das mulheres enquanto mãe. Em trabalho de Karoline Carula (CARULA, Karoline. Carlos Costa e a Mãe de Família. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo, SP. *Anais eletrônicos...* São Paulo: ANPUH, 2011. 12 p.), a autora aponta a presença do discurso médico, em seções do periódico *A Mãe de Família*, com o intuito de instruir às mulheres sobre as melhores formas de cuidar dos seus filhos, contribuindo, assim, para o desenvolvimento físico dos futuros cidadãos. Nancy Tomes (*op.cit.*), em seu artigo sobre o lado privado da saúde pública, aponta a participação das mulheres na divulgação de práticas higiênicas, com base nas novas concepções de doença e contágio entre 1870 e 1900, a partir do movimento de reformadores sociais, como médicos-sanitaristas, em produzir impressos pedagógicos com vistas em uma ‘educação sanitária popular’, que auxiliariam no controle de doenças e índices de mortalidade.

<sup>199</sup> HELLER, *op.cit.*

Assim, o propósito deste capítulo foi identificar a mediação da ciência empreendida por *Kósmos*, *Século XX* e *Renascença* como uma prática em meio a outras experiências no cenário cultural carioca. Buscamos evidenciar que dentro de um movimento que prezava levar a ciência a todos, com grandes relações com a corrente positivista, estes magazines buscaram um público mais reduzido, instruído em ciências e elitizado, utilizando uma linguagem mais próxima à comunidade científica que à tradução proposta pela vulgarização.

Os assuntos arrolados e os divulgadores escolhidos pressupõem uma seleção criteriosa, de forma a criar um discurso em prol da ciência nacional, com um caráter propagandístico. Pode-se notar que nesta divulgação, um caráter enciclopédico e a preferência por determinados campos do saber ao mesmo tempo que revelam a relação destes periódicos com uma cultura de valorização da ciência, especialmente aquela de cunho positivista, sendo possível pensar a divulgação como uma prática ou missão deste grupo, esta acaba por veicular um perfil intelectual, calcado na ilustração, em declínio.

Cabe agora entender o universo de representações arroladas por estes magazines, buscando analisar como estas estabelecem um nexos entre um ideário de ciência, nação e modernidade.

### Capítulo 3 – A ciência e as representações sobre a nação

Olhando o conjunto de artigos que tratam sobre a ciência nas páginas das revistas *Kósmos*, *Renascença* e *Século XX*, percebe-se o interesse de seu grupo produtor de construir imagens sobre o campo científico, de forma a estabelecer uma relação intrínseca com uma noção de nação e modernidade, bem particulares ao contexto intelectual que estudamos.

Mais importante do que apresentar projetos de forma mais propositiva, as páginas destas revistas de cultura geral serviram a interesses institucionais, sejam aqueles do âmbito dos grupos aos quais os colaboradores estavam vinculados, sejam aqueles que permeavam o contexto social e intelectual, referenciando uma adesão a um ideário calcado na ideologia do progresso.

Estas revistas, no que diz respeito à ciência, apresentaram um discurso bastante convergente ao considera-la um caminho interessante para pensar o Brasil e apresenta-lo, ao seu público local e estrangeiro, como um país dotado dos pré-requisitos para estar no grande concerto das nações. Desta forma, identificamos algumas representações discursivas e imagéticas construídas em torno da ciência, suas atividades e seus atores, produzidas em torno de uma ideia de Brasil, refutando, assim, quaisquer entendimentos de que a divulgação científica empreendida por estes magazines era neutra de intenções.

As intenções eram múltiplas, porém as principais eram edificar prestígio e tradição de instituições e cientistas, concebendo que um campo científico imaginado como moderno era indispensável para criar uma imagem de Brasil. Dessa maneira, podemos notar que as narrativas em torno dos campos e instituições e atores científicos não se restringiam a falar de si próprios, mas, sobretudo, de discutir ideais de nação e povo e, em especial, difundir uma cultura científica em momento de complexificação do cenário intelectual brasileiro.

Neste capítulo, procuramos tratar as representações da ciência veiculadas pelas revistas *Kósmos*, *Renascença* e *Século XX*, passando pelas imagens sobre os cientistas e suas instituições; os grandes eventos em torno da ciência; como seus colaboradores imaginaram o Brasil da perspectiva do seu território e do seu povo, evidenciando, assim, uma cultura de valorização das ciências, especialmente aquela positivista que era cara aos produtores dos magazines.

### 3.1. *Os grandes espetáculos da ciência*

As exposições internacionais, universais e nacionais desde o século XIX permeavam as páginas dos jornais e o imaginário social brasileiro, devido ao grande entusiasmo que o Império e a República brasileira tratavam a participação do país nestes eventos. Diante da curiosidade pública em torno das formas que o país se faria ver aos olhos estrangeiros, inúmeras revistas procuraram acompanhar o processo de seleção de materiais e confecção dos projetos de pavilhões exibidos em exposições preparatórias produzidas pelos governos estaduais.

*Kósmos*, *Renascença* e *Século XX* não foram diferentes das demais publicações do momento. Além de acompanharem cada detalhe das participações do país nesses eventos internacionais, se colocaram, também, como um elemento a mais nesta divulgação do país, participando da seção industrial das Exposição de S. Louis e Milão, que tratavam das atividades gráficas, ganhando prêmios por seus projetos editoriais, conforme apresentamos no primeiro capítulo.

Não apenas as exposições internacionais, nacionais e preparatórias foram temas de interesse dessas páginas revisteiras. Houve uma preocupação em cobrir a atuação do país em quaisquer eventos em que o país passaria pelo crivo do olhar estrangeiro, especialmente aqueles que ocorriam na própria Capital, buscando colher argumentos que poderiam ser utilizados na defesa das ações do governo.

Durante a circulação destas revistas, os eventos detalhadamente acompanhados foram as preparações e participação das Exposições Universais de St. Louis (US, 1904) e Milão (IT, 1906); preparação e inauguração da Exposição Nacional de 1908; o Terceiro Congresso Científico Latino-Americano (1905) e o Congresso Pan-Americano (1906). Enquanto nos dois primeiros eventos citados a cobertura enfocou a forma como o Brasil se colocava para o mundo – criticando quaisquer ações que poderiam manchar a imagem nacional<sup>200</sup> -- nos demais o objetivo repousou nas formas como o país, mais precisamente sua Capital, após o início das obras de “regeneração”, poderia desconstruir as imagens negativas, principalmente aquelas de cunho sanitário, que os intelectuais e governantes consideravam como vexatórias para a nação.

---

<sup>200</sup> Em crônica, Olavo Bilac recrimina um grupo de brasileiros que tornaram pública a ideia de seguir para os Estados Unidos, para participar da Exposição de S. Louis, com, nada mais nada menos, que uma jangada. Segundo o cronista, a exibição de “bravura” destes rapazes, caso eles chegassem vivos ao destino final, faria um papel ridículo da nação perante os demais povos civilizados (BILAC, Olavo. Crônica. *Kósmos*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, p. 3-4, fev. 1904).

As exposições foram os eventos caros para essas publicações. Pode-se notar que os próprios magazines buscaram interferir nas escolhas dos projetos estaduais mais habilitados para compor a comitiva brasileira, ao arrolar apenas os projetos de algumas províncias. No entanto, estas revistas reforçavam a participação massiva de todos os Estados, sublinhando um compromisso destes com a nação. E, é curioso observar que, para os magazines, o bom desenvolvimento dos projetos de participação nas exposições e sua plena execução, e sucesso, nos eventos preparatórios são tratados como evidências para classificar um estado como mais ou menos desenvolvido, como a exemplo da nota publicada em texto cobrindo os pavilhões de exposição do Estado do Paraná<sup>201</sup>.

Esta lógica não era particular às revistas, mas encontrava-se inscrita no próprio microcosmo das exposições. Conforme Bernadette Bensaude-Vincent<sup>202</sup> aponta, nestes eventos havia a afirmação de um desenvolvimento da civilização, a celebração do progresso e a tecnologia era alçada a um patamar de grande relevância, principalmente se pensada da perspectiva das grandiosas galerias, dos maquinários exibidos e dos shows que foram imortalizados em suas memórias, como por exemplo a iluminação do Palácio da Eletricidade na Exposição de Paris de 1900. A ciência e a tecnologia, conforme a autora afirma, apareciam nos discursos desses eventos, colocada como estratégica para o progresso científico e tecnológico nacional.

Para Neves<sup>203</sup>, este ideário das exposições, levado tão a sério pelo país, significava ensinar a nova ordem regida pelos valores de progresso, modernidade e civilização, buscando equiparar-se à Europa na mesma medida em que se distanciava do atraso colonial. Esta concepção evidencia expectativas acerca do progresso produzidas tanto para aqueles que conhecem a exposição tête-à-tête ou tomam conhecimento dela a partir da imprensa.

Desta forma, era de vital importância para a imprensa reconstruir em suas páginas a atmosfera modernizante das exposições, fazendo os seus leitores participarem, mesmo que apenas por vias da leitura, dos projetos produzidos pelos estados, a admirar a beleza arquitetônica das galerias e a diversidade da flora e da fauna brasileira que seriam expostos em terras e a olhos estrangeiros. *Kósmos*, *Renascença* e *Século XX* reproduziram fotos dos pavilhões montados e decorados, os números da comitiva brasileira e comemoraram os pontos que o Brasil se sobressai perante as demais nações, como por exemplo o fato de ter o maior pavilhão na Exposição de S. Louis, reforçando que tal imagem revelaria aos olhos do mundo

---

<sup>201</sup> NASCIMENTO, Domingos. Estado do Paraná: exposição preparatória de S. Louis. *Kósmos*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 3, p. 22-25, mar. 1904.

<sup>202</sup> A historical perspective... *Op.cit.*

<sup>203</sup> NEVES. Vitrines do progresso. *Op.cit.*

o nível de progresso e a prosperidade material do Brasil, “aquela República sul-americana”<sup>204</sup>. Em outro texto, o autor apresenta, com regozijo, o fato do pavilhão nacional atrair a atenção geral de todos os expectadores e dos periódicos estrangeiros, devido a utilização de 1134 lâmpadas elétricas e de uma mobília marcada pelo bom gosto e pela distinção<sup>205</sup> – elementos estes característicos de um discurso sobre a modernidade, calcado na dimensão estética, no consumo e nos elementos tecnológicos que adentravam a vida cotidiana<sup>206</sup>.

As revistas concediam à participação brasileira nas exposições um caráter oficial, de forma que era importante arrolar os cientistas responsáveis por cada seção, suas relações institucionais e o que cada comissão tinha selecionado para compor os pavilhões. Nas exposições universais podemos notar uma preferência por aqueles produtos com caráter mais comercial, como por exemplo a escolha por coleção de madeiras – especialmente aquelas com tamanhos impressionantes --, e espécimes que representassem a diversidade da flora brasileira.

A valorização dos produtos nacionais de origem industrial por parte das revistas revela um olhar bastante depreciativo para aquelas produções mais artesanais. A indústria, em seus discursos, representava a materialização do progresso nacional, enquanto o artesanato era interpretado como algo que remetia a uma identidade muito pejorativa do Brasil, produtos fruto de uma “ociosidade malandra”<sup>207</sup>.

Apesar destas ‘imagens de Brasil’ construídas para as exposições fossem entendidas por alguns intelectuais como um quadro fantasioso, aéreo e encomendado pelo governo<sup>208</sup>, ainda assim foi valorizado por estas revistas pelo ideário que este evento trazia consigo, caros a suas propostas editoriais de acompanharem o “renascimento” e a “regeneração” material e moral do país.

Estas arenas pacíficas<sup>209</sup>, apresentaram uma visão otimista da modernidade, diluindo conflitos, impondo valores de progresso e civilização à luz de uma lógica econômica

---

<sup>204</sup> Note-se, nesta citação, o interesse do autor de reforçar a questão do regime político brasileiro – não mais um império, mas sim uma república. -- O PAVILHÃO brasileiro será o maior dentre todos os estrangeiros. **Kósmos**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, p. 21, fev. 1904.

<sup>205</sup> CARVALHO, José Carlos. Exposição de S. Louis. **Kósmos**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 6, p. 17-23, jun. 1904.

<sup>206</sup> Conforme nos aponta Francisco Foot Hardman (HARDMAN, Francisco Foot. Trem-fantasma: a ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva. São Paulo: Cia das Letras, 1988), as exposições eram espaços de “exibicionismo burguês”, evidenciando um otimismo progressista presente na sociedade burguesa em formação. Para Benjamin (*op.cit.*), as exposições universais deveriam ser entendidas como centros de peregrinação para fetiche-mercadoria. Segundo o autor, as exposições universais e a indústria do entretenimento elevaram o lazer e alguns produtos à condição de mercadorias, conformando um culto ao fetiche e à mercadoria.

<sup>207</sup> CARVALHO, José. *Ibidem*.

<sup>208</sup> ROMERO, S. O Brasil social: estudo de etno-psicologia. **Século XX**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 5, p. 9-14, fev. 1906.

<sup>209</sup> NEVES, *op.cit.*

internacional, dentro de um espaço pensado para se destinar a um lazer didático e urbano. No âmbito das revistas estudadas, a Exposição Nacional de 1908 recebe justamente este caráter didático e de entretenimento, porém, o que nos chama atenção nos textos arrolados pelos periódicos, especialmente aqueles intitulados “Crônicas fotográficas”, nota-se tanto o vínculo deste evento com a ideia de uma celebração do grande projeto de modernização e progresso do país, quanto na possibilidade deste conformar mentes, principalmente daqueles que não faziam parte da elite, em torno do ideal de civilização.

Diferentemente das exposições, nos congressos cobertos pelas revistas buscou-se abordar as sociabilidades em torno da ciência e seus grandes vultos em atuação. Este enfoque foi tão expressivo que após a leitura das edições, fica difícil apontar o que, realmente, foi discutido nas seções. O que foi legado pelos magazines foram as informações mais gerais, tais como as seções, seus delegados e as instituições responsáveis por receber cada comitiva.

Inúmeras fotos foram veiculadas, principalmente dos institutos, os eventos oficiais, como sessões e jantares solenes, e os momentos de lazer das comitivas, especialmente aqueles ocorridos em pontos criteriosamente escolhidos para causar boa impressão: Petrópolis, Alto da Boa-Vista e Floresta Tijuca, local do grande e refinado piquenique que reuniu as comitivas e evidenciou, para surpresa do cronista conforme já discutimos, a presença feminina em um evento de ciências.

Como o colaborador responsável por cobrir o evento nos aponta, as visitas aos institutos de ensino e pesquisa foram aquelas que mais envaideceram os organizadores, devido ao retorno positivo que tiveram das comitivas estrangeiras. Neste artigo o autor, assim como apontado acima sobre as exposições, classifica que as instituições científicas apresentadas eram os locais ideais para que os convidados conhecessem a capacidade intelectual do brasileiro, tendo uma noção “mais perfeita do progresso e da feição íntima” do Brasil. É interessante notar neste texto, o autor atribuir ao congresso a mesma áurea pacífica, de relação diplomática das diferentes nações, construindo o espaço da ciência como a instância possível para as relações diplomáticas e para a cooperação de ideias a nível internacional. No caso brasileiro, este seria o momento para demarcar o lugar do país no cenário global.<sup>210</sup>

Esta tônica esteve presente nos demais eventos de caráter ou destaque internacional, evidenciando um caráter propagandístico destas revistas, ao se colocarem como missão contribuir para a mudança da imagem do país no exterior e auxiliar à nação em ocupar o posto

---

<sup>210</sup> L. Congresso Latino-Americano. *Kósmos*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 8, p. 11-12, ago. 1904



que consideravam condizente com o Brasil, principalmente levando em consideração sua “grandeza”, conforme ilustra o texto de Joaquim Vianna.

O Brasil, felizmente, vae assumir uma atitude brilhante, graças aos seus atuais esforços de progredir materialmente, cuidando também das suas relações internacionais, tão ineptamente descuidadas, por vezes. Na Conferência irá naturalmente concorrer para a cessação das hostilidades latentes, para o esquecimento de passados mal-entendidos, podendo falar com a certeza de que a sua palavra alguma cousa valerá nessa grande assembleia em que a América assentará talvez, os mais belos e fortes alicerces de sua grandeza futura. Cessando entre nós a despreocupação das questões americanas, principalmente daquelas que nos dizem mais de perto, retomaremos cedo a nossa posição perdida, em que tanto bem fizemos à ordem e à liberdade, na América do Sul, pela ação tenaz e clarividente da nossa diplomacia, que se impunha ao respeito, a simpatia, a veneração de todos os verdadeiros amigos da paz na América e na Europa. A letargia, tão nefasta ao nosso prestígio e ás nossas conveniências, passou. O Brasil se vigoriza, na sua política interna, pela disciplina social, proveniente da compreensão inteligente dos melhoramentos realizados, em execução, ou em projeto. A sua política interna se estabiliza, pela decisiva vitória da lei sobre periódicas, esparsas e insignificantes insurreições<sup>211</sup>.

Assim, por fim, cabe apontar que dentro de um contexto imperialista, não só a adesão a um ideal de modernidade e civilização foi preocupação das revistas, mas também o desejo de colocar o país em posição de protagonismo regional. O argumento para este protagonismo perpassou também o campo científico, principalmente no que diz respeito à apresentação de uma ciência forte, coesa e articuladora de projetos para a nação.

### 3.2. *Imagens de um grupo seletivo: os homens de ciência e suas instituições*

Dentre os textos analisados, destacamos aqui aqueles que apresentavam as instituições nacionais de ciências e aqueles atores sociais vinculados ao universo científico. Entendemos que nestas revistas, *vitrines das ciências*, o interesse em construir uma memória a partir da exaltação de algumas personalidades teve como principais objetivos conformar uma tradição para a ciência nacional e afirma-la como integrante ativa dentro de um quadro científico internacional. Assim, ao criar um panteão com os pioneiros dos campos científicos nacionais, dando especial enfoque para aqueles cientistas estrangeiros que seriam seus patronos, e apresentar as instituições em atuação, não se esquecendo de mencionar o seu nível de modernização, as revistas colocam em evidencia o forte processo de institucionalização e profissionalização deste campo no cenário brasileiro. Há, desta forma, o estabelecimento dos institutos, museus e laboratórios arrolados em suas páginas como os espaços por excelência para a prática científica.

---

<sup>211</sup> VIANNA, Joaquim. Conferência Pan-Americana. **Século XX**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 10, p. 25-29, jul. 1906.

Mais do que qualquer outro conjunto de textos que foram publicados nas revistas *Renascença*, *Século XX* e *Kósmos*, a divulgação científica que abordava o estado-da-arte das instituições nacionais e a biografia de expoentes científicos coloca em evidencia o interesse não só de editores, mas também dos próprios cientistas, de fazerem-se ver – dentro dos seus laboratórios, lendo em suas bibliotecas, ensinado a jovens pupilos – buscando conformar uma opinião favorável sobre suas ações, tendo em vista um prestígio social que o espaço público dos jornais e revistas poderiam ajudar a conformar.

Assim, a escolha pela representação formal e oficial denotou uma encenação destes atores e seus espaços, de forma a passar a ideia de rigor, formalidade, seriedade, autoridade e importância, que deveria ser típica às almas ilustradas, conforme a foto que segue, da comissão responsável pelo Terceiro Congresso Científico (Imagem 3). No caso das sedes das ciências, a suntuosidade dos edifícios em bulevares, ou os enquadramentos dos seus interiores – bibliotecas com as paredes tomadas de livros, os laboratórios equipados com curiosos maquinários, os gabinetes cheios de espécime – passaram a noção de ambiente modernizado e, ao mesmo tempo, pulsante em atividade.

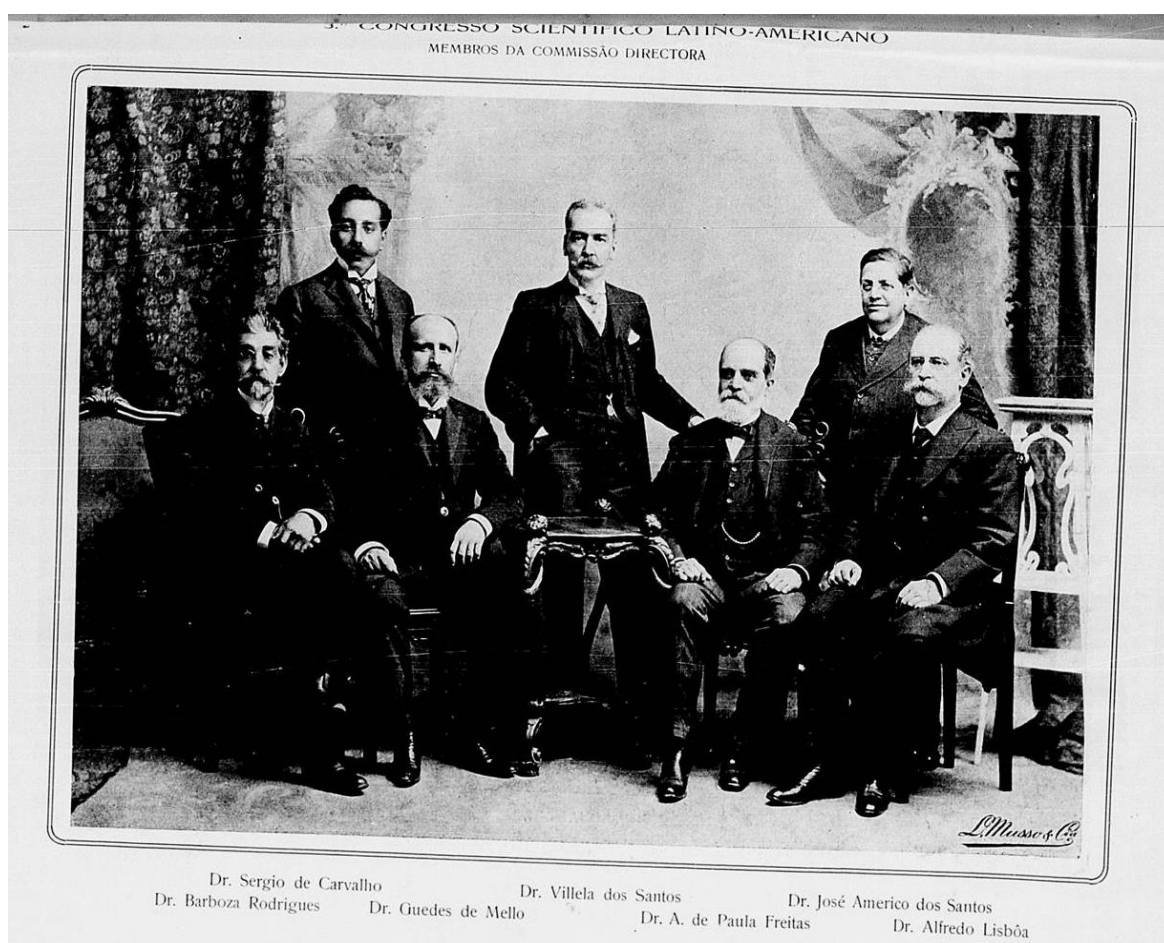


Imagem 3: *Kósmos*, ano 2, n. 7, p. 22, jul. 1904.

Além das representações fotográficas, há a estratégia discursiva dos textos que tratam sobre instituições científicas e seus cientistas. No caso dos *homens de ciência*, nos mesmo moldes que os tons enaltecidos destinados aos literatos, principalmente aqueles sob a chancela da Academia Brasileira de Letras, os cientistas foram representados de forma a preconizar um caráter dito superior e missionário, empregando expressões como “eminente cientista”, “nobre paladino”, “nobre inteligência disciplinada”, interessado no “engrandecimento da instituição científica”.

Sendo retratados de tal forma e, no caso das instituições, o interesse em apresentá-las como modernas, pulsantes e necessárias, percebemos mais claramente que estas revistas estão sob a égide de uma ideologia de progresso e modernização, que necessariamente passou pela representação de uma ciência de caráter nacional com facetas que habilitavam o país a integrar o grande concerto das nações ocidentais.

As revistas abordaram diferentes instituições científicas nacionais, desde as mais tradicionais como o Museu Nacional e as Faculdade de Medicinas, aos institutos recém-criados, preferindo, visivelmente, aqueles de âmbito educacional e vinculados à área biomédica. Apesar de grande destaque às ações dos engenheiros, foi sentida a falta de artigos dedicados a cobrir as atividades de instituições relacionadas a este campo do saber, como a Escola Politécnica e o Clube Militar, em especial a este último por participar de algumas expedições para expansão de redes telegráficas no interior do Brasil e discussão em torno da atualização da Carta Geral do Brasil.<sup>212</sup>

Nos textos sobre as instituições é possível identificar um padrão na apresentação textual: primeiro, um histórico bem factual, mesmo que breve, arrolando seus mais notórios vultos; depois o estado-da-arte das instalações, dos equipamentos, dos estudos, tudo documentado, também, por fotografias. Dentre os artigos consultados, notamos que aqueles veiculados foram os que estavam em processo de reformulação ou reforma das suas instalações físicas, que foram utilizados como argumento para construir uma áurea de modernidade em torno das instituições.

Neste ponto, podemos citar o exemplo do texto sobre a Faculdade de Medicina da Bahia: apesar de se tratar de uma instituição quase centenária, o artigo inicia o seu percurso em 1901, momento que o autor chama de “movimento de modernização” da faculdade,

---

<sup>212</sup> DUARTE, Rildo Borges. No céu o corpo da pátria: a elaboração da carta do Brasil ao milionésimo. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS E DA TECNOLOGIA, 13., 2012, São Paulo. *Anais...* São Paulo: USP, 2012.

suprindo-a com equipamentos e instalações necessários para ministrar uma “medicina moderna”.<sup>213</sup>

A ideia de modernidade, necessariamente, passava pela reforma de seus ambientes. Porém, acompanhando o relato dos professores responsáveis pelo artigo, fica evidente o interesse de caracterizar a instituição como provida de instalações condizentes com a imagem social que valorizava a dimensão mais material, e menos abstrata, da modernidade, expressa, sobretudo, em seu espaço físico, como por exemplo na implantação de sistema de água e luz elétrica.

Infelizmente não temos informações mais precisas sobre como as sensibilidades modernas estavam presentes no cotidiano da faculdade no que diz respeito a prática científica propriamente dita. Mas à luz do nosso objetivo, que é entender as formas de divulgação destas revistas, percebemos que em meio às referências de caráter mais genérico foram arroladas informações importantes que nos permitem depreender que, na concepção destes magazines, as instituições científicas modernas e de prestígio deveriam dispor, basicamente, de laboratórios bem equipados, um vínculo visível com as correntes científicas internacionais (salas com nomes de expoentes de um determinado campo do saber), utilização de técnicas e instrumentos contemporâneos, e um corpo científico de qualidade.<sup>214</sup>

O objetivo da grande reforma para modernização da Faculdade visava, segundo os colaboradores, criar condições para formar um profissional dito moderno em medicina, e como os autores apresentam: “[...] não é lícito duvidar que também a Faculdade da Bahia acompanha o progresso hodierno, em seu passo estugado, com a firmeza de convicção de seu real valor, apercebendo-se de todos os meios de luta em prol da ciência que professa e disposta a contribuir, na medida de seu esforço, em bem da expansão progressiva da Medicina Brasileira”.<sup>215</sup>

Este artigo, em tom de relato, mas sobretudo de defesa dos investimentos feitos, foi comum à maior parte desta categoria de texto. Aquelas que, a priori, não eram realizações ou mantidas por investimento público, o argumento fulcral estava em seu prestígio social. São os

---

<sup>213</sup> CIRCUNDES, A.; FRÓES, João A. G. A Faculdade de Medicina da Bahia. **Renascença**, Ano. 1, n. 9, p. 135-142, nov. 1904.

<sup>214</sup> Neste o artigo, o autor cita que a Faculdade de Medicina da Bahia dispunha de inúmeros laboratórios, incluindo aqueles voltados para a prática da anatomia patológica e bacteriológica. Estava em vias de publicação as memórias da instituição e a construção de um panteão para seus alunos e professores mais famosos. Assim como, o investimento em instrumentos e aparelhos: 50 contos de réis, divididas entre os gabinetes de pesquisas clínicas e as atividades de operações assépticas, que contemplou o estabelecimento de um serviço de fotografia médica (com atelier), aparelhos de estudos radioscópicos e radiográficos, aplicações de fototerapia, *franklinização*, e um projetor cinematográfico (CIRCUNDES; FRÓES; *ibidem*).

<sup>215</sup> *Ibidem*, p. 142.

casos do artigo sobre a Santa Casa de Misericórdia, construída como um reconhecido espaço para a prática médica e assistência, e sobre a Academia Nacional de Medicina, onde foi reforçado o seu caráter associativo e coletivo, inscrita como uma criação fruto de reconhecidos médicos que convergiam na necessidade de dispor de um espaço para o “adiantamento e disseminação das ciências médicas no país”, com a finalidade de aperfeiçoar a saúde pública e assistências gratuita aos doentes destituídos de posses<sup>216</sup>. Como o autor complementa acerca do prestígio da instituição: “com o favor oficial de que goza, a Academia conquistou honrosíssimo conceito e posição no nosso meio. São acatados e respeitados os seus arestos. Foi muitas vezes consultada como árbitro nos certames em que pleiteava a saúde pública, e outros tantos adiantou-se ela em propor ao governo a necessária medida”.<sup>217</sup>

Um caso particular nos chama a atenção, por não se tratar, necessariamente de uma instituição nacional, mas sim da atuação de um órgão estrangeiro junto à comunidade científica local. O artigo que trata da *Missão Pasteur* dá um especial enfoque à relação colaborativa no campo da pesquisa médica, salientando a atuação dos cientistas nacionais junto à missão francesa.<sup>218</sup>

Esta missão, iniciada em 1901 com o envio de uma equipe de médicos franceses oriundos do famoso Institut Pasteur, chegou ao Brasil, mas precisamente Rio de Janeiro, no intuito de estudar a febre amarela, sob o argumento que esta moléstia afetava as relações comerciais entre ambos os países. O objetivo principal era confirmar a chamada “teoria americana”, divulgada pela Comissão Militar Americana em Havana, de que o vírus da doença era transmitido por intermédio de um mosquito específico.<sup>219</sup> A Capital Federal seria o laboratório a céu aberto que ajudaria a verificar esta teoria pela comissão médica francesa, conforme Benchimol e Silva apontam.<sup>220</sup>

No entanto, tão importante quanto a validação de uma teoria, Seidl considerou que as trocas entre Brasil e França, principalmente por ele próprio se tratar do representante oficial

<sup>216</sup> FIALHO, Abreu. Academia Nacional de Medicina. **Renascença**, ano 2, n. 12, p. 82-87, fev. 1905.

<sup>217</sup> *Idem*.

<sup>218</sup> SEIDL, Carlos. A missão Pasteur. **Renascença**, ano 2, n. 14, p. 166-172, abr. 1905.

<sup>219</sup> Segundo Benchimol e Silva (2008) acerca da febre amarela, esta doença, na virada do século XIX e para o XX, configurou-se como preocupação central nos estudos de entomologia médica, dentro do campo da medicina tropical de cunho mansoniano. A comissão científico-militar americana em Cuba havia confirmado a hipótese de Carlos Juan Finlay, de que a transmissão da doença se dava por culicídeos, criando assim a chamada “teoria havanesa”. Os autores citam que o mosquito como agentes de propagação da doença foi uma temática presente nos principais debates médicos brasileiros no início do século XX, como por exemplo no 5º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia (1903) em que a forma de transmissão da febre amarela gerou tensões entre dois grupos de médicos: aqueles “exclusivistas”, liderados por Oswaldo Cruz, e aqueles “não convencidos” de que a doença era transmitida por um mosquito.

<sup>220</sup> BENCHIMOL, Jaime Larry; SILVA, André Felipe Cândido da. Ferrovias, doenças e medicina tropical no Brasil da Primeira República. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio Janeiro, v. 15, n. 3, p. 719-762, jul.-set. 2008.

do Governo Brasileiro junto à Missão Pasteur, era o legado útil para ambas as nações, com a troca de experiências, informações e materiais científicos. Para Carlos Seidl, a confirmação desta nova teoria devido a atuação do Instituto Pasteur, havia mudado a forma de profilaxia da febre amarela no país, oferecendo subsídios científicos para que as ações no campo da Saúde Pública, por parte de Oswaldo Cruz, fossem possíveis.

Mesmo que nas páginas destas revistas as ações de Oswaldo Cruz tenham sido fortemente criticadas pelos colaboradores vinculados à igreja positivista<sup>221</sup>, a imagem de Oswaldo Cruz é igualmente tratada com caráter missionário, “a serviço da nação”, que “honra a moderna geração médica”.

Apesar de não contar com o mesmo consenso que outros atores do campo científico contavam entre os colaboradores das revistas, ainda assim há um grande respeito por Oswaldo Cruz, mais por suas atividades como cientista do que por sua atuação junto à Diretoria Geral de Saúde Pública<sup>222</sup>.

Tornando a falar sobre a representação dos cientistas, podemos citar que, a exemplo do que expomos sobre Oswaldo Cruz, aquelas personagens científicas arroladas nas páginas das revistas foram relacionadas a uma ideia de tradição científica e, também, a uma necessidade inerente à ciência brasileira de construir uma memória sobre esses expoentes nacionais. É interessante notar que, se para o intelectual do campo literário a proposta sempre perpassa a edificação de um monumento, especialmente um busto que deveria ser fixado nos novos bulevares, no caso dos biógrafos dos campos das ciências, a proposta recai em estratégias de comunicação dos ensinamentos, principalmente na publicação da toda a sua obra, no intuito de reproduzi-las de forma mais duradoura para outras gerações.

Ao refletirmos sobre estes textos biográficos, principalmente em busca de possíveis justificativas de sua grande presença nos magazines analisados, inferimos que a intenção era,

<sup>221</sup> Após a Revolta da Vacina, alguns colaboradores da *Kósmos* e *Renascença*, especialmente aqueles que eram médicos, consideravam que as ações do Diretor de Saúde Pública à luz das interpretações positivas das moléstias, feria as liberdades dos indivíduos, ao destitui-los do poder de decidir sobre seu corpo, além de serem fruto do que se considerava uma irracionalidade em entender a origem das doenças como um evento patológico e não fruto de uma desarmonia entre corpo e meio social (ALVES, Sancho. Imunizações e imunidade. *Kósmos*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 8, p. 23-24, ago. 1904. CARVALHO, Reis. A religião e a medicina. *Kósmos*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 8, p. 15-19, ago. 1904).

<sup>222</sup> O que podemos apreender é que nestas revistas há uma separação, em especial na *Kósmos*, de Oswaldo Cruz como médico, reconhecido como excelente cientista, e o Diretor de Saúde Pública que impunha códigos sanitários e vacinação obrigatória, passível de fortes críticas. No caso do Oswaldo Cruz médico-sanitarista, Carlos Seidl em seu artigo sobre a *Missão Francesa*, complementa esta imagem respeitosa como uma menção a memórias do pai de Oswaldo Cruz, Bento Gonçalves Cruz, então seu chefe em 1892, onde este, em tom profético teria dito que: “o ideal de sua vida na educação científica do seu filho dileto, prestes a transpor os umbrais da carreira médica, era torná-lo proficiente em assuntos de bacteriologia e higiene, para poder um dia, melhor aparelhado que ele próprio, e coadjuvado pelos múltiplos elementos que faltara às gerações anteriores, vir a prestar, no posto que ele então ocupava serviços eficazes e duradouros ao Brasil, especialmente a esta Capital, então completamente decaída e apontada como a mais insalubre das décadas” (SEIDL, *ibidem*).

principalmente, demarcar a posição social deste ator, em detrimento de outros que atuavam no mesmo segmento, assim como reforçar uma ideia de grupo.

Podemos apontar que as efemérides e os textos biográficos ao arrolarem professores ou teóricos que serviram de suporte para o desenvolvimento das trajetórias profissionais dos cientistas, criam uma relação de pertencimento a um grupo, um nexos que insere aquele indivíduo na comunidade científica nacional, determinando seu papel e relevância dentro do campo. A notoriedade destes atores científicos sempre é demarcada com atributos que passam pelo domínio de um determinado saber, sobretudo pela observação metódica, e a experiência legada pela atuação prática em seus campos de formação.

Assim, nestas revistas, *homens de ciências* são aqueles detentores de saberes especializados, devido a uma formação entendida como criteriosa, e autorizados a atuar nos campos que demandam a sua ação, preterindo, assim, outras personagens que sem a educação formal pré-requisitada são entendidas como nocivas à sociedade e, principalmente, ao desenvolvimento da ciência.

Sobre este ponto podemos ilustrar com a biografia do Dr. Martins Costa, na seção “Os grandes brasileiros”, da revista *Século XX*. Este médico, caído no esquecimento nacional segundo o autor do artigo, fora mestre de alguns expoentes daquela atual geração de médicos formados pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. “Estudante que se distinguiu”, com grande atuação em jornais acadêmicos, dotado de “talento” e “erudição”, Dr. Martins Costa é construído como um “verdadeiro” clínico ao transformar a sua enfermaria em um “real” espaço de ensino para os estudantes de medicina, atuando como verdadeiro médico ao dar desde “os mais salutareos e proveitosos conselhos da prática elementar, aos mais elevados ensinamentos das questões científicas que se prendem à arte de curar”.<sup>223</sup>

O uso dos predicativos para reconstruir a imagem científica de Martins Costa denota a sensibilidade do autor em transformar o seu biografado em ícone, mas também a sua aproximação com a personagem, o que podemos inferir se tratar de um ex-estudante falando sobre o seu mestre. Assim, o autor pontua a atenção que Martins Costa dava aos alunos e aos seus pacientes, e, mas principalmente, como corroborou junto aos seus alunos a importância dos princípios da lógica científica, que ajudariam na precisão durante as análises fisiológicas. Martins Costa teria legado uma verdadeira “intuição médica” aos seus alunos, apontando a importância das novas bases científicas para o diagnóstico e a terapêutica, que facilitariam a identificação do que era um caso concreto da clínica e o que era abstração patológica.

---

<sup>223</sup> NASCIMENTO, Alfredo. Dr. Martins Costa. *Século XX*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 6, p. 2-5, mar. 1906.

Este caminho pormenorizado que o autor faz da atuação do seu biografado fica mais compreensível quando entendemos que em uma análise geral do texto, o interesse em inscrever o discurso e a atuação médica como únicos autorizados dentro deste campo. Este último ponto é tão fortemente marcado, que autor critica a atuação do mercado na oferta de drogas sem bases terapêuticas reconhecidas, buscando apenas ganho financeiro, como faz o “curandeiro ignorante e supersticioso”.

Ainda que o autor tenda a criar uma ideia de grupo, ressaltando uma tradição intelectual e médica – Martins Costa foi aluno do João Vicente Torres homem, importante médico e professor da faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e foi mestre das últimas gerações de médicos cariocas – não deixa passar a heterogeneidade de correntes dentro do campo médico. Ao colocá-lo como um verdadeiro médico que priorizou o diagnóstico criterioso calcado na análise lógica, o autor confronta este perfil ao que ele chama de “tirocínio clínico” presente no seu tempo, calcado em uma grande especialização da análise, pontuando a existência daqueles médicos que concebiam que na instância prática só havia ‘doentes’ onde outros entendiam que só havia ‘doenças’, evidenciando um ambiente científico mais fragmentado e complexo, com disputas de concepções científicas.

Esta valorização do cientista em detrimento daqueles que atuam no mesmo campo, porém sem a formação específica, não será exclusividade do caso médico. Como já citamos, as críticas aos mestres de obras, considerados como responsáveis pela grande desordem arquitetônica da cidade, serviu de argumento para criar junto ao público uma opinião favorável às ações dos engenheiros, pontuando que estes dispunham do conhecimento técnico-científico necessário para o empreendimento que era tocado.

### 3.3. *Produções de uma nação*

Neste subitem analisaremos as representações da nação, que de alguma forma estavam vinculados nos debates científicos divulgados pelas revistas *Kósmos*, *Renascença* e *Século XX*. Aqui apresentamos as discussões sobre o território nacional e sobre a formação do povo, principalmente no que diz respeito a sua língua, sua história e sua educação.

#### 3.3.1. *Representações de um território*

Os textos onde ocorrem representações do território articulam diferentes tipos de conhecimentos, construindo uma imagem de nação que englobou argumentos jurídicos,



geográficos, econômicos, militares e históricos. Tratamos este tipo de literatura como divulgação pela escolha dos editores de publicar, especialmente, aqueles relatos oriundos de expedições científico-militares de demarcações de fronteiras, onde a autoria é de engenheiros-militares, naturalistas – principalmente botânicos, zoólogos e astrônomos -- e médicos-sanitaristas.

Nestes textos houve o interesse em falar sobre um território que em alguns momentos denotou ser desconhecido pelo seu interlocutor, reforçando os argumentos de unidade, poder e grandeza diante da vasta extensão geográfica do país. No entanto, há um grande espaço para os artigos com forte caráter de entretenimento, em tom quase literário, como se fosse um mergulho na caderneta de notas ou no diário de campo do naturalista, onde este apresenta personagens, rememora paisagens e conversas, explora suas reações diante das descobertas de uma etnia, ou de um novo espécime da flora, ou da observação de um evento astronômico. Nestes casos, a intenção é cativar, conduzindo aquele leitor urbano na dinâmica do dia-a-dia da expedição, rememorando junto com o naturalista aquele Brasil descrito de forma pitoresca, esquecendo por vezes o modelo de representação do país -- urbano, moderno, civilizado – que estas revistas se impuseram desde os seus primeiros números.

Assim podemos notar pontos de divergência dentro do projeto destas revistas, que não será específico de uma, já que todas se apropriaram das mesmas formas de falar do território. Esta divergência em modelos de representação do território dentro dos magazines evidencia tipos diferentes de imagens: aquela que pretende reforçar a necessidade de civilizar o território, em especial as comunidades tradicionais que habitam estes espaços descritos como “selvagem”, e um fascínio com a paisagem, principalmente quando colocam este como um mundo a ser conhecimento pela ciência.

Utilizando um estilo literário já conhecido pelos leitores cariocas, que nos faz lembrar das obras de Jules Verne e Augusto Emilio Zaluar, porém sem o elemento fantástico característico a esses autores, nota-se que o relato de viagem, onde o cientista assume protagonismo nas histórias, busca explorar a atividade cotidiana de uma expedição, passando pelos percalços e perigos enfrentados, sem perder de vista que o objetivo principal era apresentar o território brasileiro.

Aqui citamos o caso Alípio de Miranda Ribeiro, que assina os seus textos como Jurema, zoólogo do Museu Nacional, integrante da Comissão Telegráfica de Mato Grosso ao Amazonas ao lado de Cândido Rondon. Em seu primeiro artigo, o naturalista busca apresentar toda a preparação para iniciar a expedição, dando especial ênfase a sua despedida da família, mas reforçando que tal empreendimento era um desejo antigo, pois para ele “*ver de perto as*

*extensões enormes da minha pátria, estudar a sua Natureza, eis aí o que eu considerava uma necessidade para mim que, abracei o estudo da zoologia aplicado ao Brasil”*.<sup>224</sup>

Em sua fala, Jurema aponta a grande extensão territorial do país, dotado de “fantásticas florestas” e “uma multiplicidade espantosa de formas vivas”, que era totalmente ignorado tanto pela comunidade científica quanto pelo povo, uma vez que, para o autor, os livros didáticos nacionais conheciam mais a natureza da França e pouco sobre a geografia brasileira. No caso científico, Jurema apontar que tal conhecimento sobre a natureza brasileira já figurava em periódicos de academias e sociedades científicas europeias e americanas, e quase nada na literatura científica nacional, muito em função, segundo ele, de que os cientistas estrangeiros já reconheciam as vantagens de conhecer e dominar o mundo natural.

É interessante notar a demanda que o autor faz em seu texto: de maior investimento por parte do governo para explorar e eliminar aqueles pontos desconhecidos do mapa brasileiro, e maior compromisso da República em fiscalizar a atuação de expedicionários estrangeiros.<sup>225</sup> Segundo Jurema, os museus brasileiros de história natural deveriam dispor de mais recursos para produzirem no campo das ciências as quais se destinam, principalmente aqueles voltadas para os serviços de exploração. Como ele afirma:

*Os museus são outras tantas bibliotecas onde, em vez de palavras e estampas, são encontrados – os fatos e as suas provas. E se as bibliotecas propriamente ditas são importantes porque encerram os livros que, disseminando o saber, são a base de todo o progresso humano, essas bibliotecas concretas não o são menos, por encerrarem a expressão exata da Natureza ou as lições materiais do próprio saber humano.*

*É por isso que os europeus e americanos do norte, cientes do valor de tais repositórios não poupam esforços nem sacrifícios para possuí-los e enriquece-los.*<sup>226</sup>

Estes relatos de viagem arrolam importantes informações sobre o caráter etnográfico, linguístico e sociológico do país. Jurema buscou arrolar as especificidades do interior, versando sobre uma série de palavras e expressões que indicam a variação linguística dentro do território, e, especialmente, sobre a presença de comunidades autóctones nos locais onde a Comissão Telegráfica acampava (Imagem ).

<sup>224</sup> JUREMA. Ao redor e através do Brasil. **Kósmos**, Rio de Janeiro, ano 5, n. 9, p. 38-42, set. 1908.

<sup>225</sup> Somente na década de 1930, o governo brasileiro criou um órgão voltado para o controle de entrada de naturalistas estrangeiros e saída de espécimes da flora e fauna nacionais, o Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil, que funcionou até 1968.

<sup>226</sup> JUREMA, *ibidem*.

## KÓSMOS



os campos do Rio Branco, vão procurar abrigo na cordilheira, além das fronteiras, em território estranho mas livres das burltalidades dos conquistadores.

São os Oyacás ferozes e indomáveis, que da região venezuelana descem às vezes e em temerosas razzias extinguem caravanas numerosas que demandam as regiões desconhecidas de que são senhores.

São os Macuxis outr'ora regularmente aldeados mas volvidos á existencia selvagem para evitar a completa extinção em meio dos brancos civilizados, e que hoje tornam inhospitas as regiões do Mahú e Tucutú no limite da Guyana inglesa. Apesar de contacto continuo com os criadores dos campos do Rio Branco, jamais conseguiram estes que elles abandonassem as suas malocas situadas nos altos serros inacessíveis.

Assim também os Crixanás, os Porocotós, os Jauaperis, para os lados do Majary.

Nos campos vastissimos encontram-se ainda numerosas hordas dos Uapichanas, tribu que o contacto com a vida civilisada vae extinguindo lentamente. Nas cabeceiras do Tucutú deperem miseravelmente os Aturais d'antes numerosos e aguerridos. E assim os Caripunas de Macaparan, e os Pauxianas do Coratirimani.

Tribus inteiras desappareceram ou devastadas pelas guerras ferozes com as nações vizinhas ou retiradas para além-fronteira, em busca de abrigo nas selvagens regiões do Alto Orenoco.

Tal se deu com os Quimarás, os Acarapis, do Arimas, os Aoquis.



TUCHÁUA ILDEFONSO

Em 1778, Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio dizia o seguinte dos indios do Rio Branco:

«As nações que habitão aquellas povoações são as seguintes: Paraviana, Uapixána, Saporá, Aturaiú, Tapicari, Uaiumará, Amaripá, Pauxiana.

As nações conhecidas mas que ainda se não achão reduzidas, são as seguintes: Caripuna, Macuxi, Uaica, Securi, Carapi, Ipurucutú, Seperú, Umaiána.»

«Entre todas as referidas nações a dominante é a Paiaviana da qual escolheremos os principaes usos e costumes que pela maior parte differem pouco dos das outras.

Primeiramente os distinctivos destas nações são os seguintes: Os Indios da nação Paraviana trazem um risco preto na testa até a barba, e outro que sae dos cantos da bocca até a face.



NO BANHO — (SCENA DA VIDA AMAZONICA)

O índio, no texto do engenheiro-militar Eduardo Sócrates, ora é representado de forma romantizada, como aquele que foge do branco “portador da civilização e do vício”, que optam por fugirem para viver “livres das brutalidades dos conquistadores”, ora como um “selvagem” e “brutal” o que representava um grande perigo para aqueles que se atreviam a penetrar nos “sertões do Brasil”.<sup>227</sup> No primeiro caso, lista em caráter documental as etnias encontradas e suas características:

*São os Oyacás ferozes e indomáveis; [...] São os Macuxis outrora regularmente aldeados mas volvidos à existência selvagem para evitar a completa extinção em meio dos brancos civilizados, e que hoje tornam inóspitas as regiões do Mahú e Tucutú no limite da Guiana Inglesa; [...] Assim também os Crixanás, os Porocotós, os Jauaperis, para os lados do Majary. Nos campos vastíssimos encontram-se ainda numerosas hordas dos Uapichanas, tribo que o contato com a vida civilizada vai extinguindo lentamente. Nas cabeceiras do Tucutú deperecem miseravelmente os Aturais dantes numerosos e aguerridos. E assim os Caripunás de Macaparan, e os Pauxianas do Coratirimani.*<sup>228</sup>

No entanto, podemos notar que o interesse maior era inserir o índio neste projeto civilizador de forma pontual, como Sócrates coloca: trocar-lhe as plumas do *kanitares* pelo chapéu armado, civilizando, assim, o selvagem, utilizando a sua mão de obra na expedição para usar um conhecimento, que o engenheiro reconhece, que apenas estas comunidades indígenas dispunham. Entretanto, para o autor, o índio deveria ser civilizado de forma mais natural: à medida em que o território fosse transformado, com a melhoria das vias de comunicação e o inevitável crescimento dos povoados em torno da região amazônica, e um tratamento benigno por parte do governo vendo o índio como cidadão, eles poderiam, futuramente, ser introduzidos em atividades comerciais, como a agropecuária.

Além dos relatos de viagem, temos os textos que tratam das informações mais técnicas sobre o território, principalmente aqueles que debatem sobre a delimitação das fronteiras após uma decisão da corte internacional com atuação do seletivo grupo de diplomatas, e aqueles com as descrições do projeto da Comissão Telegráfica. Nestes casos, as revistas buscaram veicular os mapas com as especificações do novo território – o que foi perdido, o que foi agregado – com detalhes geográficos, principalmente aqueles que apresentam informações hidrográficas, ou com a demarcação espacial de onde se desenvolveriam as estradas de ferro, conforme as imagens que se seguem.

<sup>227</sup> SOCRATES, Eduardo. Recordações de viagem. **Kósmos**, Rio de Janeiro, ano 5, n. 7, p. 43-45, jul. 1908.

<sup>228</sup> X. Pelo Rio Branco. **Kósmos**, Rio de Janeiro, ano 5, n. 2, p. 19-22, fev. 1908







Manaus e Belém, que já tinham relações comerciais com a Europa e com a América do Norte. Normalmente nestes textos as descrições geográficas tendem a valorizar um possível potencial econômico dos recursos hidrográfico e florestal do território, entretanto, no caso do Acre, o autor não deixou de mencionar o que ele classifica como os problemas inerentes de clima úmido e quente, potencializados pela falta de hábitos salubres. Para V., as moléstias que assolavam o Acre, as febres palustres e o beribéri, eram resultados da falta de cuidados elementares em saúde, que poderia ser controlado com o progresso da região, uma vez que o país já reconhecia a força benéfica que a civilização exercia sobre o clima. E ainda complementa:

*Que ele será melhorado pelo progresso da região, não é lícito duvidar, pois é uma lei natural, por toda a parte verificada, a melhoria dos climas sob a influência da civilização, lei ali mesmo perto, comprovada pelo exemplo do Madeira, que foi muito tempo um dos lugares mais inóspitos da Amazônia e que hoje, graças ao progresso das habitações e dos costumes da sua população, não é das suas porções menos salubres. O mesmo aconteceu no baixo Purus e no baixo Juruá, e o mesmo certamente acontecerá nas extremidades meridionais das suas bacias, certamente fadadas a um grande futuro econômico.<sup>231</sup>*

Nos textos, além haver um fortalecimento de uma concepção de que processo civilizatório era entendido como uma força inexorável, notamos a intenção de identificar o principal artífice deste processo: o engenheiro. Este apareceu em fotos dos acampamentos, em suas atividades em meio aos seus instrumentos. Devemos ressaltar que nas revistas, a valorização destas imagens sobre o território era tamanha, que em muitos números, os editores optam por apresentar apenas crônicas fotográficas para falar das expedições e trabalhos da construção das estradas de ferro.

De certa forma, é possível ver uma relação entre estes textos sobre o território e aqueles que realizam a divulgação de tecnologia militar, como se a primeira justificasse a existência de investimentos na segunda. Na revista *Kósmos*, onde este tipo de divulgação mais ocorre, vemos a veiculação de textos sobre canhões de tiro rápido<sup>232</sup>, os mais modernos disponíveis do mercado, e tipologias de navios essenciais para a marinha nacional. Mesmo ressaltando o interesse de continuar resolvendo as disputas territoriais por meio das cortes internacionais e a atuação do grupo do Barão do Rio Branco, ainda assim o investimento em tecnologia militar se justificava dentro de um discurso de defesa nacional.

Falar sobre o território nas revistas *Renascença*, *Século XX* e *Kósmos* não representava falar apenas das disputas com outros países, mas envolveu também a própria identidade

---

<sup>231</sup> *Ibidem*.

<sup>232</sup> BARBEDO, L. Canhões de tiro rápido: experiências do Brasil. *Kósmos*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 15-18, jan. 1904.

territorial dos estados da federação e, mais precisamente, a venda de uma ideia de território que deveria ser urbano.

## KÓSMOS

### A Estrada de Ferro Madeira-Mamoré

Um memorável Tratado celebrado em Petropolis aos 17 de Novembro de 1903, dirimindo para sempre a irritante questão das fronteiras entre o Brazil e a Bolivia de um modo equitativo e altamente honroso para os dois paizes, veio com a estipulação contida em seu art. VII reviver o antigo projecto de uma via-ferrea, tendo por objectivo ligar o curso inferior do rio Madeira, no ponto em que cessa de ser francamente navegavel com

pitas desperdiçados sem proveito, e o lamentavel e inutil sacrificio de innumeradas victimas das temerosas endemias, que periodicamente assolam a inhospita região banhada pelo Madeira propriamente dito.

O curso encaxoeirado deste caudaloso rio vae desde Santo Antonio, na altitude de 76,88 acima do nivel do mar e a 1033 kilometros da confluencia com o Amazonas e 2583 da capital do Pará, até o Guajará-Mirim, na extensão de 424 kilometros e com uma queda total de 97,66. Ahi existem 22 caxoeiras e corredeiras, entre as quaes destacam-se os dois saltos principaes, o do Theotônio, o mais grandioso, e o do Girão, onde o rio estreita-se consideravelmente; durante as cheias alguns dos rapidos desaparecem e outros pioram para a navegação usual nessas paragens; e para se fazer idéa das difficul-



1—DR. CARLOS ALBERTO MORSING, 2—DR. JOAQUIM HUET BACELLAR, 3—DR. J. J. DA CRUZ CAMARÃO. E MAIS MEMBROS AUXILIARES DA COMISSÃO

aguas baixas por vapores calando 2 metros, ao seu curso superior, ou rio Mamoré, onde, ao termo de um longo trecho obstruido por caxoeiras e corredeiras, recomeça o rio desimpedido e susceptivel de ser navegado, sobre extensissimo percurso fluvial.

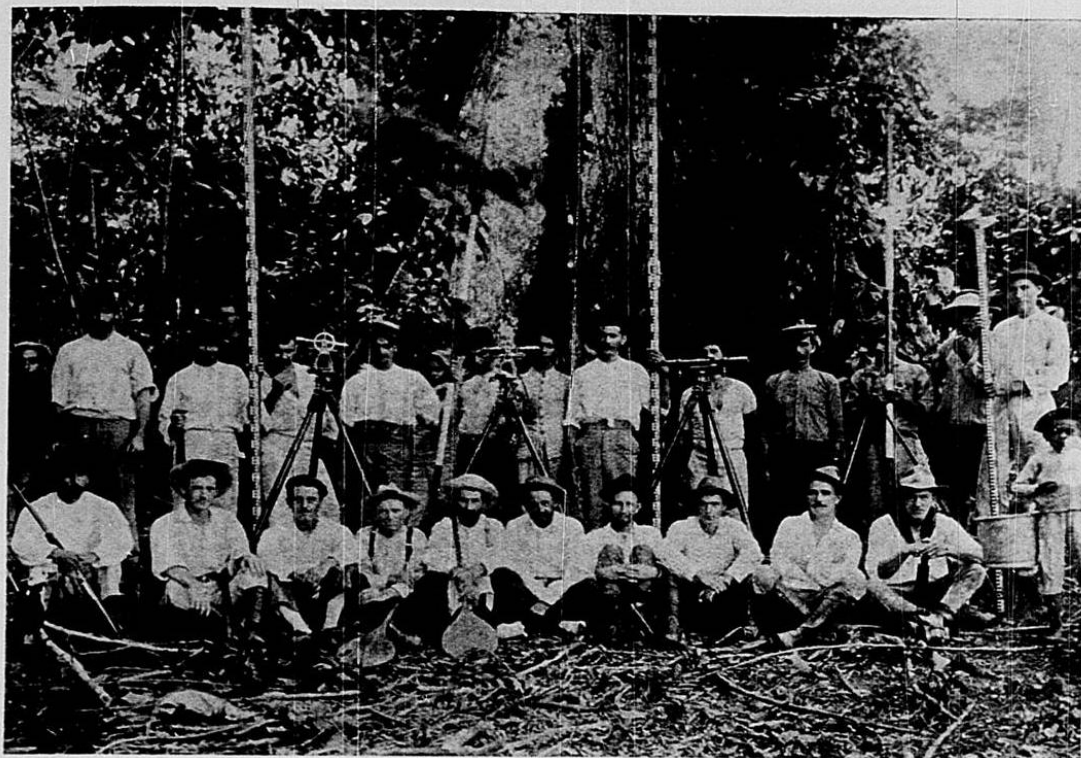
Ao resurgir a idéa desta via de rapida comunicação, antiga e sempre vivaz aspiração dos habitantes da vasta região amazonica da Bolivia, e desde o principio perfilhada pelo Brazil no interesse de unir, relacionando-os, distantes agrupamentos dos seus naturaes, completamente segregados entre si, e assim approximar virtualmente as immensas chapadas do Matto-Grosso das infinitas planicies alagadiças da bacia do rio-mar, veio ella por sua vez recordar os ingentes mas baldados esforços já por vezes consumidos na sua realização, os enormes gastos de cam-

dades que é necessario superar para se viajar rio acima, basta referir que a ascensão desta parte do rio exige actualmente de 40 a 60 dias, sendo 10 a 12 para transpor os trechos livres e os restantes para galgar as caxoeiras, sendo que em algumas dellas, nomeadamente as mencionadas, a passagem só se pôde effectuar varando as embarcações por terra.

Os afluentes da margem esquerda do rio encaxoeirado, são geralmente mais volumosos, que os da outra margem, sobrepujando nesta o Beni, que alguns consideram até como o verdadeiro Alto-Madeira, porquanto contribue com cerca das 2/3 partes do enorme caudal do rio, que é de 6874 metros cubicos por segundo em aguas médias após a confluencia do Beni com o Mamoré. Os tributarios da margem direita descem de um



ESTRADA DE FERRO MADEIRA E MAMORÉ



GRUPO DE ENGENHEIROS DO CONTRACTANTE



ACAMPAMENTO DE ENGENHEIROS

Imagem 8 – *Kósmos*, ano 5, n. 4, p. 27, abr. 1908.

Os artigos sobre a questão dos limites entre os estados buscaram cobrir a legalidade das disputas, ao apontar o seu caráter jurídico, mas reforçavam uma ideia de unidade nacional, indicando que tais controvérsias não gerariam vencidos e vencedores, uma vez que se tratava do “território brasileiro”, “uma pátria comum para cuja grandeza cumpre que concorramos com o mesmo empenho”<sup>233</sup>. Nestes casos, os autores pontuam que a resolução destas disputas internas tinha finalidades “meramente geográficas” ou com fins de melhor conhecimento, como forma a conter ânimos, indicando uma ideia de “família brasileira”, onde estados conviveriam em harmonia, tendo em vista um bem maior que seria o progresso material e moral da nação.

Seguindo o mesmo caminho que os textos sobre questões territoriais entre o Brasil e outras nações, as ações jurídicas, reproduzidas integralmente nas páginas das revistas em conjunto com mapas, foram compostas por descrições dos elementos topográficos e hidrográficos das regiões que demarcam os limites, e também pelos aspectos históricos dessas disputas, arrolando tratados e documentos, que remontam à divisão das Capitanias Gerais.

A valorização do caráter urbano do território fica evidente quando as revistas buscaram apresentar os diferentes estados e suas cidades, priorizando as imagens dos espaços com os seus palacetes, as ruas largas e seus novos espaços de sociabilidade, como as praças e parques arborizados. Nestes casos, há a sobreposição da imagem urbana, ou potencialmente urbana e economicamente viável para exploração, à imagem de Brasil selvagem e pitoresco.

Uma ideia de urbanidade, fortemente atrelada à engenharia e arquitetura, estabeleceu uma relação intrínseca entre um ideário de modernidade e progresso, de forma que uma paisagem urbanizada nos moldes que estava em implementação na Capital, com bulevares, praças arborizadas e prédios ecléticos serão significados como exemplos de civilização que deveria ser seguido pelos demais municípios que pretendiam figurar como modernos.

Um ponto curioso, foi encontrar um debate sobre a forma como as classes populares deveriam habitar os centros urbanos. Neste artigo de Everardo Backheuser<sup>234</sup>, engenheiro da Companhia de Saneamento, há uma propaganda das chamadas “vilas operárias” como uma opção mais salubre a mais moderna para aqueles grupos mais pobres – note-se que neste caso, se entende como “pobre” apenas aqueles que são identificados como “trabalhadores”, uma vez que estas vilas estariam associadas a fabricas e companhias.

Segundo o autor, as “vilas operárias”, que passaram a ser chamadas de “vilas populares” devido ao grande preconceito da aristocracia local com a ideia de “proletário”,

---

<sup>233</sup> SANTA Catarina e Paraná. **Século XX**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 31-38, out. 1905.

<sup>234</sup> BACKHEUSER, Everardo. Onde moram os pobres. **Renascença**, ano 2, n. 15, p. 185-189, maio 1905.

eram habitações mais baratas e higiênicas que foram introduzidas no Brasil a partir de 1890, seguindo o exemplo de outros países dito civilizados. Esta tipologia, mais salubres que as “casas de cômodo”, “cortiços” e “estalagens” – “nojentas moradas onde se estiola a vida do povo” – apresentava um alojamento sadio, fruto de um compromisso patriótico por parte das companhias e fábricas de levar aos trabalhadores um espaço com boas condições sanitárias, com exteriores suntuosos com feições nobres e conforto que até então não era possível às classes menos favorecidas.<sup>235</sup>

O objetivo deste artigo era envolver a elite na causa das construções de “vilas populares”, compreendendo que este era um compromisso moral e sanitário do governo, como forma de diminuir a desordem urbana e, especialmente, o número de vítimas acometidas por febre amarela que, segundo o autor, estavam concentradas entre aqueles que moravam em cortiços e casas de cômodos. Backheuser afirma que, o investimento feito para combater a doença seria menor se houvesse um investimento nestas formas de habitação para as classes populares, não citando, em nenhum momento a instância microbiológica da doença, que figurava nos principais debates médicos brasileiros sobre esta doença.

Diante do que foi exposto, o território foi apresentado nestas páginas revisteiras muito em função dos seus usos que poderia ser feito, seja como possibilidade comercial ou como emblema de modernidade, sem perder de vistas sua relação com a construção de uma unidade nacional. Cabe agora entender quais as produções veiculadas que diziam respeito a uma ideia de povo.

### *3.3.2. A formação de um povo*

A ideia de formação do povo esteve presente, basicamente, nos textos que falavam sobre a história nacional, a língua e a educação dos grupos.

A ideia de uma língua própria apresentou um caráter científico, muito em função dos seus articulistas buscarem agregar tal abordagem a esta questão, principalmente José Veríssimo. Este, representante da ABL, responsável pela crítica literária das revistas, abordou tanto novidades na literatura quanto estudos filológicos da língua portuguesa, ambos tratados a partir de uma ideia científicista que deveria contemplar a crítica social, sua evolução histórica e a busca de uma autenticidade.

---

<sup>235</sup> Como por exemplo: habitações ajardinadas, cômodos arejados, cozinha e latrina individual, e maior convívio salutar entre os vizinhos. O autor reforça que o objetivo das construções era afastar o máximo possível as latrinas do domicílio, diminuindo, assim, os riscos de contaminação

Este tipo de divulgação científica buscou tratar a língua como elemento da nacionalidade, que deveria ser pensada à luz de uma morfologia autêntica do Brasil. Assim, arrolam fonemas caracteristicamente brasileiros, em contraposição àqueles portugueses<sup>236</sup>, a necessidade de eliminar a “anarquia ortográfica” da língua estabelecendo um sistema regular de escrita que deveria ser praticado em todo o território. Como José Veríssimo argumentou, sobre a necessidade de consolidar uma forma de escrita da língua portuguesa no Brasil<sup>237</sup>:

*É uma trivialidade que cada dia se escreve mais do que se escrevia, e também que o hábito de escrever se não restringe hoje a um número limitado de pessoas, geralmente cultas, como há séculos sucedia, senão, em cada nação civilizada, é da maioria da população. Esse mesmo escol que dantes escrevia, minoria pequeníssima em meio da maioria inculta, nunca verdadeiramente tomou muito a peito a ortografia; ou escrevia como falava ou ouvia, ou, num propósito de erudição, reagia contra a corrente e as tendências naturais da língua, e fantasiava uma grafia, a que se chamaria de etimológica, quando na maior parte não o era. Este fato deu-se em todas as línguas novi-latinas ao menos<sup>238</sup>.*

Dentre aqueles que propuseram debater a questão da língua, José Veríssimo foi o mais crítico. Para este acadêmico, a língua era essencial ao povo por simbolizar seu principal meio de expressão de pensamento e sentimento, e, uma vez que se pretendia que o povo brasileiro deveria ser mais culto e civilizado, maior consumidor das manifestações intelectuais, era importante estabelecer uma distância linguística daquela língua portuguesa característica dos iletrados e ir em busca de uma “vernaculidade” para sua própria língua. Aqueles que questionavam a real necessidade de estabelecer uma língua propriamente brasileira, o autor classificava-os como destituídos de um real sentimento de nacionalidade, típico de povos novos que não identificavam na língua uma relação de pertencimento.

Para Veríssimo:

*Uma língua —é quase uma banalidade repeti-lo —é o que há de mais íntimo e profundo na organização de um povo; é a melhor expressão, a mais cabal definição que ele pôde dar, e dá efetivamente de si. E' o mais completo documento, mas também o de mais difícil interpretação, da psicologia de um povo. Quando ela não nasceu com o povo que a tala, que apenas a herdou já feita ou em pleno crescimento, não será senão um documento de segunda ordem, mas se com ele nasceu e desenvolveu-se, nenhum mais revelador da alma desse povo. Quer num caso quer noutro, ele sente, mais talvez que compreende, a ligação que há entre o seu modo de sentir e o seu modo de exprimir-se, a correlação entre a sua índole e a sua fala. Se ele não sente que esta última não está em correlação imediata e profunda com a sua índole, com ele mesmo, digamos assim, se o facto de não a ter*

<sup>236</sup> RAMOS, Silva. Os pronomes átonos em português. **Renascença**, ano. 1, n. 9, p. 143-146, nov. 1904.

<sup>237</sup> Sobre esta questão, os trabalhos de Alessandra El Far (Encenações... *op.cit.*), sobre a atuação da Academia Brasileira Letras junto a reforma ortográfica de 1907, e de Tânia de Luca sobre os debates intelectuais sobre a língua na Revista do Brasil, nos indicam a relevância desta questão para os intelectuais que entendia que a consolidação de uma língua estava intrinsecamente relacionada com a uma ideia de nacionalidade por parte do grupo intelectual (LUCA, Tania. **A Revista do Brasil: uma diagnóstico para a (n)ação**. São Paulo: UNESP, 1999).

<sup>238</sup> VERÍSSIMO, José. Vida literária: a ortografia portuguesa. **Kósmos**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 5, p. 26-28, maio 1904.

*ele próprio feito, lhe faz descobrir nela dificuldade e inaptidão para a sua expressão, o seu natural amor por ela inconscientemente se relaxa.*<sup>239</sup>

Esta relação de pertencimento entre o povo e a sua língua, segundo Veríssimo, seria mais comum a nações que tinham desenvolvido a sua própria linguagem e menos naquelas que usam uma emprestada. No caso desta última, o literato considerava que estaria menos resistente para influências, não considerando a língua como um patrimônio próprio.

Interessante notar que para o autor o aspecto dinâmico da língua acaba por dar poder ao povo, que se entende como o falante, e não aos especialistas (gramáticos) na definição dos usos da língua. Entretanto, ele reconhece que o campo literário teria o poder de influenciar seus leitores, devido as suas funções estéticas e seu apelo afetivo, no que tange uma normatização da língua, utilizando este argumento para criticar a figura de Rui Barbosa, que tendia a usar estruturas da língua portuguesa de tempos imemoriais, fruto de um processo artificial de erudição.

Segundo o autor, o uso da língua pelo povo estava condicionado a “*leis fisiológicas do nosso organismo, a nossa constituição física, o nosso estado d'alma, as determinações imponderáveis do nosso meio e ainda da nossa raça e da nossa cultura*”<sup>240</sup> e que devido às interações entre os diferentes grupos que compunha o Brasil, a língua apresentava seus próprios vocábulos, expressões e frases, demonstrando assim que a língua portuguesa falada no Brasil era representação psicológica e resultado da colaboração coletiva do povo.

Esta relação com a nacionalidade tão está presente nos textos de história. Como já apontamos, a história foi a ciência mais divulgada nestas revistas, fruto da intensa colaboração dos membros-sócios do IHGB. Nestes artigos, os autores chamam a atenção para necessidade de se produzir uma história pátria, com isenção crítica, sem as fantasias demagógicas que Max Fleuiss diz estar presente nos trabalhos que são partidários a um ou outro regime político.<sup>241</sup>

Então, os trabalhos veiculados cobrem a história colonial brasileira até os momentos mais recentes do final do século XIX, considerada como um aspecto das modernas teorias históricas.<sup>242</sup> Foca, principalmente, na história dos grandes homens, ligados à esfera política e diplomática nacional. No entanto, aqueles textos que abordam datas comemorativas são os que nos permitem refletir sobre a díade história-povo, na produção de uma nacionalidade.

---

<sup>239</sup> VERÍSSIMO, José. Vida literária: heresias linguísticas e literária. **Kósmos**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 1, p. 29-32, jan. 1905.

<sup>240</sup> *Ibidem*.

<sup>241</sup> FLEUISS, M. Chronica dos livros. **Século XX**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 3, p. 48-51, dez. 1905.

<sup>242</sup> *Ibidem*.

Nas datas comemorativas, especialmente aquelas que se relacionam com o estabelecimento do regime republicano, há uma defesa de medidas mais pedagógicas no campo da história no intuito de conformar uma espécie de “espírito nacional” junto ao povo. Uma das propostas encontradas foi a formulada por Pires de Almeida que propunha uma “passeata cívica” no dia de Tiradentes, como forma de celebrar o que o autor classifica como grande evento histórico.<sup>243</sup>

Para este sócio do Instituto, os festejos destas datas nacionais deveriam ser modernizados, abandonando o perfil colonial onde pouco se ensinava às multidões, pois as informações eram passadas de forma demasiadamente factual, que pouco cativava aos participantes, e com uma riqueza de detalhes desnecessária e cansativa.

Pires de Almeida propõe, desta forma, que se celebrasse o dia de Tiradentes apresentando-o como uma lenda documentada, dando um ar dramático e impressionante, análogo a um grande espetáculo teatral. Ainda que seja necessário apresentar todos os detalhes desta história, o autor indica ser imprescindível provocar no espectador o interesse, o apego pelas tradições e, principalmente, um amor pátrio entusiástico e ardente.

Para tal, o autor propõe que a atmosfera de 1792 deveria ser reproduzida nas ruas da cidade, encenada nos mínimos detalhes, convidando o povo a participar deste grande teatro com duração de três dias. Os pedestres deveriam levar as tochas; aqueles que estivessem às janelas, deveriam vestir indumentária da época, além de caracterizar suas casas de acordo com o evento; e os marcos da cidade deveriam ser monumentalizados para melhor reconstituir uma áurea histórica. Neste projeto, os atores teriam que dramatizar a história, seguindo fielmente o *script* com referências a estudos em documentos históricos e usando recursos dramáticos que dariam um ar mitificado a Tiradentes. Além deste espetáculo citado, o autor propõe que os teatros e salões oferecessem sessões gratuitas de leitura de poemas sobre o tema – mas só aqueles que passassem pelo crivo dos intelectuais e fossem considerados adequados.

Apesar de reconhecer a falta de originalidade do projeto, o autor justifica que este evento seria uma opção pedagógica, tendo em vista aqueles de caráter carnavalescos que, ao seu ver, degeneravam o povo e não contribuía para uma boa formação moral. Segundo Pires de Almeida, a exemplo de países europeus, uma celebração como esta auxiliaria em perpetuar determinadas lendas na memória do povo e, principalmente, conformar corações nacionais mais patriotas.

---

<sup>243</sup> ALMEIDA, Pires. Tiradentes: passeata cívica planeada para 21 de abril de 1907. *Século XX*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 7, p. 10-17, abr. 1906.

No que diz respeito à educação do povo, esta formação é pensada, por alguns intelectuais, como forma de corrigir determinadas características da psicologia social brasileira consideradas nocivas ao pleno desenvolvimento da nação.

Ao debater sobre o perfil etno-psicológico do Brasil, Silvio Romero sublinhou a que a distância cultural entre o povo e a elite intelectual, e destes com o nível cultural de outros países, revelava que o problema fundamental da nação estava na estrutura social do povo, à medida que a sociedade permanecia inculta, religiosa e distante do caminho da “regeneração”, devido à falta de celeridade com que os “chefes” conduziam a reforma social e econômica que seria necessária para produzir os resultados pretendidos. É possível ler nas entrelinhas do texto que os resultados pretendidos repousam nos anseios de uma economia forte, instituições estruturadas e um povo bem formado para se inserir na dinâmica do período.

Em outros textos são enumerados o que se esperava que constituísse um programa de instrução pública: um ensino laico, sem influências de congregações religiosas; que estimulasse um espírito nacionalista<sup>244</sup>; que compreendesse o método científico, que permitisse ao aluno tomar contato com os métodos de indução e dedução, possibilitasse a observação dos fenômenos naturais, e compreendesse os preceitos da lógica.<sup>245</sup>

É importante ressaltar que nesta formação de um povo, vemos mais fortemente os pressupostos positivistas, principalmente quando os colaboradores tenderam a associar esta formação à atuação da família, vista como uma “mini pátria” em comparação à pátria considerada uma “família grande”<sup>246</sup>, à responsável pela formação do indivíduo mais conectado afetivamente com a sua nação.

---

<sup>244</sup> BITTENCOURT, Liberato. Escola Militar de Porto Alegre: apelo patriótico. **Kósmos**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 41-44, mar. 1904.

<sup>245</sup> SANTO, Espírito. Influência das ideias políticas sobre o método de ensino. **Kósmos**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 6, p. 33-34, jun. 1904.

<sup>246</sup> CELSO, Affonso. Pátria e família. **Século XX**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 5, p. 8, fev. 1906.

## Considerações finais

Quando nos propusemos a pensar as atividades de divulgação científica em revistas de cultura geral publicadas no Rio de Janeiro da primeira década do século XX, procuramos entender os usos culturais desta atividade no escopo de revistas, entendendo que estas não são neutras e permitem leituras sobre anseios de um período e seus grupos.

Aos realizarmos a leitura de *Kósmos*, *Renascença* e *Século XX* identificamos que para além de um projeto gráfico vistoso, estes periódicos, reconhecidos por suas relações com o meio intelectual, estiveram a serviço do projeto de modernidade e civilização tocado por diferentes grupos da elite intelectual brasileira e buscando conformar opiniões favoráveis para este projeto.

Por meio de recursos visuais com grande apelo estético, seleção criteriosa de seus colaboradores e os conteúdos veiculados, estas revistas apresentaram-se como uma leitura que além de *preencher o ócio com dignidade*, era elemento de distinção para o seu consumidor, devido ao seu elitismo intelectual e suas fortes referências ao universo caro à elite brasileira. Ter reconhecimento nacional e internacional fez destes documentos mais interessantes para entender como esta elite se projetava, para um público local e para o mundo, e quais as suas expectativas em torno da recente república que se conformava. E olhar estas revistas em busca de suas perspectivas sobre a mediação científica para o público não-especializado nos revelou que estas documentaram em suas páginas o processo de institucionalização e profissionalização do campo científico brasileiro, e evidenciou imaginações sobre a ciência nacional e projeções da ciência sobre nação e modernidade.

A ciência, nas páginas revisteiras analisadas, é construída como elemento fundamental para pôr o Brasil no caminho da modernidade e civilização, seja valorizando os seus atores e suas instituições, conformando uma ideia de protagonismo a nível regional, seja utilizando sua lente para determinar o nível de modernização e civilização do país.

Contando com a participação de diferentes correntes e grupos intelectuais, as revistas analisadas serviram, também, como espaço para defesa de um perfil intelectual mais generalista, evidenciado pelo seu projeto editorial que buscou dar conta de um amplo programa científico, artístico e literário. Dentro desta defesa, vemos o interesse em divulgar uma cultura de valorização da ciência característico da virada do século XIX, priorizando aquelas concepções caras ao pensamento positivista, como por exemplo a maior veiculação de uma ciência com caráter mais aplicado.



A ciência tem centralidade nas páginas destas revistas, que apresentaram seus conteúdos utilizando uma linguagem muito próxima daquela usada por seus praticantes, concebendo que os seus interlocutores dispunham de uma formação culta ou semiculta, e apresentavam um interesse em ciências. Os colaboradores em ciências foram, necessariamente, cientistas e boa parte dos seus textos versaram sobre o próprio meio científico, construindo para si identidades que vão significar a ciência e seus atores como missionários, especializados e necessários para eliminar certos entraves que impediam a inserção do país no concerto das grandes nações.

Assim, a ciência nestas páginas é uma entidade específica: é aquela especializada, produzida por especialistas e em lugares (instituições) autorizados para tal. É o espaço moderno por excelência, com uma tradição que a aporta e extremamente necessária para pôr o Brasil no patamar almejado de civilização. Desta forma, a mediação da ciência para o público não-especializado realizado por *Kósmos*, *Renascença* e *Século XX* vai orientar-se, de fato, a partir do nexo “ciência pela ciência”, ao buscar construir um prestígio social para este campo e reafirmá-lo como essencial para a dinâmica político-cultural do momento.

Estas revistas convergiram em seus discursos ao colocar a ciência como um caminho possível para pensar certos elementos ditos como essenciais ao país, como uma ideia de língua, história, território e povo. Mas, sobretudo, ao colocar os cientistas como gestores, ou artífices – em algumas instâncias, os únicos autorizados – da tão ansiada civilização e progresso material do país.

A divulgação da ciência para estes magazines vai apresentar-se como missão e prática, tendo em vista o discurso positivista de valorização das ciências, e também quando entendemos que à luz do seu período de circulação, estas se inserem em momento de diversificação desta atividade, sendo possível identificar diferentes performances de divulgação em revistas cariocas voltadas para diferentes públicos e com diferentes propósitos. *Kósmos*, *Renascença* e *Século XX* em muitos momentos não procuraram educar o seu leitor em ciências, mas sim utilizaram a ciência para disciplinar o olhar do seu interlocutor em torno de um ideário de modernidade.

E qual ideário seria este?

Apesar de apresentar diferentes concepções de modernidade, entendendo-a muito mais na chave do progresso material e sua visualidade, podemos citar que para estas revistas, modernidade significava dispor de uma imagem social, científica e cultural que não deixasse dúvidas de sua competência em participar desta dinâmica mundial, especialmente aquela de cunho econômico.

Assim, ao olharmos a ciência divulgada nestas revistas de cultura geral, com enfoque científico-literário, notamos que o interesse é valorizar a atividade científica nacional tanto no que diz respeito às interseções entre o campo científico e as produções de uma ideia de nação e um ideário de modernidade, mas sobretudo no que toca a exposição de uma imagem positiva da ciência, muito cara ao leitor erudito das revistas *Kósmos*, *Renascença* e *Século XX*.

A veiculação desta forma de divulgação expõe o interesse destas revistas em mediar a relação dos seus leitores com o campo científico, conformando uma opinião bastante favorável das ações dos seus *experts*, e também em transformar o meio científico e seus produtos como passíveis de consumo por um grupo de leitores específicos, reforçando junto a sua audiência uma ideia de cultura e tradição científica, e, sobretudo, de identidade de grupo.

Transformar suas páginas em vitrines das ciências, da literatura e das artes nacionais foi oportuno para estas publicações se pensarmos que a partir desta posição, associado a um design gráfico inovador, estas revistas ganharam visibilidade, nacional e internacional, sendo consumidas como elemento de distinção intelectual e social. Mas, fica evidente, que portar-se enquanto vitrine implicou um trabalho discursivo, verbal e imagético, apurado, que objetivava conformarem-se a si próprias como instrumentos propagandísticos do país e um espaço de reflexão da nação, indicando uma espécie de “missão” que deveria ser tocada por um grupo social específico: o intelectual, especialmente aquele atuante nos laboratórios, nas faculdades e integrante das academias e demais instituições de ciência.

Não podemos precisar os motivos para o seu início e seu término, mas a opção por um programa que raia a cultura geral e volta-se exclusivamente para as classes dirigentes pode ter sido determinante para a sua curta circulação, diante de um cenário editorial brasileiro mais diversificado, mais competitivo e cada vez mais popular. Mas também devemos notar que o fôlego destas revistas acaba conforme diminuíram as ações reformadoras na cidade do Rio de Janeiro, sua musa inspiradora.

Mesmo com curta duração, estas revistas foram exemplares em seus empreendimentos, ao reunir em torno de si o meio intelectual do momento e portarem-se de forma ativa na elaboração de projetos para a incipiente república. Estas revistas marcaram o seu período não apenas pelo seu projeto intelectual, que outras revistas do momento não souberam conformar, mas sim por materializar os anseios de uma elite em páginas coloridas, impressas em papel *couchê*, nítidas fotogravuras... Enfim, um “álbum de belezas”, feita para aguçar o olhar e treinar as sensibilidades dos seus leitores em prol da – inevitável – modernidade.

## Referências

### *FONTES*

#### Periódicos principais

**KÓSMOS: revista artística, científica e litterária.** Rio de Janeiro: Of. Typ. Schimdt & Co, 1904-1909. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/kosmos/146420>>. Acesso em: 10 nov. 2013 – 12 maio 2015.

**RENASCENÇA: revista mensal de letras, siencias e artes.** Rio de Janeiro: E. Bevilacqua, 1904-1908.

**SÉCULO XX: revista de letras, artes e sciências.** Rio de Janeiro: Cia. Typ. Do Brazil, 1905-1906.

#### Demais periódicos

**OS ANNAES: semanário de litteratura, arte, ciência e indústria.** Rio de Janeiro: [s.n.], 1904-1906. Disponível em: <<http://www.bbm.usp.br/>>. Acesso em: 10 mar. 2014.

**CARETA.** Rio de Janeiro: Kósmos, 6 jun. 1908.

**A ESCHOLA: órgão da Associação dos Professores do Brasil.** Rio de Janeiro: Typ. Lit. F. Borganovo, ano 1, n. 1, p. 2, jul. 1900

**FON-FON: semanário alegre, crítico e esfusiante.** Rio de Janeiro: Kósmos, 13 abr. 1907.

**ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA.** Rio de Janeiro: Paris: Paris G. Delmas, 1901-1902.

**ILLUSTRAÇÃO BRAZILEIRA.** Rio de Janeiro: Empresa d'O Malho, 1909-1912.

**LEITURA PARA TODOS.** Rio de Janeiro: Empresa d'O Malho, 1905.

**O MALHO: semanário de humor, artístico e literário:** Rio de Janeiro: Empresa d'O Malho, 20 set. 1902.

**REVISTA DA SEMANA.** Rio de Janeiro, Ano 1, n. 1, p. 2, 20 maio 1901.

### **BIBLIOGRAFIA**

#### Obras de Referência

ABREU, Alzira Alves de (Org.). **Dicionário histórico-biográfico da Primeira República 1889-1930.** [201-?]. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/dicionario-primeira-republica>>. Acesso em: 06 set. 2015.

Itaú Cultural. **Enciclopédia de arte e cultura brasileira.** Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/>>. Acesso em: 06 set. 2015.

BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. **Sexo, raça e estado civil, nacionalidade, filiação, culto e analfabetismo da população recenseada em 31 de dezembro de 1890**. Rio de Janeiro: Oficina Estatística, 1898.

\_\_\_\_\_. **Recenseamento do Rio de Janeiro (Districto Federal) realizado em 20 de setembro de 1906**. Rio de Janeiro: Oficina da Estatística, 1907.

ERMAKOFF, George (Org.). **Dicionário biográfico ilustrado de personalidades da história do Brasil**. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Ed., 2012.

HILTON, Ronald. **Who's who in Latin America: Brazil**. Chicago: Stanford University, 1948-1951. V. 6.

### Sítios eletrônicos

Academia Brasileira de Letras. **Membros**. Informações biobibliográficas dos acadêmicos. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/membros>>. Acesso em: 06 set. 2015.

ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA (Rio de Janeiro). **Membros da ANM. Informações biográficas dos membros da Academia Nacional de Medicina**. Disponível em: <<http://www.anm.org.br/academicos.asp>>. Acesso em: 05 set. 2015.

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. **Arquivos e coleções particulares**. Disponível em: <<http://www.ihgb.org.br/acervo31.php>>. Acesso em: 06 set. 2015.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA MEDICINA (Rio de Janeiro). **Médicos do Brasil. Seção de site institucional**. Disponível em: <<http://sbhm.webnode.com.br/medicos-do-brasil/>>. Acesso em: 06 set. 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **Arquivo Histórico do Museu Nacional**. Site institucional. Disponível em: <<http://www.museunacional.ufrj.br/>>. Acesso em 07 set. 2015.

### Artigos e Livros

ALCÂNTARA, Rita. **Kósmos, um resgate para a história do design gráfico brasileiro**. 2008. 160 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Desenho Industrial, Escola Superior de Design Industrial, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

ALMEIDA, Miguel Ozório de. **A vulgarização do saber: ensaios**. Rio de Janeiro: Ariel Ed., [1931].

ALONSO, Angela. Apropriação de ideias no Segundo Reinado. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo. **O Brasil Imperial (1870-1889)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. V. 3, p. 83-118.

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. Processos de reprodução e impressão no Brasil, 1808-1930. In: CARDOSO, Rafael (Org.). **Impressos no Brasil, 1808-1930: destaques da**

história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2009. P. 45-65.

BARBOSA, Marialva Carlos. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

\_\_\_\_\_. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007a.

\_\_\_\_\_. Imprensa e encenações de modernidade no início da República. **A Vivência**: Revista de Antropologia, Natal, n. 38, p. 129-142, 2011. Disponível em: <[http://www.cchla.ufrn.br/Vivencia/sumarios/38/PDF%20para%20INTERNET\\_38/09\\_Marialva%20Carlos%20Barbosa.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/Vivencia/sumarios/38/PDF%20para%20INTERNET_38/09_Marialva%20Carlos%20Barbosa.pdf)>. Acesso em: 18 jun. 2013.

\_\_\_\_\_. Leitores e leituras dos jornais do Rio de Janeiro no início do século. **Intexto**, Porto Alegre, v. 1, n. 3, p. 1-14, jan.-jul. 1998. Disponível: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/3370/3954>>. Acesso em: 29 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. Meios de comunicação e história: um universo de possíveis. In: RIBEIRO, Ana Paula Goular; FERREIRA, Lúcia Maria Alves (Org.). **Mídia e memória**: a produção de sentidos nos meios de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. P. 15-34.

BÉGUET, Bruno. La vulgarisation scientifique au XIXe siècle. In: **LA SCIENCE pour tous**: sur la vulgarisation scientifique en France de 1850 à 1914. Paris: Bibliothèque du Conservatoire des Arts et Metiers, 1990. P. 5-48.

BENCHIMOL, Jaime Larry; SILVA, André Felipe Cândido da. Ferrovias, doenças e medicina tropical no Brasil da Primeira República. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio Janeiro, v. 15, n. 3, p. 719-762, jul.-set. 2008.

BENCHIMOL, Jaime Larry. **Pereira Passos, um o Haussmann tropical**: a renovação urbana na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Departamento Geral de Documentação e Informação, 1992. (Biblioteca Carioca; v. 11).

\_\_\_\_\_. Reforma urbana e revolta da vacina na cidade do Rio de Janeiro. In: FERREIRA, J.; NEVES, L. A. (Org.). **Brasil republicano**. Economia e sociedade, poder e política, cultura e representações. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003. V. 1, p. 231-286.

BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX. In: **TEXTOS de Walter Benjamin**. São Paulo: Ática, 1985. (Col. Grandes Cientistas Sociais). P. 30-43.

BENSAUDE-VINCENT, Bernadette. A historical perspective on science and its “others”. **ISIS**, v. 100, n. 2, p. 359-368, jun. 2009.

\_\_\_\_\_. A public for Science: the rapid growth of popularization in nineteenth century France. **Réseaux**, v. 3, n. 1, p. 75-92, 1995.

\_\_\_\_\_. Splendeur et décadence de la vulgarisation scientifique. **Questions de Communication**, n. 17, p. 19-32, 2010. Disponível em: <<http://questiondecommunication.revue.org/368>>. Acesso em: 24 mar. 2015.

BORGES, Maria Eliza Linhares. Representações do Brasil moderno para ler, ver e ouvir no circuito dos Museus Comerciais europeus, 1906-1908. **História**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 92-117, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v26n2/a06v26n2.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2015.

BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil – 1900**. Rio de Janeiro: Liv. José Olympio, 1975. (Coleção Documentos Brasileiros; v. 108).

BROKS, Peter. Science, media and culture: British magazines, 1890-1914. **Public Understanding of Science**, v. 2, p. 123-139, 1993.

CABRERA, Leoncio López-Ocón. La formación de un espacio público para la ciencia en la América Latina durante el siglo XIX. **Asclepio**, v. 50, n. 2, p. 205-225, 1998.

CARVALHO, Athos Echler. Fascículos semanais de literatura popular: bem cultural no início do século XX. **Intercom – Revista Brasileira de Comunicação**, São Paulo, v. XV, n. 2, p. 166-178, jul.-dez. 1992.

CARVALHO, José Murilo de. História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. **Topoi**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 123-152, 2000. Disponível em: <[http://www.revistatopoi.org/numeros\\_anteriores/Topoi01/01\\_artigo03.pdf](http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/Topoi01/01_artigo03.pdf)>. Acesso em 27/12/2014.

\_\_\_\_\_. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi**. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 2010.

CARULA, Karoline. Carlos Costa e a Mãe de Família. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo, SP. **Anais eletrônicos...** São Paulo: ANPUH, 2011. 12 p. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300803313\\_ARQUIVO\\_karolinecarulaANPUH2011.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300803313_ARQUIVO_karolinecarulaANPUH2011.pdf)>. Acesso em 05 dez. 2014.

\_\_\_\_\_. O darwinismo nas Conferências Populares da Glória. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 28, n. 56, p. 349-370, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v28n56/04.pdf>>. Acesso em: 05 dez. 2014.

CHARLE, Christophe. Nascimento dos intelectuais contemporâneos (1860-1898). **História da Educação**, Pelotas, n. 14, p. 141-156, set. 2003. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30225/pdf>>. Acesso: 18/10/2014.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 11, n. 5, p. 173-191, 1991.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de (Org.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 103-130.

COSTA, Angela Marques da; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **1890-1914: no tempo das certezas**. São Paulo: Cia. das Letras, [2007]. 176 p. (Virando Séculos).

COUTY, Louis. Os estudos experimentaes no Brazil. **Revistas Brasileira**, Rio de Janeiro, tomo II, p. 215-239, 1 nov. 1879. Disponível em: <  
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=139955&PagFis=2649&Pesq=>>.  
 Acesso: 27 mar. 2016.

CRUZ, Heloísa de Faria. As revistas científicas: espaço do debate público da academia paulista no final do século XIX e início do XX. In: ALMEIDA, Martha; VERGARA, Moema Rezende. **Ciência, história e historiografia**. Rio de Janeiro: MAST, 2008. P. 267-276.

DAMAZIO, Sylvia F. **Retrato social do Rio de Janeiro na virada do século**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

DANTES, Maria Amélia M. Os positivistas brasileiros e as ciências no final do século XIX. In: HAMBURGER, Amélia Império et. al. (Org.). **A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)**. São Paulo: Fapesp, 2006. P. 49-61.

DIMAS, Antônio. **Tempos eufóricos: análise da Revista Kósmos, 1904-1909**. São Paulo: Ática, 1983. (Ensaio; 88).

DUARTE, Rildo Borges. No céu o corpo da pátria: a elaboração da carta do Brasil ao milionésimo. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS E DA TECNOLOGIA, 13., 2012, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2012. Disponível em: <  
[http://www.13snhct.sbhc.org.br/resources/anais/10/1344180847\\_ARQUIVO\\_Trabalho\\_rildo\\_SBHC.pdf](http://www.13snhct.sbhc.org.br/resources/anais/10/1344180847_ARQUIVO_Trabalho_rildo_SBHC.pdf)>. Acesso 23 abr. 2016.

EDMUNDO, Luiz. **O Rio de Janeiro do meu tempo**. Brasília: Senado Federal, 2003

EDLER, Flávio. A natureza contra o hábito: a ciência médica no Império. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 153-166, jan./jun. 2009.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de (Org.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 83-102.

EL FAR, Alessandra. **A encenação da imortalidade: uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República (1897-1924)**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

\_\_\_\_\_. **Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)**. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

FERREIRA, Luis Otávio. Ciencia pura versus ciencia aplicada: la fuerza de la tradición positivista en la ciência brasileira a comienzos del siglo XX. **Sucuencia: Revista de História y Ciencias Sociales**, n. 41, p. 111-124, mayo.-ago. 1998.

\_\_\_\_\_. O ethos positivista e a institucionalização da ciência no Brasil no início do século XIX. **Fenix: Revista de História e Estudos Culturais**, ano 4, n. 3, p. 1-10, jul.-set. 2007.

FIGUEIRÔA, Silvia F. de M.; LOPES, Maria Margaret. A difusão da ciência e da tecnologia através da imprensa e dos periódicos especializados (São Paulo, 1890-1930. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 6., 1997, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 1997. P. 190-195.

FONSECA, Maria Rachel Froes da. As “Conferências Populares da Glória”: a divulgação do saber científico. **História, Ciência, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, nov.-fev. 1996. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59701996000400007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701996000400007)>. Acesso: 10 jan. 2016.

FONSECA, Marina Assis; OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de. Variações sobre a “cultura científica” em quatro autores brasileiros. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.22, n.2, p. 445-459, abr.-jun. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v22n2/0104-5970-hcsm-2015005000011.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2015.

GOMES, Ângela de Castro. **Essa gente do Rio...**: modernismo e nacionalismo. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para delimitação do objeto de estudo. In: \_\_\_\_\_. **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. 2016. P. 3-26. (NO PRELO)

HARDMAN, Francisco Foot. Trem-fantasma: a ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

HELLER, Barbara. Vossas filhas sabem ler? In: CONGRESSO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande, MS. **Anais...** Campo Grande: INTERCOM, 2001. 17 p. Disponível em: < <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/66596904306910294124310165929421288793.pdf> >. Acesso em: 03 abr. 2016.

HERSCHMANN, Micael M.; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. O imaginário moderno no Brasil. In: \_\_\_\_\_. **A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. P. 09-42.

KNOR-CETTINA, Karin. A comunicação da ciência. In: GIL, Fernando (org.). **A ciência tal qual se faz**. Lisboa: Ed. João Sá da Costa, 1999. P. 375-393.

KODAMA, Kaori. **A vulgarização científica nas obras de Louis Figuiet**: suas traduções no Brasil. In: \_\_\_\_\_. **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. 2016. P. . (NO PRELO)

KURY, Lorelai. A ciência útil em O Patriota (Rio de Janeiro, 1813-1814). **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 115-124, jul-dez. 2011.

LINS, Vera. Em revistas, o simbolismo e a virada de século. In: OLIVEIRA, Cláudia; VELLOSO, Mônica Pimenta; LINS, Vera. **O moderno em revistas: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. P. 15-41.



LOBO, Eulalia Maria Lahmeyer et.al. Evolução dos preços e do padrão de vida no Rio de Janeiro, 1820-1930: resultados preliminares. **Revista Brasileira de Economia**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, p. 235-265, out.-dez. 1971.

LOUÉ, Thomas. Un modèle matriciel: les revues de culture générale. In: PLUET-DESPATIN, Jacqueline; LEYMARIE, Michel; MOLLIER, Jean-Yves (Org.). **La belle époque des revue, 1880-1914**. Paris: IMEC, 2002. P. 57-66.

LUCA, Tania Regina. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de (Org.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. P. 149-175.

\_\_\_\_\_. **A Revista do Brasil: uma diagnóstico para a (n)ação**. São Paulo: UNESP, 1999.

LUSTOSA, Isabel. A imprensa e impressos brasileiros: do surgimento à modernidade. In: CARDOSO, Rafael (Org.). **Impresso no Brasil, 1808-1930: destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2009. P. 29-43.

MACHADO NETO, A. L. **Estrutura social da república das letras: sociologia da vida intelectual brasileira, 1870-1930**. São Paulo: Ed. USP, 1973. (Col. Estante do Pensamento Brasileiro).

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. Introdução: pelos caminhos da imprensa no Brasil. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. P. 7-19.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revistas: imprensa e práticas culturais em tempos de república, São Paulo (1890-1922)**. São Paulo: EdUSP, 2008.

\_\_\_\_\_. Revistas na emergência da grande imprensa: entre práticas e representações (1890-1930). In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson (Org.). **Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas**. São Paulo: Fapesp, 2005. P. 247-256(Coleção História de Leituras).

MASSARANI, Luisa. **A divulgação científica no Rio de Janeiro: algumas reflexões sobre a década de 20**. 1998. 177 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Rio de Janeiro, 1998.

MOLLIER, Jean-Yves. **A leitura e seu público: ensaios sobre história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. (Coleção História e Historiografia).

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. Luís Cruls. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **Coleção brasileira eletrônica**. Rio de Janeiro: Ufrj, [s.d]. Disponível em: <<http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/colecao/autores/5/Luis-Cruls>>. Acesso em: 06 set. 2015.

NAGAMINI, Marilda. 1889-1930: ciência e tecnologia nos processos de urbanização e industrialização. In: MOTOYAMA, Shozo. **Prelúdio para uma história: ciência e tecnologia no Brasil**. São Paulo: EdUSP; FAPESP, 2004. Cap. 3, p. 185-231.

NEEDELL, Jeffrey. **Belle époque tropical**: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Cia. Das letras, 1993.

NEVES, Margarida de Souza. Ciência, civilização e República. In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antônio Augusto Passos (Org.). **Ciência, civilização e república nos trópicos**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. P. 31-44.

\_\_\_\_\_. Uma cidade entre dois mundos: o Rio de Janeiro no final do século XIX. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (Org.). **O Brasil Imperial (1870-1889)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. V. 3, p. 119-154.

\_\_\_\_\_. **As vitrines do progresso**: o conceito de trabalho na sociedade brasileira na passagem do século XIX para o XX, a formação do mercado de trabalho na cidade do Rio de Janeiro. Relatório de pesquisa PUC-Rio/FINEP. Rio de Janeiro: FINEP, 1986.

PAIXÃO, Alexandro Henrique. Um público para a literatura oitocentista no Brasil: o exemplo dos emigrantes portugueses no Rio de Janeiro em 1860. **Revista Escritos**, ano 5, n. 5, p. 95-120, 2011. Disponível em: <  
[http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero05/FCRB\\_Escritos\\_5\\_6\\_Alexandro\\_Henrique\\_Paixao.pdf](http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero05/FCRB_Escritos_5_6_Alexandro_Henrique_Paixao.pdf)>. Acesso em: 04 set. 2014.

PETIT, Anne. La diffusion des savoir comme devoir positiviste. **Romantisme**, n. 65, p. 7-26, 1989.

PLEUT-DESPATIN, Jacqueline. Une contribution a l'histoire des intellectuels: les revue. **Les Cahiers de l'IHTP**, v. 20, p. 125-136, mar. 1992.

RODRIGUES, Antônio Edmilson Martins. **A modernidade carioca**: o Rio de Janeiro no início do século XX (sociedade, vida literária e mentalidades). 1986. 390 f. Tese (Livre Docência) - Departamento de História, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1987.

SÁ, Dominichi Miranda de. **A ciência como profissão**: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935). Rio de Janeiro: Ed. da Fiocruz, 2006.

SECORD, James. Knowledge in transit. **ISIS**, v. 95, n. 4, p. 654-672, dec. 2004.

SEVCENKO, Nicolau. Introdução: o prelúdio republicado, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: NOVAIS, F. A.; SEVCENKO, N. (Org.). **República**: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. V. 3, p. 7-48. (História da vida privada no Brasil; v.3).

\_\_\_\_\_. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. O fardo do homem culto: literatura e analfabetismo no prelúdio republicano. **Almanaque: Cadernos de Literatura e Ensaio**, São Paulo, n. 14, p. 80-83, 1982.

SHAPIN, Steven. Science and the public. In: OLBY, R. C. et. al. (ed.). **Companion to the history of modern science**. London: Routledge, 1990. Cap. 65, p. 990-1007.

SILVA, Henrique César de. O que é divulgação científica? **Ciência & Ensino**, v. 1, n. 1, p. 53-59, dez. 2006.

SIMÕES JUNIOR, José Geraldo. O ideário dos engenheiros e os planos realizados para as capitais brasileiras ao longo da Primeira República. **Arquitextos**, ano. 8, nov. 2007. Disponível em: < <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.090/190>>. Acesso em 10 jan. 2016.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. Por uma história política. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ: FGV, 1996. P. 231-270.

SODRÉ, Nelson W. **História da imprensa no Brasil**. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

SUSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo das letras: literatura, técnica e modernização no Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

TOMES, Nancy. The private side of public health: sanitary science, domestic hygiene, and the germ theory, 1870-1900. **Bulletin of the History of Medicine**, v. 64, n. 4, p. 509-539, 1990.

TOPHAM, Jonathan. Focus: historicizing “popular science”. **ISIS**, n. 100, n.2, p. 310-318, 2009a.

TOPHAM, Jonathan. Rethinking the history of science popularization/popular science. In: PAPANELOPOULOU, F.; NIETO-GALAN, A.; PERDIGUERO, E. (Ed.). **Popularizing science and technology in the european periphery, 1800-2000**. Cornwall: Ashgate, 2009b. Cap. 1, p. 1-20 (Science, Technology and Culture, 1700-1945).

VELLOSO, Mônica Pimenta. **Modernismo no Rio de Janeiro: turunas e quixotes**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996.

\_\_\_\_\_. Os cafés como espaço de moderna sociabilidade. In: LOPES, Antônio Herculano (Org.). **Entre Europa e África: a invenção do carioca**. Rio de Janeiro: Ed. Casa de Rui Barbosa, 2000. P. 231-245.

VENÂNCIO, Giselle Martins. Ler ciência no Brasil do século XIX: a Revista Popular, 1859-1862. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 20, supl., p. 1153-1162, nov. 2013. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v20s1/0104-5970-hcsm-20-s-1153.pdf> >. Acesso em 17/12/2014.

VERGARA, Moema. Ensaio sobre o termo ‘vulgarização científica’ no Brasil do século XIX. **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 137-145, jul./dez. 2008.

\_\_\_\_\_. **A Revista Brasileira: vulgarização científica e construção da identidade nacional na passagem da Monarquia para a República**. 2003. 234 f. Tese (Doutorado em História Social da Cultura) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <[http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=9916162\\_03\\_Indice.html](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=9916162_03_Indice.html)>. Acesso: 05 ago. 2015.

ANEXO 1 – Colaboradores das Revistas *Kósmos*, *Renascença* e *Século XX*

Nome	Instituição	Revista	Tipo de Vínculo	Biografia
<b>Abreu Fialho</b> (José Antônio A. F.)	Academia Nacional de Medicina / Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro	Renascença	Colaborador regular	(1874-1940). Fez o ensino secundário no Colégio Pedro II e cursou medicina na Faculdade de Medicina. Foi professor e diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Membro da Academia Nacional de Medicina (Cadeira n. 71) e fundador da Sociedade Brasileira de Oftalmologia (1922) <sup>G</sup> .
<b>Afonso Celso</b> (de Assis Figueredo Junior)	IHGB - ABL	Kósmos – Renascença – Século XX	Colaborador eventual	(1860-1938). Advogado formado pela Faculdade de Direito de São Paulo. Filho do Visconde de Ouro Preto. Membro fundador da ABL (cadeira 36) e sócio do IHGB desde 1892 <sup>B</sup> .
<b>Alcibíades Furtado</b>	IHGB	Renascença	Colaborador regular	(1862-?). Advogado, sócio do IHGB a partir de 1905.
<b>Alfredo Lisboa</b>		Kósmos – Renascença	Colaborador eventual	(1874-?) Advogado formado pela Faculdade de Direito de São Paulo.
<b>Alípio de Miranda Ribeiro</b> (Jurema)	Museu Nacional	Kósmos	Colaborador – Cronista de expedição	(1874-1939). Fez o ensino secundário no Mosteiro de São Bento e cursou medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi auxiliar de Domingos Freire no Museu Nacional, onde entrou aos 20 anos como preparador interino da seção de zoologia e em 1897 tornou-se, por concurso, naturalista desta instituição. Desde o final de 1880, foi colaborador de revistas e jornais no Rio de Janeiro <sup>E</sup> .
<b>Antônio Cícero</b>		Século XX	Diretor	
<b>Arthur Azevedo</b> (A. Nebantino Gonçalves de A.)	ABL	Kósmos – Renascença – Século XX	Colaborador regular sobre teatro e	(1855-1908). Foi amanuense do Ministério da Fazenda. Um dos mais famosos teatrólogos e jornalista

			literatura	do seu tempo. Acadêmico fundador da ABL (cadeira n. 29) <sup>B</sup> .
Arthur Ferreira Machado de Guimarães	IHGB	Renascença	Colaborador eventual	?
<b>Augusto Malta</b> (A. César M. de Campos)	Prefeitura RJ	Kósmos - Renascença	Fotógrafo	(1864-1957). Foi fotógrafo oficial da cidade do Rio de Janeiro de 1903 a 1936 <sup>D</sup> .
<b>Benevenuto Berna</b>	ENBA	Kósmos - Século	Ilustrador – Diretor artístico	(1868-1940). Escultor formado pela ENBA.
<b>Capistrano de Abreu</b> (João C. Honório de A.)	IHGB	Kósmos	Colaborador regular	(1839-1927). Coursou humanidades em Recife. Em 1875 mudou-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou na Livraria Garnier e participou da imprensa diária da cidade. Em 1879 ingressou na Biblioteca Nacional e saiu em 1883, para lecionar no Colégio Pedro II, cátedra de corologia e história do Brasil. Em 1887 ingressou como membro do IHGB <sup>K</sup> . <i>Iniciou seus estudos sobre história nacional da perspectiva positivista, porém após abandona esta linha para seguir a corrente alemã de realismo histórico</i> .
<b>Carlos Seidl</b> (C. Pinto S.)	Academia Nacional de Medicina	Renascença	Colaborador eventual	(1867-1929). Formou-se médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi Diretor do Hospital São Sebastião e ingressou na Academia Nacional de Medicina em 1895 (Cadeira n. 17) <sup>L</sup> .
<b>Clóvis Bevilacqua</b>	ABL	Renascença	Colaborador eventual	(1859-1944). Advogado formado pela Faculdade de Direito do Recife. Foi professor de Filosofia da Faculdade de Recife, e elaborou o anteprojeto do Código Civil Brasileiro. Membro fundador da ABL (cadeira n. 14) <sup>B</sup> . (1864-1934). Coursou o ensino secundário no

<b>Coelho Neto</b> (Henrique Maximiano C. N.)	ABL	Kósmos – Renascença – Século XX	Colaborador regular	Colégio Pedro II, e direito na Faculdade de São Paulo e na Faculdade de Recife. Foi professor da Escola Nacional de Belas Artes, professor do Ginásio Nacional (Colégio Pedro II) e diretor da Escola de Artes Dramáticas. Romancista e teatrólogo, foi membro fundador da ABL (Cadeira n. 2) <sup>B</sup> .
<b>Dionísio Cerqueira</b> (D. Evangelista de Castro C.)	Major – Deputado Federal	Kósmos	Colaborador – Cronista de expedição	(1847-1910). Formou-se em engenharia militar, ciências e matemática pela Escola Militar do Rio de Janeiro. Veterano da Guerra do Paraguai, participou da Comissão de Limites Brasil-Venezuela (1879), Comissão de Limites Brasil-Argentina (1886-1889), consultor técnico dos limites entre Brasil e Uruguai (1890). Ministro de Relações Exteriores e de Guerra do governo Prudente de Moraes. Chefiou a Comissão de demarcação dos limites entre Brasil e Argentina (1901) <sup>J</sup> .
<b>Domingos Olímpio</b> (Braga Cavalcanti)		Kósmos – Século XX	Colaborador regular	(1851-1906). Formado pela Faculdade de Direito do Recife. Atuava como jornalista em jornais diários e revistas da Capital Federal. Candidatou-se à ABL, mas foi derrotado por Mário de Alencar. É autor de <i>Luzia Homem</i> .
<b>Eduardo Socrates</b> (E. Arthur S.)	Escola Militar	Kósmos	Colaborador – Cronista de expedição	(1860-?). Formou-se pela Escola Militar do Rio de Janeiro em engenharia militar, ciências, física e matemática. Participou da construção da linha telegráfica Uberaba-Cuiabá. Major, foi diretor responsável pela distribuição telegráfica de Goiás

				(1892) e a partir de 1898, professor da Escola Militar de Realengo. Assumiu alguns cargos legislativos e em 1892, publicou um artigo na Revista do IHGB com verbetes indígenas <sup>J</sup> .
<b>Elysio de Carvalho</b>		Kósmos – Renascença	Colaborador regular	(1880-1925). Ensaísta, cronista, poeta e tradutor alagoano. Fazia parte do grupo boêmio de João do Rio <sup>K</sup> .
<b>Emílio de Menezes</b>		Kósmos	Colaborador regular	(1866-1918). Jornalista e poeta (simbolista), por seguir um estilo boêmio de vida não foi membro fundador da ABL, só fazendo parte desta instituição em 1914 (Cadeira 20) <sup>B</sup> .
<b>Euclides da Cunha</b> (E. Rodrigues Pimenta da C.)	ABL	Kósmos	Colaborador eventual	(1866-1909). Estudou na Escola Militar da Praia Vermelha, na Escola Politécnica e Escola Superior de Guerra, todas no Rio de Janeiro, onde cursou Engenharia Militar e recebeu título de bacharel em matemática, ciências naturais e física. Foi engenheiro do Exército até 1896. Jornalista e ensaísta, toma posse na ABL em 1906 (Cadeira n. 7) <sup>B</sup> .
<b>Eugênio Bevilacqua</b>		Renascença	Proprietário	(-1908). Tipógrafo/editor na área musical.
<b>Eunápio Deiró</b> (Pedro E. da Silva D.)		Renascença	Colaborador regular	(1849-1909) Bacharel em direito, e atuou intensamente como jornalista no Rio de Janeiro.
<b>Everardo Backheuser</b>		Renascença	Colaborador regular	(1879-1951). Engenheiro e geólogo. Formado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Membro fundador da Academia Brasileira de Ciências.
<b>Felix Pacheco</b> (José F. Alves Pacheco)	Serviço de Identificação	Kósmos	Colaborador eventual	(1879-1935). Advogado formado pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Foi fundador e diretor do Instituto de

				Identificação e Estatística do Distrito Federal (1902) <sup>D</sup> .
<b>Fernandes Figueira</b> (Antônio F. F.)	Academia Nacional de Medicina - IHGB	Século XX	Colaborador eventual	(1863-1928). Médico formado pela Faculdade de Medicina. Foi membro e diretor da Academia Nacional de Medicina, a partir de 1903. Membro do IHGB e figura importante no estabelecimento da pediatria no Brasil <sup>1</sup> .
<i>Fritz Muller</i>	<i>Colégio Liceu (Blumenau)</i>	<i>Kósmos</i>	<i>Reprodução de textos</i>	(1822-1897). <i>Naturalista na área de botânica, foi professor e principal defensor do darwinismo, com a publicação do livro "Für Darwin" (1864).</i>
<b>Francisco Behring</b>	Escola Politécnica de São Paulo	Kósmos	Colaborador eventual	(1867-1924). Formado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Foi professor da Escola Politécnica do RJ e Diretor do Serviço de Telégrafos.
<b>Gil</b> (Carlos Lenoir)		Kósmos	Colaborador regular – cronista	(1878-1906). Reconhecido como caricaturista, atuou intensivamente na imprensa carioca entre 1903 e 1906.
<b>Gonzaga Duque</b> (Luiz G. D. Estrada)		Kósmos - Renascença	Cronista da Kósmos e colaborador regular sobre artes plásticas	(1863-1911) Crítico de arte, jornalista, contista, historiador, romancista (simbolista). Um dos mais importantes jornalistas e críticos de artes do período <sup>C</sup> .
<b>Guilherme Gainsly</b>	São Paulo Tramway Light and Power Company	Kósmos	Fotógrafo	(1843-1928) Fotógrafo da São Paulo Tramway Light and Power Company <sup>C</sup> .
<b>H. Widman Laemmert</b>	IHGB	Século XX	Diretor	Segunda geração da família Laemmert, proprietário da Livraria e Tipografia Laemmert.
<b>Heitor Malaguti</b> (Ettore Malaguti)	ENBA	Kósmos	Colaborador - Artes	(1871-1925). Pintor e poeta <sup>C</sup> .
<b>Henrique Bernadelli</b>	ENBA	Renascença	Diretor Renascença	(1858-1936) Pintor e desenhista formado na Academia Imperial de Belas Artes. Pensionista em Roma de 1878 a 1886. Entre 1891 e 1905 foi professor da Escola Nacional de Belas Artes <sup>C</sup> .



<b>João Barbosa Rodrigues</b>	Jardim Botânico do Rio de Janeiro	Renascença	Colaborador eventual	(1842-1909). Coursou o Instituto Comercial e lecionou Desenho no Colégio Pedro II. Foi diretor do primeiro Jardim Botânico de Manaus e, em 1892, assumiu a direção do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Além de botânica, estudou paleontologia, arqueologia, etnografia, geografia e zoologia <sup>K</sup> .
<b>João de Barros</b>		Renascença	Cronista	? (1881-1921). Estudou em casa com o educador e positivista Alfredo Coelho Barreto. Aos 16 anos participa como colaborador do jornal <i>Cidade do Rio</i> , integrando o grupo de José do Patrocínio. Em 1907 ingressou como sócio do IHGB e em 1910 tomou posse na ABL (Cadeira n. 26) <sup>B</sup> .
<b>João do Rio</b> (pseudônimo de João Paulo Emilio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto)		Kósmos - Renascença	Colaborador de literatura	(1870-1926). Estudou no Richmond College. Tipógrafo, editor da <i>Fon-fon, Careta</i> .
<b>Jorge Schmidt</b>		Kósmos	Proprietário e diretor	(1857-1916). Iniciou, mas não finalizou, curso na Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Atuou como jornalista, crítico literário e educador. Foi diretor de Instrução Pública no Pará (1880-1891), professor da Escola Normal e do Ginásio Nacional a partir de 1891. Foi diretor da terceira fase da <i>Revista Brasileira</i> . Foi membro fundador da ABL (Cadeira n. 18) <sup>B</sup> .
<b>José Veríssimo</b> (J. V. Dias de Mattos)	ABL	Kósmos - Renascença	Colaborador regular	(1877-1957). Foi aluno da ENBA e litógrafo da Imprensa Nacional. Participou, como caricaturista, das principais revistas do Rio de Janeiro, além de ter atuado na publicidade, com a ilustração de cartazes, e na edição de capas
<b>K.Lixto</b> (Calisto Cordeito)		Kósmos	Ilustrador	

				de livros <sup>C</sup> . (1848-1908). Engenheiro belga e astrônomo, do Imperial Observatório do Rio de Janeiro, a partir de 1876 e diretor a partir de 1881 até 1908. Foi professor de astronomia e geodesia da Escola Militar. Chefiou a Comissão Exploradora do Planalto Central (1892) e a Comissão de Limites entre Brasil e Bolívia (1901) <sup>F</sup> .
<b>L. Cruls</b> (Louis Ferdinand Cruls)	Observatório Nacional	Renascença	Colaborador regular	
<b>Leite Velho</b> (Bernardo Antônio Teixeira de Moraes L. V.)	IHGB	Renascença – Século XX	Colaborador regular	(1824-1915). Português, formado em direito pela Universidade de Coimbra.
<b>Luiz Betim Paes Leme</b>		Século XX	Colaborador eventual	(1847-1904) Engenheiro formado pela Escola Politécnica.
<b>Luís Musso</b>		Kósmos	Fotógrafo	(?-1908). Fotógrafo de origem italiana, muito requisitado pela elite política e cultural do Rio de Janeiro. Atuou como fotógrafo para documentação dos prédios da Avenida Central, entre 1903-1906 <sup>C</sup> .
<b>Mario Behring</b> (M. Marinho de Carvalho B.)	Biblioteca Nacional	Kósmos	Diretor até 1905	(1876-1933) Estudou no Ginásio Nacional e na Escola Agrícola da Bahia. Em 1902, ingressou por concurso na Biblioteca Nacional, onde ocupou o cargo de Chefe da Seção de Manuscritos e posteriormente de Diretor da Biblioteca Nacional.
<b>Mário Pederneiras</b> (M. Veloso Paranhos P.)		Kósmos - Renascença	Colaborador eventual	(1868-1915). Poeta simbolista, com grande participação na imprensa carioca <sup>D</sup> .
<b>Marc Ferrez</b>		Kósmos	Fotógrafo	(1843-1923) Fotógrafo, participou da Comissão Geológica do Império

				e documentou as obras de construção da Avenida Central (1903-1906), que publicou em 1907 <sup>D</sup> .
<b>Max Fleuiss</b>	IHGB	Renascença – Século XX	Redator-chefe da Renascença durante o ano de 1906 – Diretor da Século XX	(1868-1943). Foi membro e secretário do IHGB. Colaborava para a imprensa do Rio de Janeiro <sup>A</sup> .
<b>Miguel Couto</b> (M. Oliveira C.)	Academia Nacional de Medicina – Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro	Kósmos	Colaborador eventual	(1865-1934). Coursou medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Tornou-se membro da Academia Brasileira de Medicina em 1897. Foi professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e médico da Santa Casa da Misericórdia <sup>I</sup> .
<b>Nina Rodrigues</b> (Raimundo N. R.)	Faculdade Medicina da Bahia	Kósmos	Colaborador eventual	(1862-1906). Médico formado pela Faculdade de Medicina da Bahia e doutorado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi professor da Faculdade de Medicina da Bahia. Foi membro honorável da Academia Brasileira de Medicina <sup>G</sup> .
<b>Olavo Bilac</b> (O. Braz Martins dos Guimarães B.)	ABL	Kósmos	Cronista	(1865-1918). Iniciou os cursos de medicina (Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro) e direito (Faculdade de Direito de São Paulo), mas não os finalizou. Dedicou-se desde cedo ao jornalismo, é reconhecido pela poesia (parnasiana) e pela produção de crônicas nos principais jornais da cidade do Rio de Janeiro. Foi membro fundador da ABL (Cadeira n. 15) e em 1913 foi eleito, por concurso da revista Fon-fon, o <i>Príncipe dos Poetas</i> <sup>B</sup> .
				(1851-1915). Geólogo e geógrafo norte-americano. Integrou a Expedição Geológica

<b>Orville Derby</b> (O. Adalbet D.)		Renascença	Colaborador eventual	do Império, foi naturalista do Meu Nacional até 1890 e participou de expedições geológicas em São Paulo, Minas Gerais e Bahia. Fazia parte do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro <sup>K</sup> .
<b>Pandiá Calógeras</b>		Século XX	Colaborador eventual	1870-1934, Engenheiro pela Escola de Minas de Ouro Preto. Político (1843-1913). Formou-se em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Atuou como médico-higienista e educador. Era membro honorário do IHGB <sup>A</sup> .
<b>Pires de Almeida</b> (José Ricardo)	IHGB	Renascença – Século XX	Colaborador regular	(1846-1938). Formado em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi diretor da Biblioteca Nacional (1870-1882), preceptor dos filhos do Conde D'Eu, e sócio do IHGB <sup>A</sup> .
<b>Ramiz Galvão</b> (Benjamin Franklin R. G.)	IHGB	Renascença	Colaborador regular	(1874-1946). Nascido no estado do Maranhão. Professor, jornalista e poeta.
<b>Reis Carvalho</b> (Antônio R. C. – pseudônimo: Oscar d'Alva)		Kósmos	Colaborador eventual	(1861- ?) Alemão, dedicou-se à espeleologia e à arqueologia
<b>Ricardo Krone</b> (Sigismund Ernst Richard Krone)	British Museum (?), Museu Paulista	Kósmos	Colaborador eventual - geologia	(1857-1933) Foi professor da Escola Normal e do Ginásio Nacional (Colégio Pedro II). Sócio do IHGB a partir de 1900 e tomou posse na ABL em 1933 (Cadeira n. 39) <sup>B</sup> .
<b>Rocha Pombo</b> (José Francisco da R. P.)	IHGB	Kósmos – Renascença	Colaborador eventual	(1857-1941). Foi aluno do Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro e formou-se pintor pela Academia Imperial de Belas Artes. Foi pensionista em Paris, durante os anos de 1879 e 1887. Foi vice-diretor da Academia Nacional de
<b>Rodolpho Amoedo</b>	ENBA	Kósmos	Colaborador - Artes	

				Belas Artes a partir de 1893 <sup>C</sup> .
<b>Rodolpho Bernardelli</b> (José Maria Oscar R. B.)	ENBA	Kósmos		(1852-1931). Escultor formado pela Academia Imperial de Belas Artes. Pensionista em Roma entre os anos de 1877 e 1884. Diretor da Escola Nacional de Belas Artes entre os anos de 1890 e 1915 <sup>C</sup> .
<b>Rodrigo Octávio</b> (R. O. de Langgaard de Meneses)	ABL	Kósmos - Renascença	Colaborador da Kósmos – Diretor e Redator-chefe Renascença	(1866-1944). Estudou na Faculdade de Direito de São Paulo. Foi secretário do governo de Prudente de Moraes, professor da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro (1896). Foi representante do Brasil em questões sobre direito internacional. Foi 1º vice-presidente do IHGB. Membro fundador, subsecretário e, posteriormente, diretor da ABL (Cadeira n. 35) <sup>B</sup> .
<b>Sérgio de Carvalho</b> (Domingos S. C.)	Museu Nacional/Setor de Antropologia, Arqueologia e Etnologia	Kósmos	Colaborador regular	(1866-1924). Engenheiro agrônomo, naturalista e professor do Museu Nacional, a partir de 1895, nas áreas de agricultura, antropologia e etnografia <sup>E</sup> .
<b>Sílvio Romero</b> (S. Vasconcelos da Silveira Ramos R.)	ABL	Renascença – Século XX	Colaborador eventual	(1851-1914). Coursou o ensino secundário no Ateneu Fluminense e formou-se em direito pela Faculdade de Direito de Recife. Membro fundador da ABL (Cadeira n. 17) <sup>B</sup> .
<b>Vieira Fazenda</b> (José V. F.)	IHGB	Kósmos – Renascença – Século XX	Colaborador regular	(1874-1917). Formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi médico da Santa Casa da Misericórdia e bibliotecário do IHGB <sup>K</sup> .

<sup>A</sup> INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO; <sup>B</sup> ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS; <sup>C</sup> ITAÚ CULTURAL; <sup>D</sup> ABREU (201-?), <sup>E</sup> Arquivo Museu Nacional, <sup>F</sup> MOURÃO (s.d); <sup>G</sup> SOCIEDADE BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA MEDICINA; <sup>I</sup> ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA; <sup>J</sup> HILTON (1948-1951); <sup>K</sup> ERMAKOFF (2012).